

UNIVERSIDADE ABERTA



O SENTIDO DA VIDA:
análise retórico-discursiva de discursos inspiradores

Sónia Maria Daniel de Melo Ochôa

Mestrado em Estudos da Língua Portuguesa – Investigação e Ensino

2019

UNIVERSIDADE ABERTA



O SENTIDO DA VIDA:
análise retórico-discursiva de discursos inspiradores

Sónia Maria Daniel de Melo Ochôa

Mestrado em Estudos da Língua Portuguesa – Investigação e Ensino
Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Roboredo Seara

2019

Resumo em português

Com o título *O Sentido da vida* inspirado no discurso proferido por Manuel Forjaz, o presente estudo tem como objeto de investigação discursos inspiradores que visam “não só a comunicação de ideias, pensamentos e sentimentos, mas também a persuasão e o convencimento de interlocutores” (Silva, 2006: 2), no que diz respeito ao sentido da vida: ao que cada um fez e/ou faz ou deverá fazer para atingir aquilo que pretende.

Os discursos são analisados do ponto de vista retórico-discursivo. Assim, parte-se da análise de um *corpus* textual, selecionado a partir do tema base – “o sentido da vida”, verificando a legitimidade e a credibilidade de cada orador e as estratégias utilizadas por cada um para transmitir a sua mensagem. Neste sentido, procede-se ao recenseamento dos atos de fala, dos recursos expressivos e dos aforismos convocados em cada discurso.

Na primeira parte, apresenta-se o enquadramento teórico no que concerne à linguagem, à argumentação e à teoria dos atos de fala, fazendo-se, também, uma revisão da literatura relativa à legitimação, à credibilidade e à captação. A especificidade do *corpus* textual leva à abordagem de conceitos ligados à autobiografia e à enunciação aforística.

Os procedimentos de análise adotados, tendo em conta os discursos selecionados, são abordados na segunda parte.

A terceira parte é dedicada à análise das estratégias utilizadas por cada orador para transmitir a sua mensagem sobre o sentido da vida.

Palavras-chave: O Sentido da Vida - Discursos – Argumentação – Recursos linguísticos – Autobiografia

Abstract

With the title “The Sense of Life” inspired by the speech of Manuel Forjaz, this study has as its object of investigation inspiring speeches. This inspiring speeches aimed at “not only the communication of ideas, thoughts and feelings, but also the persuasion and convincing of interlocutors” (Silva, 2006: 2), regarding the meaning of life: what each one does, did or should do to achieve what they want.

The speeches are analyzed from the rhetorical-discursive point of view. Thus, we start from the analysis of a textual corpus, selected from the basic theme - “the meaning of life”, verifying the legitimacy and credibility of each speaker and the strategies used by each one to convey his message. In this sense, we test and confirm the speech acts, expressive resources and aphorisms summoned in each speech.

In the first part, we present the theoretical framework regarding language, argumentation and theory of speech acts. We also analyze the theoretical framework of the literature concerning legitimation, credibility and capture. The specificity of the textual corpus leads to the approach of concepts related to autobiography and aphoristic enunciation.

The analysis procedures adopted, concerning the study of the selected speeches, are pointed in the second part.

The third part is dedicated to analyzing the strategies used by each speaker to convey their message about the meaning of life.

Keywords: The Meaning of Life - Speeches - Argumentation - Language Resources – Autobiography

DEDICATÓRIA

Aos meus avós e aos meus pais pelos princípios, valores e pelo exemplo de vida.

“O sentido da vida é uma coisa que se constrói todos os dias e sobretudo o sentido da vida é uma coisa que se constrói todos os dias com as pessoas que mais gostamos. ”

António Forjaz

AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de agradecer a todos os que deram e dão *sentido à minha vida* e sem os quais não teria terminado este trabalho.

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Isabel Roboredo Seara não só pela disponibilidade e por todos os contributos, mas, e sobretudo, porque foi a “iniciadora” desta tese. Foi a professora que fez nascer em mim esta ideia de ler “com outros olhos” diversos discursos, alterando assim, e sem se dar conta, o caminho e o fim que sempre considerei que seria a minha tese de mestrado.

À Sílvia e à Ana Paula que me incentivaram e iniciaram neste mestrado e me acompanharam na sua concretização. À amizade.

Ao Rui pelos almoços e jantares, mas também, e sobretudo, pela alegria, pelo sorriso e pela amizade.

Aos meus colegas da escola que em mim pensaram em muitas ocasiões.

Às minhas irmãs, Paula, Paula e Lena, aos meus sobrinhos e aos tios e primos pela união, pelas gargalhadas e pela força que somos.

Ao Pedro pelo enorme carinho, pelo incentivo constante e pelas leituras e correções que fez aos meus trabalhos.

ÍNDICE

Resumo	iii
Abstract	iv
Dedicatória	v
Agradecimentos	vi
Índice	vii
Introdução	1
Parte 1	3
1 Enquadramento Teórico	4
1.1. A linguagem	4
1.2. O eu e o tu e o contexto	5
1.3. A teoria dos atos de fala	11
1.4. Legitimação, credibilidade e captação	16
1.5. A argumentação	25
1.6. Estratégias linguísticas	36
1.7. Estratégias autobiográficas	40
1.8. A enunciação aforística.....	43
PARTE II	47
Metodologia	48
PARTE III	51
Análise do Corpus	52
Quadro Síntese	87
Considerações finais	88
Referências bibliográficas	91
Anexos	103
<u>Discursos Ignite /TedEX</u>	
A -Discurso de Manuel Forjaz	104
B – Discurso de António Forjaz	106

Discursos de formatura

C- Discurso de Steve Jobs 110

D - Discurso de Michelle Obama 121

Discurso religiosos

E - Discurso do Papa Francisco 136

F - Discurso de Dalai Lama..... 142

INTRODUÇÃO

*Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai palavras,
sois o vento, ides no vento,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!
Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!
Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta; (...)*

(Cecília Meireles, 1985: 442)

Convoco, em epígrafe, na abertura deste trabalho um poema de Cecília Meireles sobre ‘a palavra’ que faz todo o sentido uma vez que o que me trouxe aqui, a estas inúmeras folhas de papel, fruto de muito trabalho, foi mesmo ‘a palavra’.

Quando iniciei este mestrado, a escolha mais natural para um projeto de investigação recairia, pensava eu, sobre a temática da escrita e a ligação desta à minha atividade profissional. Entretanto, as leituras realizadas e os trabalhos elaborados, ao longo do primeiro ano deste ciclo de estudos, sobretudo no que à disciplina de Conhecimento Explícito da Língua dizem respeito, levaram-me a enveredar por um caminho diferente, longe, ou talvez não, do que esteve sempre subjacente à escolha deste mestrado.

Os trabalhos referidos anteriormente fizeram-me tomar contacto com discursos inspiradores de diferentes personalidades e a investigação em termos retórico-discursivos sobrepôs-se, então, a qualquer outro tema.

Assim, esta dissertação tem como objeto de investigação discursos inspiradores que visam “não só a comunicação de ideias, pensamentos e sentimentos, mas também a persuasão e o convencimento de interlocutores” (Silva: 2006: 2), no que diz respeito ao sentido da vida: ao que cada um fez e/ou faz ou deverá fazer para atingir aquilo que pretende.

Os discursos serão estudados do ponto de vista retórico e pragmático, ou seja, ter-se-á em conta as estratégias discursivas utilizadas para transmitir determinada mensagem, quem a profere e a quem se destina, os elementos sociais, culturais e históricos que os envolvem, o contexto em que é proferida e os objetivos e/ou as consequências da mesma.

De acordo com Charaudeau (2009a)¹, todas as relações sociais implicam relações de influência entre pelo menos duas pessoas, cada uma delas com a sua consciência de sujeito falante. Esta questão da influência ou da “manipulação” (Charaudeau, 2009b:1)² assume particular interesse quando nos debruçamos sobre discursos públicos.

Que estratégias utiliza o sujeito de enunciação para captar a atenção do outro? A resposta a esta questão encontramos-na na retórica, na “arte de bem falar” que implica, de acordo com Aristóteles, o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, ou seja, a honestidade e autoridade de quem fala, a capacidade de persuasão ou de sedução do outro e a clareza do discurso. Assim, um dos objetivos deste trabalho será o de analisar, em cada um dos discursos, as estratégias utilizadas pelos locutores para transmitirem “le bien, le juste et le vrai” (Aristóteles *apud* Charaudeau, 2009b: 1).

Para atingir este objetivo, estudar-se-á o que legitima cada orador, a sua credibilidade, ou seja, o *ethos*, e as estratégias utilizadas para transmitir a sua mensagem. Neste sentido, aplicar-se-á a teoria dos atos de fala, tentando perceber quais são os atos dominantes e verificar-se-á os recursos expressivos e os aforismos convocados.

No que diz respeito à organização, este trabalho encontra-se dividido da seguinte forma: na parte I, será feito um enquadramento teórico; a segunda parte será dedicada à metodologia de trabalho; e, na terceira parte, analisar-se-á o *corpus* selecionado. Por fim, ainda na parte III, apresentam-se as considerações finais sobre a análise retórico-discursiva dos discursos inspiradores selecionados.

¹ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite,217.html> [27 de maio de 2018]

²² Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/Le-discours-de-manipulation-entre.html> [12 de maio de 2018]

PARTE I

Dès l'instant que l'on parle, apparaît, transparait, émerge de soi une partie de ce que l'on est à travers ce que l'on dit. Cela peut être calculé, mais la plupart du temps cela se fait à notre insu, voire, parfois, malgré nous.

(Charaudeau, 2015: 4)

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. A linguagem

Começemos com a definição de linguagem proposta por Adriano Duarte Rodrigues.

A linguagem é sempre um processo interlocutivo. Nunca falamos sozinhos. Mesmo quando não estamos na presença física de outras pessoas e quando, no silêncio do nosso quarto, as nossas palavras parecem não se dirigir a ninguém, o nosso discurso visa sempre um ou mais interlocutores, reais ou virtuais.

(Adriano Rodrigues *apud* Silva, 2006: 1)

A linguagem é uma ferramenta fundamental para a comunicação que possui um sistema organizado de regras e pressupõe o conhecimento de todo um sistema de símbolos e dos seus significados. No seu interior, o discurso é “um dispositivo de constituição de sentido e das relações interlocutivas, visando não só a comunicação de ideias, pensamentos e sentimentos, mas também a persuasão e o convencimento de interlocutores” (Silva, 2006: 2). A linguagem é fundamental para a construção e evolução da humanidade e não pode opor-se à comunicação. Sendo fundamental para a comunicação, a linguagem é essencialmente indispensável para o processamento das informações (Sperber, 2001: 262).

Ferdinand de Saussure veio transformar a linguística, ciência que estuda a linguagem, ao fazer a distinção entre língua, linguagem e fala e, mais do que transformar, veio associar à linguística uma outra ciência, a sociologia, definindo língua como o aspeto social da linguagem e fala como o aspeto individual.

É este aspeto social da linguagem que está na base deste trabalho. Tal como Meillet refere

se o meio no qual evolui a linguagem é um meio social, se o objeto da linguagem é permitir relações sociais, se a linguagem só é mantida e conservada por estas relações, se, enfim, os limites das línguas tendem a coincidir com os dos grupos sociais, é evidente que as causas das quais dependem os factos sociais devem ser de natureza social³

(Meillet, 1906: 3)

Meillet aponta, assim, para a importância da linguagem enquanto motor social e para a relação que existe entre a modificação do sentido das palavras e cada indivíduo que se insere num, ou mais do que um, grupo social.

³ Tradução nossa.

Estes pressupostos levam-nos, assim, à abordagem da importância da relação entre um *eu*, um *tu* e o contexto em que se insere o ato comunicativo.

1.2. O *eu* e o *tu* e o contexto

A comunicação pressupõe um *eu* e um *tu* que, além do conhecimento de um conjunto de signos comuns, têm de fazer uso do contexto:

Il ne suffit pas de choisir des éléments corrects et d'exprimer l'énoncé correctement, mais il faut également connaître le contexte où l'on est et adapter sa façon de parler/écrire dans ce contexte précis. Ce faisant, nous utilisons, sans souvent le savoir, notre connaissance pragmatique de la langue, une compétence linguistique indispensable et souvent inconsciente.

(Seara, 2017: 111)

De acordo com Moeschler e Reboul (1998: 3), para comunicarmos não basta interpretarmos linguisticamente o que ouvimos. Não se trata apenas de um processo de codificação / decodificação de uma mensagem, de conhecer a fonologia, a sintaxe e a semântica. É necessário, também, utilizarmos o contexto do seu uso.

Para uma melhor compreensão da linguagem e do seu contexto, gênese deste trabalho, é necessário recorrermos à pragmática linguística, ou seja, ao estudo da linguagem em uso: às vertentes sintáticas, semânticas, sentido original da pragmática, e, mais recentemente, às vertentes comunicacionais, filosóficas, psicológicas e semióticas.

La pragmática es, por tanto, una disciplina que toma en consideración los factores extralingüísticos que determinan el uso del lenguaje, precisamente todos aquellos factores a los que no puede hacer referencia un estudio puramente gramatical: nociones como las de emisor, destinatario, intención comunicativa, contexto verbal, situación o conocimiento del mundo van a resultar de capital importancia.

(Escandell, 1996: 14)

Foi Grice, filósofo americano, que, em 1967, abandonou a ideia de que a comunicação linguística se faz apenas a partir de um processo de codificação e decodificação e lhe acrescenta um novo fator, a questão das inferências. Assim, ao comunicar, o enunciador utiliza um código linguístico, mas fornece também evidências da sua intenção comunicativa as quais devem ser suficientes para guiar o ouvinte na compreensão da mensagem, ou seja, o ouvinte infere essas evidências e assim se chega a uma comunicação bem-sucedida.

“Haga que su contribución a la conversación sea, en cada momento, la requerida por el propósito o la dirección del intercambio comunicativo en que está usted involucrado.” (Grice *apud* Escandell, 1996: 78). Para Grice, a comunicação inferencial rege-se pelo

princípio da Cooperação, uma condição preparatória para todos os falantes, e desenvolve-se pelas máximas conversacionais de Quantidade, de Qualidade, de Relação e de Modo. A violação de uma destas máximas pode impedir que a comunicação se realize plenamente. Estas máximas, por sua vez, subdividem-se em máximas mais específicas. Assim, a máxima de Quantidade relaciona-se com a quantidade de informação que se deve dar, envolvendo a noção de que o enunciado deve conter apenas as informações necessárias à comunicação. Grice aponta assim o seguinte:

“a) que su contribución sea todo lo informativa que requiera el propósito del diálogo; pero b) que su contribucion no sea más informativa de lo necessário.” (Escandell, 1996: 79)

A máxima de Qualidade, de acordo com Grice, contempla a noção de que a contribuição dada deve ser sempre verdadeira:

“a) no diga algo que crea falso.

b) no diga algo de lo que no tenga pruebas suficientes.” (*ibidem*)

A relevância da contribuição dada insere-se na máxima de Relação que contém apenas uma máxima: “Diga cosas relevantes” (*ibidem*)

Finalmente a última máxima, a máxima de Modalidade, contempla a forma como se comunica, implicando a clareza do enunciado, resumido, de acordo com Grice, no seguinte: “Sea claro” (*ibidem*). Esta vai, ainda, subdividir-se nas seguintes máximas:

- a) Evite la oscuridad de expresión.
- b) Evite la ambigüedad.
- c) Sea breve (no sea innecesariamente prolijo).
- d) Sea ordenado.

(*ibidem*)

Grice distingue, ainda, o que se diz do que se comunica, sendo o que se diz o conteúdo do enunciado, e o que se comunica, aquilo que está implícito e que Grice denomina de implicaturas que podem ser convencionais e não convencionais. Numa conversação existe cooperação entre os falantes. Estes extraem informações a partir daquilo que é dito, mas quando o que é dito não é suficiente, os falantes fazem um esforço para compreender o que o outro diz. São as chamadas implicaturas.

As implicaturas convencionais “são aquelas que derivam diretamente dos significados das palavras, e não de fatores contextuais e situacionais⁴” (Escandell, 1996: 80). As

⁴ Tradução nossa.

implicaturas não convencionais exigem a ativação de outros princípios e definem-se como conversacionais quando exigem a ativação de princípios reguladores da conversação, como por exemplo o princípio da cooperação; e não conversacionais: “cuando los principios en juego son de otra naturaleza (estética, social o moral” (*ibidem*: 81).

Além de enumerar as máximas conversacionais, Grice caracterizou, ainda, os diferentes tipos de incumprimento destas máximas e as consequências que daí podem advir. Ao poder induzir o outro em erro, enganando-o (ou correndo o risco de o fazer), o falante está a realizar aquilo a que Grice chama de “violação encoberta”. Quando o interlocutor não colabora no processo comunicativo, dá-se aquilo a que Grice denomina de “supressão aberta das máximas e dos princípios” que leva ao fim de um diálogo. Temos ainda de referir o “conflito ou colisão” entre máximas que leva à escolha de uma em detrimento de outra e o “incumprimento ou violação aberta”. Neste último caso, Grice emprega o termo *boast*, ou seja, burla ou desprezo por uma das máximas, não se verificando, neste caso, a violação total das máximas como na que se referiu anteriormente, nem se trata de uma transgressão escondida como no caso da “violação encoberta”.

No que diz respeito à realização de inferências, esta implica que o interlocutor mobilize diversas áreas do conhecimento: o da língua, o dos “actos linguísticos, conhecimento de princípios de cooperação conversacional e conhecimentos sobre o mundo” (Lima, 2006: 54), o que permitirá a compreensão da mensagem. Para isto também contribui o princípio da cooperação enunciado por Grice e recuperado por Searle, referindo-se aos atos ilocutórios indiretos (*ibidem*: 16) que retomaremos no capítulo 1.3.

Esta teoria de Grice foi, mais tarde, desenvolvida por Sperber e Wilson que referem a importância do processo de interpretação que envolve questões filosóficas e psicológicas de quem produz o discurso e de quem o interpreta. Esta teoria da relevância, desenvolvida por estes últimos, baseia-se nas expectativas criadas por um enunciado: o que representam e como contribuem para a compreensão da mensagem. Sabendo que quem comunica tem sempre uma intenção informativa – “para tornar manifesto aos seus receptores um conjunto de suposições” (Sperber, 1995: 249) - e uma intenção comunicativa – “para tornar a sua intenção informativa mutuamente manifesta” (*ibidem*: 249). Esta teoria mostra que:

no hay una correspondencia biunívoca y constante entre las representaciones semánticas abstractas de las oraciones y las interpretaciones concretas de los enunciados (esto es, en el hecho de que lo que decimos y lo que queremos decir no siempre coinciden).

(Escandell, 1996: 109)

De acordo com Sperber e Wilson “comunicar é chamar a atenção de alguém; é implicar que a informação comunicada é relevante (Sperber, 1995: 23). Este princípio da relevância é fundamental para o estudo da comunicação humana e envolve processos cognitivos de dedução e interpretação intimamente relacionados com as crenças de cada um, os conhecimentos culturais, religiosos, linguísticos entre muitos outros a que não é alheio o contexto e até o estilo:

Ao tentar conseguir a relevância como meta, o falante tem de formar suposições acerca das capacidades cognitivas e dos recursos contextuais que o ouvinte tem, coisas que serão refletidas necessariamente no modo como ela comunica, e em especial naquilo que ela quer tornar explícito e naquilo que ela quer deixar implícito.

(Sperber, 1995: 324)

Esta ideia é corroborada por Reboul e Moeschler:

Ce que le locuteur entend communiquer coïncide rarement avec ce que la phrase qu’il utilise signifie lorsqu’elle est interprétée de façon purement linguistique. Ainsi, il y a entre la signification linguistique et l’interprétation d’un énoncé de cette phrase un reste et c’est ce reste que la pragmatique doit expliquer.

(Reboul et Moeschler, s/d: 3)

Por sua vez, o linguista John Gumperz refere

Antes mesmo de decidirmos fazer numa interação, precisamos de estar preparados para fazer parte de uma interação, precisamos de inferir, nem que seja apenas em termos mais gerais, sobre de que trata a interação e sobre o que é esperado de nós.

(Gumperz, 2002: 1)

E para que isto aconteça é fundamental que o orador conheça verdadeiramente o seu auditório e se adapte a ele (Danblon, 2005: 14).

Para Charaudeau (2005b)⁵, qualquer ato de linguagem tem uma dupla dimensão: aquilo que se considera implícito e explícito, e os dois, o implícito e o explícito, são indissociáveis. O explícito relaciona-se com a atividade estrutural da linguagem (simbolização referencial) e o implícito tem a ver com o contexto. Este contexto permitirá compreender realmente a mensagem pelo que é fundamental a interação entre os dois: o explícito e o implícito. Há um saber linguístico, social, intelectual e empírico, partilhado

⁵ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/Semantique-de-la-langue-semantique.html> [25 de outubro de 2018]

pela comunidade que permite que as mensagens sejam compreendidas. Este seu modelo de comunicação implica:

l'on se pose les questions de savoir: «qui parle?», «au nom de quoi parle le sujet?» et «comment lui vient le droit à la parole», questions qui conditionnent, par voie de conséquence, le processus d'interprétation. La réponse n'est pas simple car le sujet du langage qui s'institue en *JE* se trouve pris entre trois types d'activités: activité de *relation à l'autre*, activité de *catégorisation du savoir*, activité de *sémiologisation*.

(Charaudeau, 2006⁶)

Relativamente à inferência, Charaudeau refere três tipos: a inferência do contexto, a inferência situacional e a inferência discursiva.

Uma outra implicação da comunicação relaciona-se com a colaboração do destinatário. Não podemos esquecer que:

There may be ambiguities and referential ambivalences to resolve, ellipses to interpret, and other underdeterminacies of explicit content to deal with. There may be implicatures to identify, illocutionary underdeterminacies to resolve, metaphors and ironies to interpret. All this requires an appropriate set of contextual assumptions, which the hearer must also supply.

(Sperber e Wilson *apud* Horn e Ward, 2006: 613)

Como é que se consegue, então, esta colaboração? Vamos abordar, então, a questão da cortesia. Em primeiro lugar, de referir que se trata de um conjunto de normas que diverge, ou pode divergir, de sociedade para sociedade, e que pode originar falhas na comunicação. Escandell no seu livro *Introducción a la Pragmática* (1996: 137) dá o exemplo de estudantes orientais que, numa biblioteca australiana, foram acusados de não agradecer aos bibliotecários, quando estes lhes entregavam um livro. Ora, verificou-se mais tarde que estes estudantes não o faziam, porque, na sua cultura, só se agradece após aquilo que se considera um favor e não quando se trata de uma atividade decorrente das obrigações de trabalho de uma pessoa, como era o caso dos bibliotecários.

Se, como já foi referido, o princípio da cooperação visa a transmissão eficaz de uma mensagem, o princípio da cortesia, normas de conduta, visa evitar situações de conflito, garantindo um comportamento adequado e com ela se consegue maior ou menor distância com o destinatário.

⁶ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/La-situation-de-communication.166.html> [20 de maio de 2018]

Na mesma obra de Escandell acima referenciada e que serve como “texto-base de un curso introductorio de pragmática” (*ibidem*: 8), a autora relembra duas regras básicas apontadas por Robin Lakoff: o ser claro (princípio já enunciado pela máxima de Grice) e o ser cortês. Esta última apresenta três modalidades diferentes: o não se impor, o oferecer opções e o reforçar laços: “Cada una de estas reglas tiene un ámbito de aplicación determinado, de acuerdo con cuál sea el grado de relación existente entre los interlocutores” (*ibidem*: 142).

Escandell aponta, ainda, a classificação geral de intenções ligadas ao princípio da cortesia de acordo com Leech. Este refere que a cortesia pode ser positiva ou negativa (esta última serve para minimizar ações de descortesia). Assim, segundo Leech, há atos que apoiam a cortesia (atos de agradecer ou felicitar, por exemplo), atos praticamente indiferentes à cortesia (não se verifica claramente um desequilíbrio custo/benefício para os interlocutores), atos que entram em conflito com a cortesia (“si quiere mantener-se o mejorarse la relación con el interlocutor, es necesario compensar la «descortesía» intrínseca de estas acciones por medio de otras formulas”(*ibidem*: 144 -145) e atos contra a manutenção da relação entre os interlocutores (atos ameaçadores, por exemplo) (*ibidem*). “Por supuesto, estas cuatro categorías no constituyen grupos cerrados, sino que son más bien los puntos-clave de un continuum.” (*ibidem*: 145)

Já Brown & Levinson concentram-se em duas propriedades básicas do comportamento comunicativo, a racionalidade (ligado ao princípio da cooperação) e o conceito de imagem pública (*face*) –

the public self-image that every member wants to claim for himself, consisting in two related aspects:

- (a) negative face: the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction – i.e., to freedom of action and freedom from imposition
- (b) positive face: the positive consisting self-image or ‘personality’ (crucially including the desires that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants

(Brown & Levinson, 2009: 311).

Cada indivíduo apresenta uma determinada imagem perante os outros e é do desejo de preservá-la que derivam as suas estratégias de cortesia. Estes autores partem do princípio que existe em toda a sociedade um potencial agressivo que é preciso controlar “para hacer posibles las buenas relaciones sociales” (Escandell, 1996: 148).

Por outro lado, Kerbrat-Orecchioni aponta uma perspectiva um pouco diferente e mais otimista. Mantendo a sigla FTA (*Face Threatening Act*), esta linguista francesa considera que, numa situação de comunicação, não se realizam apenas este tipo de atos – ameaças da face, os quais se tentam atenuar, mas existem aquilo a que apelidou de FFA (*Face Flattering Act*), ou seja, “Atos Valorizadores da Face”.

David Rodrigues, na sua tese de Doutoramento, considera que as formas de cortesia / descortesia pretendem fazer com que o alocutário

se aproxime ou afaste, atraí-lo ou repeli-lo, convencê-lo e persuadi-lo, provocar a sua adesão ou impedi-la, favorável ou desfavorável, relativamente a ideia, causa, acção, crença, comportamento, etc. As formas de cortesia e de descortesia servem, por isso, também efeitos retóricos e/ou argumentativos.

(Rodrigues, 2003: 22)

Estes efeitos, retóricos e/ou argumentativos das formas de cortesia, são os que nos interessam para a análise a que nos propusemos nesta dissertação.

Para terminar este capítulo, temos, apenas, que abordar o conceito filosófico de ética relativamente ao sujeito enunciador que quer transmitir uma mensagem que pretende verdadeira e justa e que foi introduzido por Koren (2008):

Le questionnement éthique accorde une place primordiale au concept de sujet perçu comme un être à la fois autonome et soumis à des contraintes, confronté à des dilemmes existentiels et responsable de ses choix. Le sujet de l'éthique se doit d'assumer la responsabilité de la véracité de ses dires, mais il est tout autant responsable de leur intégrité. Le vrai et le juste sont à ses yeux des visées concomitantes, aussi cruciales l'une que l'autre.

(Koren:2008)⁷

1.3. A teoria dos atos de fala

De quelle façon les mots se relient-ils à la réalité? Comment se fait-il que, lorsqu'un locuteur se trouve face à un auditeur, et qu'il émet une séquence acoustique, puissent se produire des faits aussi remarquables que les suivants: le locuteur a l'intention de signifier quelque chose, l'auditeur comprend ce qu'on a voulu lui signifier, le locuteur asserte, pose une question, ou donne un ordre?

(Searle: 1996, 37)

A teoria dos atos de fala nasce com Austin, em 1962, com a publicação da obra *How to do things with words*, que coloca a tónica na palavra como meio de agir. Não se trata apenas de transmitir informações através da palavra, mas, e sobretudo, de usar a palavra

⁷ Este artigo foi publicado no portal de recursos “Open Éditions”, na *Revue Électronique du Groupe ADAAR*, “Argumentation et Analyse du Discours”, disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/263> [4 de maio de 2018]

para agir sobre o mundo circundante. Esta teoria permite criar uma ligação entre a linguagem e a ação, entre o dizer e o fazer, que é fundamental para um estudo mais profundo sobre a argumentação, imprescindível no estudo a que nos propomos.

Austin distingue enunciados performativos de constativos. Os primeiros referem-se a enunciados que criam um novo estado de coisas, são parte de uma ação, e os segundos são aqueles que permitem uma análise do tipo verdadeiro/falso, descrevem uma ação ou um acontecimento.

On sait que Austin désigne de cette façon certains énoncés de forme indicative (qui se présentent donc comme des descriptions d'événements), mais qui possèdent cette propriété que leur énonciation accomplit l'événement qu'ils décrivent. Ainsi, en disant Je te promets de venir, je fais l'acte qui est mentionné dans l'énoncé, je promets.

(Searle, 1996: 11)

No caso dos enunciados performativos, critérios de felicidade e infelicidade, dependentes de determinadas condições foram adicionados, por Austin (Gouveia, 1996: 385).

Charaudeau e Maingueneau (2002: 17) registam, ainda, a teoria de Austin, na sua génese, no que diz respeito aos enunciados performativos explícitos e implícitos ou primários. Os explícitos são os que explicitam claramente, através dos verbos utilizados, a ação realizada. Sendo explícito, este ato é um ato feliz devido ao comprometimento do enunciador. Os implícitos não são tão claros, daí que fiquem dependentes da interpretação do interlocutor.

Austin refere, também, os atos locutórios - “actes de « dire quelque chose »” (*ibidem*: 17), atos ilocutórios (“actes effectués « en disant quelque chose »”, *ibidem*: 17), e atos perlocutórios (“actes effectués « par le fait de dire quelque chose »” (*ibidem*: 17)

Les actes illocutionnaires ont pour caractéristique d'être réalisés lorsqu'on émet des sons ou lorsqu'on écrit quelque chose. Quelle différence y a-t-il entre uniquement émettre des sons, ou écrire, et accomplir un acte illocutionnaire ? Première différence : on dit pour caractériser les sons ou les signes graphiques que l'on produit en accomplissant un acte illocutionnaire, qu'ils ont une signification ; seconde différence, liée à la première : on dit pour caractériser l'emploi de ces sons ou de ces signes graphiques, qu'ils sont utilisés pour *signifier quelque chose*. Lorsqu'on parle, il est caractéristique qu'on ait l'intention de signifier quelque chose parce que l'on dit ; et ce que l'on dit, la suite de sons que l'on émet, a pour caractéristique d'avoir une signification.

(Searle, 1996: 83)

Partindo da mesma ideia de Austin, de que um enunciado linguístico tem como objetivo produzir determinado efeito, Searle, discípulo de Austin, desenvolve as noções referidas

anteriormente e afirma que existem cinco categorias gerais relativamente à forma de usar a linguagem (1979: 7), não esquecendo que:

L'unité de communication linguistique n'est – comme on le suppose généralement – le symbole, le mot ou la phrase ni même une occurrence de symbole, du mot, ou de phrase, mais bien la production ou l'émission du symbole, du mot ou de la phrase au moment où se réalise l'acte de langage.

(Searle, 1996: 52)

Originalmente, considera cinco grandes categorias para os atos ilocutórios tendo em conta o “objetivo ilocutório” (Gouveia:1996: 391), a “força ilocutória” (*ibidem*) e a “condição de sinceridade, juntamente com variações referentes aos estatutos do locutor e do alocutário e as relações de poder que daí advém” (*ibidem*). Assim, Searle estabeleceu a seguinte taxinomia dos atos ilocutórios, caracterizados de acordo com o seu objetivo:

- atos ilocutórios assertivos são aqueles que “relacionam o locutor com a verdade de algo, com a verdade da proposição expressa no enunciado” (Gouveia, 1996: 392);

- atos ilocutórios diretivos - pretende-se com a realização deste ato que “o interlocutor realize uma ação (verbal ou não verbal) devido à compreensão do conteúdo proposicional do enunciado” (Silva, 2006: 15);

- atos ilocutórios compromissivos. Atos em que o locutor se compromete “com a realização de uma ação futura determinada pelo conteúdo proposicional do enunciado” (*ibidem*: 15);

- atos ilocutórios expressivos. Neste tipo de atos, o locutor exprime “o seu estado psicológico especificado na condição de sinceridade acerca de um estado de coisas que o conteúdo proposicional indica” (Gouveia, 1996: 392);

- e atos ilocutórios declarativos, quando se altera a realidade das coisas através de um ato oficial.

Esta divisão é, de acordo com Searle, empírica e coloca, à partida, um problema: há enunciados que se podem inserir em mais do que uma categoria. Um locutor pode realizar,

ao mesmo tempo, mais do que um ato de fala. Assim, conclui-se que nenhum ato de fala é estanque, uma vez que pode realizar-se de diferentes maneiras, o que leva Searle a introduzir o conceito de atos ilocutórios indiretos, aqueles em que a mensagem não é totalmente expressa ou em que não há uma correspondência direta entre o significante e o significado.

A pluralidade ilocutória, que pode suscitar problemas, no que diz respeito ao processo de descodificação da mensagem, está dependente de fatores diversos relacionados com o contexto, relações de poder, de influência e estatuto e familiaridade entre os interlocutores.

A teoria dos atos de fala de Austin e Searle tem sido alvo de algumas críticas, nomeadamente no que diz respeito à centralidade do locutor a que esta teoria dá primazia, descurando o contexto e o encadeamento discursivo, encarando os atos de fala como entidades abstratas e isoladas (Kerbrat-Orecchioni, 2012: 53). Assim, alguns linguistas, como Van Dijk ou Nef, introduziram a noção de macro-ato, para se referirem a unidades mais alargadas, que correspondem ao conteúdo global do discurso, o tópico central. Van Dijk considera, também, que um discurso tem de ser caracterizado na sua micro-estrutura (que engloba as frases e as suas ligações lineares, as relações de conexão e a coerência) e num nível global, macro, de análise. (Van Dijk, 1996: 54)

Já relativamente aos atos de linguagem, Charaudeau considera que

Todo o ato de linguagem funciona apenas em função da situação de comunicação na qual é produzido, da identidade e da interação do enunciador responsável, do assunto em causa (a tematização), e das circunstâncias materiais nas quais ele se encontra.⁸

(1998a)⁹

e distingue três pontos de vista relativamente à relação entre a língua e a ação: uma perspectiva de representação - a língua vista como forma de representar as ações dos seres humanos; uma perspectiva pragmática em que a língua é vista como “um ato dotado de força (ilocutória, perlocutória) orientado para o interlocutor”¹⁰ (Charaudeau: 2004¹¹); e uma perspectiva interacionista que liga os atos de fala às situações comunicativas.

⁸ Tradução nossa.

⁹ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau <http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-n-est-peut-etre.htm> [27 de maio de 2018]

¹⁰ Tradução nossa.

¹¹ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/Comment-le-langage-se-noue-a-l.ht> [27 de maio de 2018]

A perspectiva interacionista vem reforçar a ideia de que falar é agir ou interagir: “Tout au long du déroulement d’un échange communicatif quelconque, les différents participants exercent les uns sur les autres des influences de nature diverse.” (Kerbrat-Orecchioni, 2012: 53).

Numa interação, os interlocutores estabelecem, à partida, uma relação que pode ser horizontal (relações de distância ou de familiaridade) ou vertical (hierárquica), de acordo com Kerbrat-Orecchioni. Estas relações, dependentes de fatores externos, refletem-se no discurso e na sua organização interna, na qual os atos de fala estão implicados. “Les actes de langage constituent un réservoir de “relationèmes” aussi divers que puissants” (Kerbrat-Orecchioni, 2012: 68).

Todo o falante, para exprimir uma ideia, apela aos seus conhecimentos linguísticos e forma frases – “unidade formal, constituída por uma só palavra ou (...) por várias palavras dispostas ordenadamente, de acordo com regras sintáticas que os falantes seguem” (Lima, 2006: 23) – que, ao serem enunciadas, deixam de ser entidades abstratas: “A **enunciação** de uma frase é um acto de realização ou produção, e o produto desse acto é o **enunciado**.” (*ibidem*) Qualquer falante vai praticando diversos atos linguísticos que respondem às suas necessidades. Lima distingue, ainda, frase de proposição, considerando esta última como “aquilo que se pode exprimir” (*ibidem*).

Assim, todos os dias usamos frases para exprimir ideias, ou seja, praticamos atos de enunciação, a realização ou produção de frases, e também atos ilocutórios.

Nos discursos objeto de estudo nesta dissertação, iremos abordar o conteúdo global (macro-ato), a micro-estrutura e os atos de fala predominantes, não esquecendo que existe uma dimensão autobiográfica neste tipo de discursos (que será abordada no capítulo 1.7.) que exige que o locutor diga a verdade, realizando, assim, o locutor, um ato de fala de promessa:

en promettant de dire le vrai (le locuteur) réalise dans son récit l’acte de promettre. Ainsi est-il entièrement mû par un implication qui confère à son texte une valeur pragmatique qu’il emporte l’assentiment du lecteur. La force rhétorique de l’autobiographie est dans ce cas liée au degré d’adhésion de l’auteur à son discours...

(Clerc, 2001: 49)

1.4. Legitimação, credibilidade e captação

L'identité est ce qui permet au sujet de prendre conscience de son existence qui se constitue à travers la prise de conscience de son corps (un être-là dans l'espace et le temps), de son savoir (ses connaissances sur le monde), de ses jugements (ses croyances), de ses actions (son pouvoir de faire). L'identité va donc de pair avec la prise de conscience de soi.

(Charaudeau: 2009a)¹²

Esta tomada de consciência de si próprio nasce da consciência da existência do outro que é diferente, e que, pelo facto de existir e de ser diferente, comprova a existência deste ser:

Dès lors, la conscience de soi existe à proportion de la conscience que l'on a de l'existence de l'autre. Plus cette conscience de l'autre est forte, plus fortement se construit la conscience identitaire de soi. Il s'agit là de ce que l'on appelle le *principe d'altérité*.

(*ibidem*)

Reconhecendo estas diferenças relacionadas com o papel que cada pessoa tem na sociedade e o seu modo de vida, mas também as semelhanças que podem existir, as mesmas motivações ou intenções, todo o ser humano se relaciona com o outro, estabelecendo relações sociais que implicam relações de influência entre pelo menos duas pessoas, cada uma delas com a sua consciência de sujeito falante. É essa consciência que leva a que cada um utilize as suas estratégias para comunicar as suas ideias, os seus pensamentos e até para persuadir.

Centremo-nos, então, no discurso que se pretende persuasivo. A capacidade de persuasão advém de três estratégias tal como é afirmado por Charaudeau (2002: 7): legitimação, credibilidade e captação, ou, de acordo com Aristóteles, na sua obra *Retórica*, o *logos*, o *ethos* e o *pathos*.

A legitimação tem a ver com a identidade social do sujeito enunciador, o seu estatuto social que lhe confere legitimidade para falar sobre determinado assunto. Segundo Charaudeau, “tout sujet qui s'exprime dans l'espace public a besoin, pour être entendu, d'être reconnu dans son droit à parler, car en public, ne peut prendre la parole qui veut” (2015: 3). Assim sendo, para que o sujeito enunciador tenha legitimidade tem de ser reconhecido por um grupo de pessoas. Esta legitimidade é um fator prévio que lhe permite, ou não, ser ouvido e compreendido.

D'une façon générale, elle [La légitimité] désigne l'état ou la qualité de qui est fondé à agir comme il agit. On peut être légitimé ou non à prendre la parole dans une assemblée ou une réunion, à édicter une loi ou une règle, à appliquer une sanction ou donner une gratification.

¹² Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite,217.html> [27 de maio de 2018]

Le mécanisme par lequel on est légitimé est un mécanisme de reconnaissance d'un sujet par d'autres sujets, au nom d'une valeur qui est acceptée par tous, (...). Aussi, la légitimité dépend-elle des normes institutionnelles qui régissent chaque domaine de pratique sociale et qui attribuent des statuts, des places et des rôles à ceux qui en sont investis.

(Charaudeau: 2009a)¹³

Charaudeau, na sua obra *La conquête du pouvoir* de 2013, constata, ainda, que esta legitimidade não resulta das características do sujeito enunciador em si, mas sim da organização social que o envolve e que o reconhece como digno de falar ou fazer algo. O mesmo autor refere, também, diferentes tipos de legitimidade consoante a natureza daquilo que se representa.

Assim, Charaudeau enuncia a legitimidade em nome das convenções sociais, relacionadas com as relações de amizade ou relações comerciais, por exemplo; a legitimidade institucional, que tem a ver com o papel de cada pessoa em determinada instituição, a legitimidade relacionada com a filiação - Charaudeau aponta o seguinte exemplo “le fait d’être bien né” (2013: 94) – e a legitimidade em nome da transcendência, ou seja, a que está relacionada com um determinado poder divino. Esta, se considerarmos o poder político, não diz apenas respeito às monarquias, cujos reis exercem o seu poder em nome de um direito divino, mas também às democracias em que é o poder popular, o povo, que escolhe e vota, que legitima quem o representa. Assim sendo, alguém que é eleito para determinado cargo possui a legitimidade transcendental (que lhe advém do facto de ter sido escolhido) e a legitimidade institucional, porque passa a ter um lugar representativo em determinada organização, o que prova que os vários tipos de legitimidade não são estanques, mas podem combinar-se entre si.

La légitimité peut être attribuée par diverses sources. Par une institution qui attribue un droit reconnu par la loi et les règles. (...)

Elle peut être attribuée par la reconnaissance d’une autorité de savoir ou de savoir faire. On trouve là la « légitimité rationnelle » dont parle Max Weber, qui serait fondée sur la compétence et/ou la performance de la personne. (...)

La légitimité peut également être attribuée par une source transcendantale, sacrée, ce qui suppose de la part des membres de la société une croyance forte en l’existence de cette transcendance (...)

Max Weber parle à cet égard de « légitimité charismatique ».

(Charaudeau, 2015: 3- 4)

¹³ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite,217.html> [27 de maio de 2018]

Ora, o enunciador além da sua identidade social, desta legitimidade, deste reconhecimento, precisa também, para atingir os seus objetivos, da sua credibilidade, do *ethos*, a sua identidade discursiva.

Dediquemo-nos, agora, à questão do *ethos* abordada pela retórica aristotélica para “designar a imagem que o locutor constrói de si, no seu discurso, para exercer influência sobre o seu alocutário.” (Charaudeau e Mangueneau, 2002: 238)¹⁴ Esta imagem, aliada ao *logos* e ao *pathos*, que abordaremos mais adiante, e que não se pode confundir com a “pessoa real”, encerra não só as virtudes morais do orador, mas também a sua dimensão social.

O *ethos*, esta credibilidade, relaciona-se com a veracidade do que se afirma, com as características morais do orador, a sua honestidade, a sua autoridade, entre outras, relativamente ao assunto que aborda.

Elle résulte donc d'un jugement porté par quelqu'un sur ce qu'il voit ou entend, et par voie de conséquence sur la personne qui parle et qui est ainsi jugée “crédible”. Ce jugement, qui consiste à mesurer l'aptitude du sujet parlant à dire le vrai à travers son acte d'énonciation, fait que tout sujet parlant qui tient à être cru cherche à mettre en scène son discours de telle sorte qu'il puisse recevoir ce label de crédibilité. Pour ce faire, il entre dans un processus de construction de crédibilité.

(Charaudeau e Maingueneau, 2002: 154)

No mesmo sentido, a linguista Emmanuelle Danblon reforça a ideia de que o orador possui determinadas características persuasivas às quais pode juntar alguns traços, em função do contexto, e exemplifica esta ideia, recorrendo ao discurso do general De Gaulle, a 23 de abril de 1961, em que este condena uma tentativa de rebelião por parte de quatro generais franceses na Argélia. De Gaulle, que se dirigia habitualmente ao país à civil, faz este discurso com o seu uniforme militar, mostrando, desta forma, que ele era a autoridade legítima. De acordo com Danblon, neste caso, o “*ethos* da «legitimidade militar» advinha do papel central que ele desempenhou durante a segunda guerra mundial”.¹⁵ (Danblon, 2005: 21)

L'*ethos* résulte d'une savante alchimie entre ce qui est au fond de l'être, son comportement, son langage et le regard des autres qui dépend lui-même des circonstances dans lesquelles ils perçoivent l'orateur. L'*éthos* est toujours mouvant et en construction.

(Charaudeau, 2013: 106)

¹⁴ Tradução nossa.

¹⁵ Tradução nossa.

Importante salientar que, como refere a linguista Maria Aldina Marques (2008: 3):

É em função da imagem que [o locutor] tem deles [dos alocutários ou destinatários] (e da que considera que eles têm dele próprio) que o locutor constrói a sua imagem, o seu *ethos*, e desse modo pretende obter a legitimidade do seu dizer, do seu estatuto de locutor.

Maingueneau, em 2016, no seu artigo *L'ethos discursif et les défi du Web*¹⁶, refere, logo no início, a dificuldade de definir um conceito como o *ethos*, apontando duas dificuldades:

mais une notion [d'*ethos*] qui s'appuie sur le sens commun: en énonçant, tout locuteur active nécessairement chez l'interprète la construction d'une certaine représentation de lui-même, qu'il doit s'efforcer de contrôler. (...) La seconde difficulté tient au glissement constant de l'*ethos* discursif à l'*ethos* non discursif. La notion d'*ethos* est foncièrement hybride, comme d'autres en analyse du discours.

Assim, este autor aborda o *ethos* como parte do discurso, ligado ao ato de enunciação, e trabalha esta noção para além da área da argumentação, distinguindo o *ethos* discursivo do *ethos* pré-discursivo. O *ethos* pré-discursivo relaciona-se com a imagem que o interlocutor pode, à partida, ter do locutor – “on ne peut pas ignorer que le public se construit aussi des représentations de l'*ethos* de l'énonciateur avant même qu'il ne parle” Maingueneau.” (2002)¹⁷.

La représentation de la personne du locuteur antérieure à sa prise de parole, parfois dite *éthos préalable* ou *prédiscursif*, est souvent au fondement de l'image qu'il construit dans son discours : il tente en effet de la consolider, de la rectifier, de la retravailler ou de la gommer. (Charaudeau e Maingueneau, 2002: 239)

Pode, eventualmente, dar-se o caso de o destinatário não ter informações sobre o *ethos* do locutor, no entanto, à partida, criará expetativas a partir do posicionamento ideológico ou temático ou do tipo de discurso em causa (Maingueneau, 2002). Em qualquer caso, mesmo que o destinatário não saiba nada sobre o *ethos* do locutor, o simples facto de que se trata de um determinado tipo de discurso ou de um certo posicionamento ideológico leva à criação de expetativas em termos de *ethos*.

Maingueneau distingue, ainda, o *ethos dito* – “ce que le locuteur dit sur lui-même, par exemple qu'il est un homme simple” (2006), o *ethos mostrado* - “ce que montre sa manière d'énoncer” (ibidem) e o *ethos efetivo* que depende do papel dos interlocutores.

¹⁶ Este artigo foi publicado no portal de recursos “Open Éditions”, na *Revue Électronique du Groupe ADAAR*, “Itinéraires Littérature, textes, cultures”, disponível em: <https://journals.openedition.org/itineraires/3000?lang=en> [15 de fevereiro de 2019]

¹⁷ Consultado no sítio de Dominique Maingueneau: <http://dominique.maingueneau.pagesperso-orange.fr/pdf/Ethos.pdf> [19 de maio de 2018]

Dadas as dificuldades de definir o *ethos* e mais concretamente o *ethos* discursivo, em 2014, o mesmo autor propôs a seguinte distinção: um *ethos* ligado ao que ele apelida de “catégorielle” - e que diz respeito ao papel do locutor enquanto membro de uma sociedade (e que pode ir de um papel discursivo –um locutor ou um animador, por exemplo, a um papel extra-discursivo, papel de pai, um médico, um funcionário de determinada instituição) – um *ethos* fruto da experiência, que depende das características sociais e psicológicas estereotipadas; e um *ethos* ideológico, que reenvia para as diversas ideologias de cada um. Uma mesma pessoa pode, naturalmente, ter estas três dimensões, uma vez que estas dimensões podem interagir entre si.

De acordo com Charaudeau, no seu artigo publicado *online* “Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l’activité langagière”, o locutor, ao construir uma imagem de si próprio, o *ethos*, pode utilizar diversas estratégias que visam responder à questão “comment puis-je être pris au sérieux?” (2009b)¹⁸. Para, então, ser “levado a sério”, para ser credível, o locutor pode fazer uso de diversas atitudes discursivas. Assim, e ainda segundo este linguista, o locutor pode adotar uma atitude neutral:

Attitude qui l’amène à effacer dans son discours toute trace de jugement ou d’évaluation personnelle. Cette attitude est celle du témoin qui parle sur le mode du constat, rapporte ce qu’il a vu, entendu, éprouvé. Evidemment, il ne faut pas que l’on puisse avoir le moindre soupçon sur les motifs qui animent le témoin à parler, et surtout qu’on ne puisse pas penser qu’il a été commandité par quelqu’un pour servir sa cause. Hors de ce cas, le discours testimonial est un discours de vérité “à l’état brut” qui ne peut, par définition, être mis en cause. Dans la communication médiatique, l’enjeu de crédibilité se traduit par un discours d’authentification des faits, à grand renfort de témoignages

(*ibidem*)

O locutor pode, ainda, e de acordo com Charaudeau adotar uma atitude de distanciamento, optando por uma postura fria, distante e controlada de alguém que é especialista em determinada matéria. Charaudeau aponta, também, para a postura de *engagement* ou de compromisso,

qui amène le sujet, contrairement au cas de la neutralité, à opter (de façon plus ou moins consciente) pour une prise de position dans le choix des arguments ou le choix des mots (...), ou par une modalisation évaluative apportée à son discours. Cette attitude est destinée à construire l’image d’un sujet parlant “être de conviction”. La vérité, ici, se confond avec la force de conviction de celui qui parle, et celle-ci est censée influencer l’interlocuteur.

(*ibidem*)

¹⁸ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite.html> [12 de maio de 2018]

Com estas atitudes, apontadas por Charaudeau, o locutor tentará, assim, impor ao seu interlocutor os seus argumentos.

Tout cela au service d'une attitude *démonstrative* en imposant à l'autre des arguments et un certain mode de raisonnement, que celui-ci devrait accepter sans discussion. Car il s'agirait ici d'une vérité incontournable, indépendante des sujets qui la défendent, et à laquelle tout un chacun doit se soumettre. Persuader l'autre revient dans ce cas à placer cet autre dans un univers d'évidence qui ne souffre aucune discussion.

(*ibidem*)

Acabámos de referir as atitudes discursivas que o locutor pode pôr em prática no sentido de credibilizar o seu discurso. Devemos referir também as diversas atitudes discursivas que podem ser postas em prática no sentido de captar a atenção do outro, de o levar a partilhar as mesmas ideias, tentar que o outro entre “no seu projeto de intenções, ou seja, que partilhe as suas ideias, as suas opiniões e/ou fique “impressionado”¹⁹(*ibidem*). Assim, o locutor pode adotar uma atitude polémica, pondo em causa ideias e valores que sabe que o outro defende, naquilo a Charaudeau intitula de “destruição de adversário”. Esta é uma atitude típica de um debate político, por exemplo, e que, certamente, não se encontrará nos discursos objeto de estudo nesta dissertação.

Outras atitudes discursivas são apontadas no artigo *online* supracitado e datado de 2009, a saber, a atitude de sedução, em que se propõe ao interlocutor um imaginário em que este poderia ser aquilo a que Charaudeau apelida de “herói beneficiário” (*ibidem*); ou uma atitude de dramatização, a qual se revela essencial para prosseguir o trabalho a que nos propomos. Esta atitude de dramatização é descrita por Charaudeau, no mesmo artigo. Nesta atitude de dramatização, o locutor descreve, comenta acontecimentos com o objetivo de emocionar o seu auditório e para isso ele utiliza analogias, comparações ou metáforas, entre outros recursos, que visam suscitar emoções diversas. O sujeito enunciador pretende fazer com que o outro sinta determinada emoção e para atingir o seu objetivo vai apoiar-se naquilo a que este autor apelida de “valeurs d'affect socialement partagées” (*ibidem*).

A forma como o locutor fala, como organiza o seu discurso, e a forma como utiliza o seu imaginário contribuem para uma determinada identidade discursiva que o locutor vai edificando e que está em permanente construção, tendo em conta, como é óbvio, a identidade social, tentando, desta forma, produzir um efeito, levar a uma ação.

¹⁹ Tradução nossa.

Charaudeau distingue, também, *ethos* de carisma: “il faut distinguer *ethos* et charisme; *ethos* et charisme dépendent des circonstances sociales de communication.” (2015: 3)

O carisma, de acordo com Charaudeau, advém do corpo – o locutor tem de “irradiar uma espécie de graça” (2015: 7) adaptado da troca que se efetua entre imagens e olhares, sendo o locutor visto como um *espelho-mediador*” (*ibidem*). O carisma depende, ainda, da origem, característica transcendente, fora do comum, que a pessoa possui, e do corpo que, no fundo, materializa a transcendência.

No caso dos discursos estudados nesta dissertação, consideramos importante convocar as reflexões de Nadine Kuperty-Tsur que, na introdução da obra *Écriture de soi et Argumentation*²⁰, relativamente à representação do *eu* num esquema argumentativo, afirma o seguinte: “Il apparaît d’emblée que, dans la relation qui s’instaure entre le sujet et le public, le public est promu au rang de juge, c’est lui qui accrédi tera ou non le discours du sujet.” (2000: 8). Assim sendo, o público tem o poder de julgar o orador e este, ao ter consciência deste facto, vai tentar encontrar pontos consensuais de base que possam depois levar à persuasão de quem o ouve: “Il s’identifiera à un ensemble de qualités investies d’une valeur positive afin de persuader le public de sa propre valeur qu’on définira comme *ethos*.” (*ibidem*). Além disso, existe a questão da identidade social e, no caso do tipo de discursos estudados nesta dissertação, as questões relacionadas com a autobiografia e que serão, mais tarde, desenvolvidas: “L’identité social (...) est un préalable à l’identité autobiographique, puisque le droit d’écrire sur soi n’est garanti que par l’existence dans le champ social.” (Clerc, 2001: 100)

Além da legitimidade e da credibilidade, Charaudeau refere, ainda, um outro princípio aristotélico, o *pathos*, ou seja, a forma como o orador seduz, persuade o seu público. “Le *phatos* est l’ensemble des émotions que l’orateur cherche à provoquer chez les auditeurs: pitié, haine, colère, indignation, crainte etc. ” (Robrieux, 2005:17).

Si les théoriciens anciens et modernes lui ont concédé une place importante dans les discours de persuasion, le *pathos* revêt souvent un rôle secondaire par rapport aux arguments quasi-logiques (...) pendant, l’Histoire récente a démontré que nos sociétés contemporaines ne sont pas à l’abri de dérives « passionnelles ».

(Rinn, 2008: 14)²¹

²⁰ Este livro reúne os trabalhos apresentados por diversos linguistas no Colóquio “Écriture de Soi et Argumentation”, realizado em Telavive, de 3 a 5 de maio de 1998.

²¹ Consultado na obra *Émotions et Discours, L’usage des passions dans la langue*, obra coletiva que reúne estudos sobre o *phatos*: “Cet ouvrage collectif (...) tente de mesurer cette problématique [de la réduction de la pluralité des valeurs culturelles dans les nouveaux discours identitaires] éthique et esthétique pour nos sociétés contemporaine”.

Esta noção de *pathos* deriva também dos valores que as pessoas envolvidas numa situação de comunicação partilham e que vão condicionar não só a produção do discurso, como também a emoção que ele provoca. Assim, as técnicas argumentativas resultantes do *pathos* dependem da realidade cultural e social de cada um: “La construction pathémique puise largement dans les lieux communs en vigueur.” (*ibidem*: 16)

Charaudeau, na obra coletiva *Émotions et discours*, organizada por Rinn (*vide* nota 21), refere que

les émotions relèvent d’une «rationalité subjective» parce que (...) elles émanent d’un sujet dont on suppose qu’il est fondé en «intentionnalité», elles sont orientées vers un objet «imaginé» parce que cet objet est arraché à la réalité pour devenir un «réel» signifiant, le rapport entre ce sujet et cet objet se fait par la médiation de représentations.

(Charaudeau, 2008b: 50)

O mesmo autor, Patrick Charaudeau, dá exemplos de palavras que designam sentimentos e emoções e que podem não suscitar uma emoção ou a emoção desejada e a sua utilização produzir até o efeito contrário uma vez que “l’émotion vraie se ressent, mais ne se dit pas” (*ibidem*: 51)

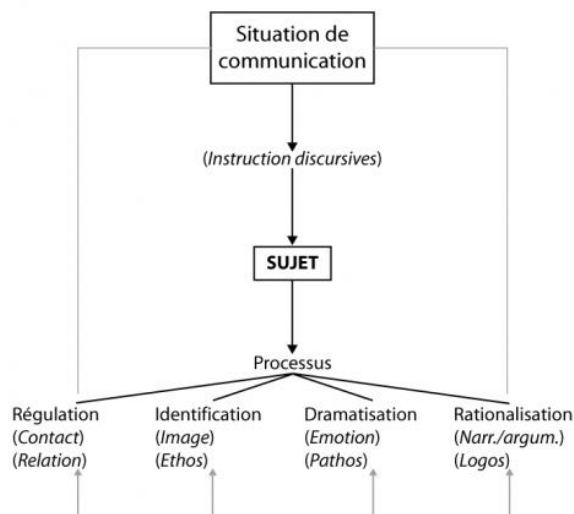
Para captar a atenção do seu público, o interlocutor tem, em primeiro lugar, de o conhecer para, assim, o conseguir persuadir ou seduzir. Utilizando a sua credibilidade e os seus argumentos, o sujeito enunciador tem também de usar o seu carisma, tem de criar empatia com o seu público.

Após a abordagem do *phatos*, impõe-se o estudo do *logos* que “é a capacidade de raciocínio posta em prática num discurso” (Danblon, 2005: 35). Esta prova retórica encontra-se no próprio discurso.

On entend couramment proclamer aujourd’hui que le *logos*, l’argumentation rationnelle qui entend persuader par les voies de l’argument et de la preuve, est en perte de vitesse et qu’elle est remplacée dans la sphère publique par l’*ethos* - l’élaboration par le locuteur d’une image favorable de sa personne destinée à lui conférer pouvoir et influence - et le *pathos* - discours s’adressant au sentiment de l’auditoire aux dépens de la réflexion. Quelles que soient les dérives possibles des démocraties contemporaines, il semble que les choses ne soient pas aussi simples. Les trois composantes classiques de la rhétorique aristotélicienne continuent à être nécessaires, dans des dosages et des combinaisons variables, à l’entreprise de persuasion. Il revient à l’analyste de les déceler dans les textes et de dégager les modalités selon lesquelles elles s’allient pour parvenir à l’effet désiré.

(Amossy, 2008)

Para terminar este capítulo e como síntese do que foi abordado, parece-nos pertinente expor a teoria de Charaudeau que enuncia quatro grandes questões que dão origem ao esquema que se segue, resumo do processo de produção de uma situação de comunicação.



(Charaudeau, 2008a²²)

As referidas questões são, então, as seguintes: “comment entrer en contact avec l’autre? comment imposer sa personne de sujet parlant à l’autre? comment toucher l’autre? comment organiser la description du monde que l’on propose/impose à l’autre?” (Rinn, 2008: 51)

Assim, e relativamente à primeira questão, Charaudeau refere que o locutor entra em contacto com o outro, porque legitima/justifica o facto de falar num determinado momento, excluindo assim a palavra do outro. Há aqui um processo regulador que leva o locutor a utilizar estratégias de enunciação discursivas compreendidas por todos os envolvidos neste processo e que estão ligadas às normas sociais de conduta. Estas estratégias relacionam-se com a posição que o locutor assume perante o seu interlocutor: alocutivo, elocutivo e delocutivo.

A segunda questão “Comment imposer sa personne de sujet parlant à l’autre?” relaciona-se com a necessidade de o sujeito enunciator ser reconhecido como digno de ser escutado. Trata-se de um processo de reconhecimento, de identificação.

²² Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-dans-une.html> [28 de outubro de 2018]

A terceira questão relaciona-se com o *pathos*, com a forma como “tocar” o outro, como levá-lo a deixar de pensar e a apenas sentir. Para que isto aconteça, o locutor tem de utilizar estratégias que consigam “tocar” emocionalmente o outro: “Comment toucher l’autre?”

A questão “*Como tocar o outro*” é o objetivo que o sujeito falante pode ter para fazer com que este outro não faça reflexões sobre a fala em questão e se deixe levar pelos movimentos de seus afetos. O sujeito falante então recorre a estratégias discursivas que tendem a tocar a emoção e os sentimentos do interlocutor - ou do público - de maneira a seduzir ou, ao contrário, lhe fazer medo. Trata-se de um processo de dramatização que consiste em provocar a adesão passional do outro atingindo suas pulsões emocionais.

(Charaudeau: 2007)²³

Por último, a questão da descrição do mundo e de como proceder relativamente à organização desta descrição de forma não só a descrever ou a narrar acontecimentos, mas também a justificar as causas e/ou consequências de determinados acontecimentos. Trata-se de um processo racional pelo que o locutor irá escolher as estratégias argumentativas que considera mais adequadas para fazer com o seu interlocutor adira à sua mensagem.

1.5. A argumentação

Pourtant, l'art de persuader existe d'abord et avant tout comme une manifestation de l'intelligence humaine et comme un outil de construction des sociétés. Elle est aussi naturelle que culturelle: en d'autres termes, elle est humaine.

(Danblon, 2005: 47)

Presente em quase todas as atividades sociais e comunicativas, argumentar é afirmar algo baseado em premissas, com vista à persuasão do interlocutor.

Mas fala-se frequentemente, tentando fazer partilhar com um interlocutor opiniões ou representações relativas a um tema determinado, procurando provocar ou aumentar a adesão do ouvinte ou de um auditório mais vasto às teses que se apresenta para o seu consentimento.²⁴

(Adam, 1992: 103)

²³Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/Pathos-e-discurso-politico.html> [15 de fevereiro de 2018]

²⁴ Tradução nossa.

No colóquio internacional realizado no Instituto Universitário de França, em Paris²⁵, Plantin (2004: 160) afirma que a história da argumentação é longa, se considerarmos os contributos gregos e romanos, mas curta, se pensarmos no final do século XIX, em que é vista como pertencente à antiguidade, ou se pensarmos no pós-segunda guerra mundial, onde passa a ser autónoma e objeto de estudos vários de que falaremos de seguida.

Pode pensar-se a Retórica, criação da antiguidade greco-latina, como estando na base da argumentação considerada como a arte de persuadir o outro através de um discurso organizado. Encontramos as primeiras fundamentações desta arte em Aristóteles, a qual permaneceu durante os primeiros séculos cristãos aplicada em cerimónias e em treinos escolares. A expansão romana levou também à expansão da arte da retórica sobretudo com os escritos de Cícero cujo pensamento e biografia, de acordo com Margarida Miranda (2010), fundadora da Sociedade Portuguesa de Retórica e membro da *International Society for the Study of Jesuit Rhetoric*, muito influenciaram “a retórica do Renascimento” (2010: 96), época em que a retórica ganha uma nova força ligada, essencialmente ao discurso político, enquanto na Idade Média esteve essencialmente ligada à teologia e à escolástica. Assim, a partir do século XIV inicia-se um processo de revalorização da retórica.

Obedecendo a esse preceito [de que, no Renascimento o discurso deve ser expresso de forma artística], os escritos dos humanistas irão se servir do poder persuasivo da forma. Vale a pena lembrar que o poder persuasivo do discurso retórico está relacionado, na perspectiva humanista, com a semelhança de natureza entre a retórica e a política (uma percepção, a bem da verdade, não de todo estranha a Aristóteles).

(Miranda, 2010: 41)

É, no entanto, Stephen Toulmin, filósofo e educador britânico, que, já no século XX, marca uma nova etapa no que diz respeito aos estudos sobre a argumentação. Na versão atualizada do seu livro *The Uses of Argument* (2003), publicado originalmente em 1958, Toulmin mostra a sua surpresa perante a notoriedade que adquiriu relativamente às novas teorias argumentativas, após a publicação desta sua obra:

When I wrote it, my aim was strictly philosophical (...) In no way had I set out to expound a theory of rhetoric or argumentation: my concern was with twentieth-century epistemology, not informal logic. Still less had I in mind an analytical model like that which, among scholars of Communication, came to be called ‘the Toulmin model’.

(Toulmin, 2003:vii)

²⁵ Este colóquio, realizado a 24 de março de 2003, foi organizado por Marianne Doury e Sophie Moirand e as contribuições dos diversos participantes deram origem à obra *L'argumentation aujourd'hui* (Doury M. e Moirand S., 2004)

Para este filósofo, a argumentação deve partir de uma razão prática que deve depois fornecer conclusões com vista a uma tomada de posição aceitável. Adam, seguindo a teoria de Toulmin, considera que, no discurso argumentativo, há um encadeamento de dados, de razões práticas, que levam a conclusões. Este encadeamento está ligado à *Garantia*, que é a justificação que permite fazer a ligação dos dados à respetiva conclusão (Danblon, 2005: 122) ou à *Restrição*, que engloba argumentos que, à partida, poderiam impedir a chegada do interlocutor à conclusão pretendida.

No mesmo ano da primeira edição da obra de Toulmin, referida anteriormente, é publicado o *Traité de l'Argumentation* de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. Estes autores consideram que os discursos nem sempre são argumentativos. Para o serem, o orador tem de ter em conta o público, condição prévia para fazer aderir o auditório, e selecionar argumentos diversos de acordo com as opiniões e as crenças deste. Assim, o orador deve partir de pontos ou premissas em comum com o auditório, adicionando, de seguida, os seus próprios argumentos como refere Amossy (2012:18). Considerando a atividade de argumentar uma atividade natural ao homem, os mesmos autores, Perelman e Tyteca, consideram também que se trata de uma atividade complexa, pois existe uma certa distância entre “o raciocínio produzido psicologicamente e aquele que é então publicamente apresentado a uma audiência” (Danblon, 2005:84). Prova desta complexidade é o esquema de argumentos elaborado por Perelman e Tyteca que abordaremos mais tarde.

Koren, abordando esta teoria da argumentação, refere que:

La théorie de l'argumentation que défend la nouvelle rhétorique perelmanienne accorde une place centrale à l'acte de juger, de décider et de trancher, opposé à la défense de la neutralité et de la non-intervention impartiale qui caractériseraient, selon Perelman (1989 : 202), un réalisme rationaliste et « égalitaire ». Elle est de ce fait extrêmement précieuse pour tout linguiste, analyste du discours, qui souhaite problématiser la question de la primauté accordée à la « véridiction » et de la suspicion qui entoure l'acte de juger.

(Koren, 2008)

Por sua vez, a teoria da argumentação, desenvolvida por O. Ducrot e J-C. Anscombe, veio dar uma aceção diferente ao conceito de argumentação. A teoria aristotélica baseava-se nas construções retóricas, no uso da palavra para exercer influência, aquilo que Ducrot, na sua intervenção no colóquio referido anteriormente (*vide* nota 25), denomina de argumentação retórica. A língua era considerada não só como um meio de comunicação, mas também como uma forma de exprimir um pensamento e refutar um outro.

A argumentação passa, com O. Ducrot e J-C. Anscombe, a integrar a própria estrutura da língua, o encadeamento dos enunciados que conduzem a determinada conclusão, considerando, estes autores, que qualquer uso da língua é argumentativo:

Quand nous disons, de façon quelque peu lapidaire, que tout énoncé est argument, cela ne signifie nullement que chaque fois qu'il y a parole, une conclusion — explicite ou non, exploitable ou non — est par là-même visée. Il s'agirait là non seulement d'une version très affadie de l'argumentation dans la langue, mais surtout d'une totale incompréhension de ce que nous voulons dire. Pour nous, « tout énoncé est argument » est à comprendre au niveau « profond », niveau qui est celui envisagé par le linguiste. **Notre hypothèse de base est que la phrase comporte des indications relatives à sa dynamique discursive, dynamique que nous avons choisi de baptiser *argumentative* parce qu'elle intervient en effet dans les enchaînements argument + conclusion.**²⁶ Ce qui n'empêche pas qu'au niveau superficiel, on puisse, si on le désire, ne pas tenir compte de cette dynamique.

(Anscombe, 1989: 18-19)

A relação entre enunciados é, então, e segundo os referidos autores, argumentativa e não dedutiva, pois “o sentido de um enunciado comporta, como parte integrante, constitutiva, esta forma de influência que intitulamos de força argumentativa. Significar, no caso de um enunciado, é orientar²⁷” (Anscombe, 1988 *apud* Amossy, 2012: 34). Ducrot (*apud* Doury e Moirand, 2004: 28) vai mesmo mais longe considerando que as próprias palavras e os enunciados contêm em si ligações argumentativas, mesmo que não tenham um objetivo persuasivo. Estas ligações, muito complexas, por vezes, estão dependentes da utilização que delas fazem os locutores.

Estes dois autores apontam, ainda, para a existência de expressões, que denominam de *topoi*, que orientam os enunciados para determinada conclusão, contudo para que o interlocutor compreenda a mensagem tem, antes de mais, de partilhar com o locutor os mesmos conhecimentos:

Ces *topoi* sont des principes généraux, qui servent d'appui au raisonnement, et jouent *mutatis mutandis* un rôle analogue aux axiomes d'un système formel. Ils ne font jamais l'objet d'une assertion, mais servent à en produire. Ils sont admis au sein d'une communauté d'individus plus ou moins vaste: ce peut être la communauté linguistique toute entière, un sous-groupe de cette communauté et, cas extrême, un groupe réduit à deux individus dans le cadre par exemple d'une discussion, où il s'agit alors de l'emporter sur l'autre, au besoin en utilisant des *topoi* créés de toutes pièces.

(Anscombe, 1989: 23)

²⁶ Destaque nosso.

²⁷ Tradução nossa.

“El razonamiento argumentativo utiliza tópicos, lugares comunes que se suponen admitidos por una sociedad y que establecen ciertos vínculos entre enunciados” (Escandell, 1996: 107).

Para Moeschler “Argumenter revient donc à donner des raisons pour telle ou telle conclusion. Les raisons constituent, lorsqu’elles sont énoncées, autant d’arguments.” (Moeschler *apud* Doury, 2016: 14). O referido linguista considera, ainda, que a argumentação tem uma característica fundamental que é o facto de cada argumento ser passível de ser refutado, possibilitando, assim, a criação de um ou mais contra-argumentos.

Um dos grandes teorizadores sobre a argumentação é o linguista francês Christian Plantin que considera que “a argumentação é um conjunto de atividades verbais e semióticas produzidas numa situação argumentativa” (2016: 76). Esta situação tem de ser organizada em torno de uma questão argumentativa que dá origem a respostas as quais conduzem a conclusões. Este linguista refere, ainda, que as situações argumentativas possuem graus e tipos de argumentos diferentes. (*ibidem*) Plantin considera fulcral aquilo a que chama de “questão argumentativa”:

Une situation langagière donnée commence ainsi à devenir argumentative lorsqu’il s’y manifeste une opposition de discours. Deux monologues juxtaposés, contradictoires, sans allusions l’un à l’autre, constituent un diptyque argumentatif. C’est, sans doute, la forme argumentative de base : chacun répète sa position. La communication est pleinement argumentative lorsque cette différence est problématisée en une Question, et qui se dégagent nettement les trois rôles de Proposant, d’Opposant et de Tiers»

(Plantin, 2005: 63)

Kuperty-Tsur²⁸, na introdução do livro *Écriture de Soi*²⁹, refere, ainda, as três regras para o discurso argumentativo: a coerência, a lógica e a autenticidade, aquilo a que denominamos de *ethos* e que já foi abordado anteriormente. Segundo esta autora e no caso de discursos argumentativos de pendor autobiográfico e intimista, objeto deste estudo, o orador, que visa persuadir o seu público, mostra uma imagem bem construída

²⁸ Kuperty-Tsur é professora na Universidade de Telavive, dedicando-se ao estudo das “Memórias”, na França moderna, dando especial atenção à dimensão retórica e argumentativa deste tipo de discurso. Neste sentido, escreveu inúmeros artigos no livro *Écriture de soi et argumentation*, P.U.F. Informações disponíveis em: <https://imera.univ-amu.fr/fr/resident/nadine-kuperty-tsur> [15 de fevereiro de 2019]

²⁹ Livro que reúne as atas do colóquio “Écriture de Soi et Argumentation”, realizado na Universidade de Telavive, de 3 a 5 maio de 1998.

de si próprio, escolhe cuidadosamente os acontecimentos a relatar e a disposição destes, no discurso, de forma a “aumentar o seu poder de persuasão.”³⁰ (Kuperty-Tsur, 2000: 8)

Ruth Amossy, professora na Universidade de Telavive e coordenadora do grupo de pesquisa de análise do discurso (ADRR – *Analyse du discours, argumentation, rhétorique*)³¹, no seu artigo *Introduction: la dimension argumentative du discours - enjeux théoriques et pratiques*, publicado recentemente (2018)³², procede à definição da palavra “argumentação” no seu sentido restrito e mais lato, considerando as duas expressões válidas, mas fruto de uma prática argumentativa diferente. Assim, a conceção restrita “entend limiter l’argumentation au déploiement d’un discours qui use d’arguments pour prouver le bien-fondé d’une thèse” (*ibidem*). Esta centra-se no *logos*: num discurso construído sob um raciocínio lógico sobre uma determinada questão, numa determinada situação de comunicação, em que se defende uma tese através de processos argumentativos formais e em que o *pathos*, a emoção, pode estar presente.

A argumentação pode, no entanto, ser vista numa dimensão mais lata, ou seja,

elle englobe l’argumentation comprise au sens strict et la place au cœur de ses préoccupations ; mais elle la situe au centre d’un continuum qui comprend à l’une de ses extrémités la polémique comme confrontation violente de thèses antagonistes, et de l’autre une orientation des façons de penser et de voir, de questionner et de problématiser, qui ne s’effectue pas par la voie du raisonnement formel.

(*ibidem*)³³

Neste caso, a argumentação não terá como objetivo o defender uma tese, utilizando argumentos válidos, mas levar o auditório a questionar-se sobre determinado assunto, não havendo, então, uma resposta única e implícita à questão colocada no discurso, suscitando-se apenas a reflexão. Amossy, no mesmo artigo referido anteriormente e disponível *online* (*vide* nota 32), refere que:

Sans doute la notion de « problématisation » (...) est-elle ici centrale. En l’occurrence, la problématisation consiste ici dans l’acte qui met en question un savoir de sens commun et dévoile des problèmes que recouvrent les évidences. Elle autorise ainsi des points de vue différents, sans pour autant trancher ni se placer dans le paradigme vrai/faux. Il ne s’agit donc pas de la démonstration d’une thèse mais d’un retour sur une *doxa* partagée et d’un processus de réflexion auquel invitent les mises en perspective du texte.

(*ibidem*)³⁴

³⁰ Tradução nossa.

³¹ Consultado em https://www.researchgate.net/profile/Ruth_Amossy2 [8 de janeiro de 2019]

³² Este artigo foi consultado no portal de recursos “Open Éditions”, na Revue Électronique du Groupe ADAAR, em <https://journals.openedition.org/aad/2560?lang=en> [8 de janeiro de 2019]

³³ Conferir nota anterior.

³⁴ Conferir nota 32.

Após a abordagem de algumas das teorias que dizem respeito à argumentação, passemos, então, às sequências argumentativas, unidades de base para a análise que se pretende fazer nesta dissertação.

As sequências argumentativas são compostas por argumentos que conduzem a conclusões. Que tipos de argumentos podem, então, ser utilizados?

Au niveau des problématisations, l'argument a pour fonction de légitimer le cadre de questionnement, c'est-à-dire ce qu'il est considéré comme pertinent d'être discuté. Ainsi, à travers le cadrage ou le recadrage de la question, le locuteur tente d'imposer sa vision du problème posé.

(Kalinic, 2008)³⁵

Para Aristóteles existem as provas técnicas e extra-técnicas. Sendo estas últimas aquelas que são dadas pelos nossos meios pessoais. As provas técnicas dizem respeito ao que já foi referido anteriormente: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Aristóteles, no Livro II da *Retórica*, capítulos XVIII a XXV, distingue, ainda, os recursos argumentativos que servem para demonstrar, referindo o entitema e o exemplo. O entitema é que se considera provável, não o certo e que é aceitável pela maior parte do auditório. É uma espécie de silogismo. (Aristóteles, 1998: 61-64)

Ruth Amossy, no seu artigo *Introduction: la dimension argumentative du discours - enjeux théoriques et pratiques*, referido anteriormente, (2018)³⁶ coloca as seguintes questões:

Peut-on imaginer une argumentation sans arguments ? En d'autres termes, y a-t-il argumentation là où il n'y a pas une démarche fondée sur des arguments répertoriés et formellement repérables (comme l'enthymème, l'analogie, l'argument par la conséquence, etc.) qui viennent justifier la position présentée ?

Muitos outros pensadores, ensaístas e linguistas se debruçaram sobre os diversos tipos de argumentos: “Diverses entreprises typologiques s’efforcent depuis des siècles de structurer un nombre variable de types d’arguments sur la base de regroupement raisonnés plus ou moins systématiques.” (Doury, 2016: 30) A tentativa de enumerar os argumentos por tipologia torna-se difícil devido às inúmeras e heterogêneas tentativas de categorização. Assim, abordaremos algumas e selecionaremos o método de análise que

³⁵ Este artigo foi consultado no portal de recursos “Open Éditions”, na *Revue Électronique du Groupe ADAAR*, em <https://journals.openedition.org/aad/198> [4 de maio de 2018]

³⁶ Conferir nota 32.

considerarmos mais adequado ao tipo de discurso em estudo, nesta dissertação, e à mensagem que cada um transmite, não esquecendo que a dimensão argumentativa de um texto pode materializar-se fora do esquema argumentativo formal.

Perelman e Olbrechts-Tyteca consideram que existem dois procedimentos, distintos, mas complementares e, por vezes, simultâneos, fundamentais, nos processos argumentativos: a ligação e a dissociação de noções, ou seja, tanto se podem unir elementos diversos num todo, como dissociar elementos iguais. No seu livro *Traité de l'Argumentation*, estes dois filósofos propuseram, ainda, uma tipologia de argumentos, ou meios de prova, de carácter lógico, epistemológico e também retórico: os argumentos quase lógicos; os argumentos fundados na estrutura do real e os que se fundam na estrutura do real.

Os argumentos quase-lógicos são argumentos que se aproximam de argumentos formais, lógico-matemáticos, mas que não possuem o rigor, a precisão destes e podem subdividir-se nos seguintes: a contradição e a incompatibilidade, a definição, a comparação, a reciprocidade e o *distinguo*, entre outros. “Devido aos inconvenientes da redução ao formal e ao quantitativo, é raro que os argumentos quase lógicos possam, por si só, implicar a convicção: eles deverão ser completados por argumentos baseados sobre a estrutura do real.” (Perelman, 1993:96)

Em segundo lugar, Perelman refere os argumentos baseados na estrutura do real, ou seja, aqueles que são empíricos que nascem da observação da realidade, da experiência. “Desde que haja elementos do real associados uns aos outros numa ligação reconhecida, é possível fundar nela uma argumentação que permite passar daquilo que é admitido ao que se quer fazer admitir” (Perelman, 1993: 97). Como exemplo, podemos referir a ligação de causalidade, o argumento pragmático e o desperdício. A força deste tipo de argumentos “reside na característica de partirem de coisas reconhecidas para introduzir que se querem ver admitidas.” (Grácio)³⁷

Para finalizar, os argumentos que fundam a estrutura do real, aqueles que são um modelo ou uma regra a seguir. “Os argumentos que fundam a estrutura do real são os que, a partir de um caso conhecido, permitem estabelecer um precedente, um modelo ou uma regra

³⁷ Artigo com o título de “Tipologias Argumentativas (Perelman & Olbrechts-Tyteca de Rui Grácio, consultado em <https://www.ruigracio.com/VCA/TipoloArgPerel.htm> [21 de outubro de 2018]

geral, como os raciocínios pelo modelo ou pelo exemplo.” (Perelman, 1993: 70) Além do exemplo, podemos acrescentar a analogia ou a metáfora.

Jean-Jacques Robrieux, especialista em Retórica aponta, ainda, os argumentos de *mauvaise foi* (Robrieux, 2007: 211) que, na nossa opinião, não têm lugar nesta tese que pretende estudar discursos que exprimem o sentido da vida, a qual nunca poderá ser expressa a partir de discursos verbalmente violentos ou que condicionem quem ouve através de argumentos considerados válidos, mas mal intencionados.

Tendo em conta que qualquer ato de linguagem tem o seu quadro referencial³⁸, fruto das diversas experiências de cada indivíduo, e sabendo que a argumentação tem um propósito, Charaudeau conclui que não se pode ver a argumentação como seguidora de um modelo absoluto, ligado ao pensamento lógico, mas deve-se considerar que existem condições do ponto de vista cognitivo, situacional e estratégico relacionadas com os limites que a situação comunicacional impõe ao locutor e a liberdade que este também possui para utilizar estas limitações da forma que melhor se enquadra, tendo em conta aquilo que pretende comunicar. (1998)

tout acte de langage ne signifie qu'en fonction de la situation de communication dans laquelle il est produit, de l'identité et de l'intentionnalité du sujet qui en est le responsable, du propos dont il est question (...), et des circonstances matérielles dans lesquelles il se trouve. **L'argumentation est donc considérée comme une pratique sociale (ordinaire ou savante)**³⁹ dans laquelle le sujet voulant argumenter se trouve à la fois contraint par les données de la situation communicationnelle qui le surdétermine, et en même temps libre de jouer avec ces contraintes, disposant d'une marge de manœuvre qui lui permet de réaliser son propre projet de parole et faire œuvre de stratégies. C'est donc au croisement de ces deux espaces de contrainte et de liberté que se constitue la spécificité d'un acte de langage. (Charaudeau, 1998a)⁴⁰

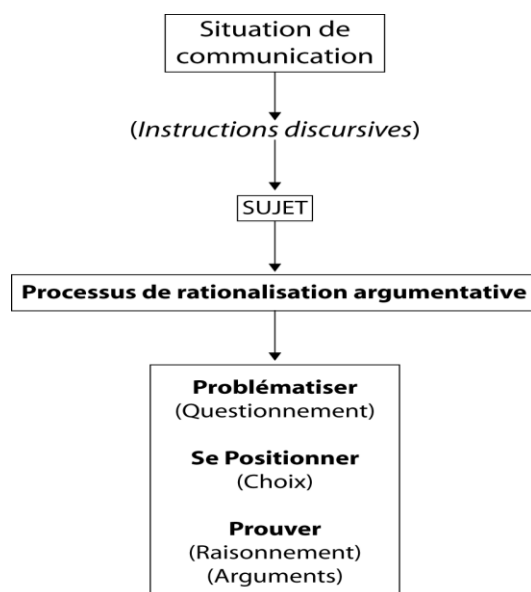
Do ponto de vista cognitivo, Charaudeau aborda o triângulo: o sujeito que argumenta, o sujeito visado e a consideração sobre determinado tema. É este triângulo que determina as condições de enunciação. O sujeito enunciador tem de colocar uma questão, elucidar e provar.⁴¹ Segue-se um esquema resumo destas questões:

³⁸ Este quadro referencial advém das experiências linguísticas diversas de cada locutor que vão sendo acumuladas e ficarão retidas, permitindo-lhe criar esquemas abstratos que utilizará mediante a sua necessidade comunicativa.

³⁹ Destaque nosso.

⁴⁰ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-n-est-peut-etre,223.html> [27 de maio de 2018]

⁴¹ Plantin (2002) também refere um triângulo actancial, mas, neste caso, um pouco diferente: o sujeito enunciador, aquele que propõe e que sustenta uma determinada *Proposta*, o *Opposant*, que rejeita essa



(Charaudeau: 2008a)⁴²

Problematizar é, para Charaudeau, “dar a conhecer” (1998a)⁴³, não se tratando aqui apenas de informar, mas também indicar o que pensar sobre determinado assunto: “Problématiser consiste donc à proposer-imposer un cadre de questionnement qui met en opposition deux assertions à propos de la validité desquelles le sujet cible est amené à s’interroger.”

Ainda do ponto de vista cognitivo, o mesmo autor refere, no mesmo artigo, o elucidar e o provar. Elucidar é “faire comprendre” (*ibidem*), ou seja, mostrar as razões que levam a determinada posição ou as consequências que esta pode implicar.

Élucider, c’est entrer dans l’univers discursif de la causalité et non dans celui de l’existentialité événementielle. L’univers de la causalité s’inscrit nécessairement dans le temps, et il a donc quelque chose à voir avec l’expérience que l’homme peut avoir de la succession des événements du monde et du type de relation que ceux-ci entretiennent entre eux.

(*ibidem*)⁴⁴

Proposta, e o *Tiers*, ou seja, aquele que se interroga sobre ela. Considera, então, que a argumentação como uma interação entre estes constituintes orientados por uma questão.

⁴² Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-dans-une.html> [28 de outubro de 2018]

⁴³ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-n-est-peut-etre,151.html> [27 de maio de 2018]

⁴⁴ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-n-est-peut-etre,223.html> [27 de maio de 2018]

Esta causalidade pode estar ligada à origem do tema que se aborda ou às consequências que se podem prever. Estas últimas podem ser do foro do previsível ou até do foro da predição ou profecia, e implicam diversos tipos de raciocínios: dedutivos, indutivos associativos, entre outros.

Por último, Charaudeau, num outro artigo datado também de 1998, refere o *Provar*, “faire croire”, que serve para edificar a elucidação, ou seja, o orador tem de encontrar argumentos que comprovem o seu raciocínio.

En effet, problématiser et élucider ne constituent pas le tout du discours argumentatif. Il faut encore que le sujet argumentant *se positionne* par rapport à la validité des élucidations possibles et que, du même coup, il donne à l’interlocuteur les moyens de juger de la validité de l’acte d’élucidation qui a été mis en place à partir de la problématisation de départ. Il faut que ce dernier soit à son tour en mesure d’adhérer à l’élucidation proposée ou de la rejeter.

(Charaudeau, 1998b)⁴⁵

Não basta, no entanto, esta atividade cognitiva. Esta atividade insere-se numa situação particular de comunicação, aquilo que Charaudeau denomina de contrato de comunicação, que diz respeito à finalidade, à identidade dos intervenientes, ao tema e às circunstâncias. E para se estudar um discurso argumentativo temos de ter em conta essas mesmas características.

O sujeito de enunciação, no seu discurso, vai, então, desenvolver estratégias de acordo com a mensagem que quer transmitir. Charaudeau considera que estas se desenvolvem e se distinguem pela sua natureza e pela sua finalidade. Estas estratégias foram já referidas anteriormente, no capítulo 1.4., e dizem respeito à legitimidade, à credibilidade e à captação. Temos, ainda, de referir a forma como os argumentos são enunciados. Os argumentos têm mais, ou menos, força dependendo da maneira como o locutor os enuncia:

La façon de modaliser l’énonciation intervient également dans la force qui est attribuée aux arguments. En effet, le sujet argumentant peut jouer entre l’explicite et l’implicite du discours pour faire varier cette force. Par exemple, une forme interrogative («Aurait-il tort?») a peut-être plus de force, et ce malgré les apparences, qu’une forme affirmative («Il a tort»).

(Charaudeau, 2008a)⁴⁶

⁴⁵ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/La-television-peut-elle-expliquer.html> [27 de maio de 2018]

⁴⁶ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau <http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-dans-une.html> [27 de maio de 2018]

Terminamos este capítulo com duas ressalvas, o que Charaudeau refere como ensinamentos (1998a)⁴⁷, importantes para esta dissertação:

- apesar das exigências cognitivas implicadas no processo de argumentação, não existe “uma maneira ideal de argumentar”, mas cada situação produz “o seu próprio quadro de validação”.
- não se pode reduzir a argumentação a apenas ao que lhe é explícito, ao modo como está organizado discursivamente.

Enfin, faut-il préciser, qu'à traiter l'argumentation comme une pratique sociale dont on cherche à déterminer les conditions d'énonciation, on voit mieux comment peuvent s'exercer les jeux de manipulation et de contre-manipulation dans les échanges langagiers. Cela empêche de croire que l'argumentation serait l'apanage des seuls dominants et qu'elle serait le fait du seul sujet argumentant. L'argumentation concerne l'ensemble des partenaires de l'acte communicatif, ce qui montre le rôle que l'école peut jouer dans l'enseignement de cette activité langagière qui est l'outil principal de la formation de l'opinion publique.

(Charaudeau, 1998a)

1.6. Estratégias linguísticas

Interessa-nos, também, para este estudo, abordar a forma como cada locutor transmite a sua mensagem: que estratégias discursivas põe em uso para atingir o seu objetivos? Desta forma, começaremos por abordar as figuras de retórica, passaremos, depois, para a dêixis e, finalmente, abordaremos a coerência e a coesão.

Existem inúmeras classificações para as figuras de retórica.

Começemos pela definição da palavra figura. De acordo com Latuf Isaiás Mucci, no *Dicionário de Termos Linguísticos*, “o termo “figura” designa todos os procedimentos de estilo num determinado enunciado.”, lembrando que

Desde seus primórdios, a retórica, sobretudo sob a rubrica (ou figura) da elocutio, distingue as figuras de palavras, ou tropos, das figuras de pensamento, que intervêm mais diretamente na organização do conjunto do discurso.

(Mucci)⁴⁸

⁴⁷ Consultado no sítio de Patrick Charaudeau: <http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-n-est-peut-etre,223.html> [27 de maio de 2018]

⁴⁸ Consultado no *Dicionário de Termos Linguísticos* em <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/figuras-de-linguagem/> [8 de janeiro de 2019]

Decidimos, para esta dissertação, escolher a classificação elaborada por Robrieux (2007) que se inspirou nos tratados de retórica clássica. Assim, este especialista em retórica propõe a seguinte classificação: figuras de sentido, figuras de palavras, figuras de pensamento e figuras de construção (Robrieux, 2007: 45).

As figuras de sentido ou *tropos* são processos de transferência semântica de uma palavra ou conjunto de palavras e englobam figuras como a comparação, a metáfora, a alegoria, a metonímia, a sinédoque, a antonomásia, a perífrase, a pronominação e a metalepse.

Se as figuras de sentido estão relacionadas com o significado das palavras, as figuras de palavras relacionam-se com o significante, abarcando os jogos lexicais e os jogos de sons. Já as figuras de pensamento dizem respeito à combinação de ideias e pensamentos e podemos dar os seguintes exemplos: ironia, eufemismo, hipérbole, antítese, paradoxo a apóstrofe, entre outras.

No que diz respeito às figuras de construção e segundo Robrieux:

Entende-se por “figuras da construção” como todos os processos que dizem respeito à sintaxe, isto é, tanto à organização geral da frase como ao lugar das palavras entre elas e às relações destas com as estruturas globais do enunciado.⁴⁹

(Robrieux, 2007: 118)

Estas figuras englobam as construções simétricas, as figuras de repetição e de acumulação.

Sendo um género dialogal, que marcas deste *eu* e de um *tu* se podem, então, encontrar?

Vamos, então, abordar a dêixis, ou seja,

o conjunto de fenómenos responsáveis pela inscrição do sujeito na estrutura formal do sistema linguístico, e que, na sua expressão em operadores linguísticos particulares, os **deícticos**, permite marcar, no enunciado, as circunstâncias da sua enunciação pelo falante num contexto singular, constituindo-se este, necessariamente, como ponto de referência para a sua descodificação.

(Gouveia, 1996: 412)

Gouveia (1996), de acordo com Levinson (1983), distingue cinco grandes categorias ligadas à pessoa, ao lugar, ao tempo, ao discurso e à dinâmica social correspondendo estas à dêixis pessoal, espacial, temporal, discursiva e social (*ibidem*). Para este estudo, focado no *eu*, interessa, essencialmente, a dêixis pessoal e a dêixis social que diz respeito respetivamente ao papel dos participantes na situação comunicacional e ao papel social dos participantes no discurso.

⁴⁹ Tradução nossa.

A dêixis pessoal inclui as diversas “maneiras de fazer referências aos participantes da situação de enunciação”⁵⁰ (Seara, 2017: 112-113), dizendo respeito por isso à primeira e segunda pessoas gramaticais que referem o locutor e “o” ou “os” destinatários, não englobando esta categoria a terceira pessoa uma vez que esta não faz parte do sistema de enunciação. Já Lima acrescenta, nesta categoria, a terceira pessoa “que refere alguém que não participa diretamente na comunicação.” (2006: 87)

A dêixis social

também tem a ver com a referência a pessoas, mas esta referência faz-se através de expressões que sinalizam mais ou menos familiaridade/proximidade ou mais distância entre os participantes na comunicação, ou então, expressões que enquadram os participantes na comunicação sob o ponto de vista de uma escala de papéis sociais ou hierarquia.

(Lima, 2006: 92)

Como refere Seara (2017: 113), de acordo com Araújo Carreira (1997) fatores como o grau de intimidade ou familiaridade ou a deferência que o locutor pretende conduzem-no à escolha de formas de tratamento diversificadas que podem implicar um maior ou menor afastamento.

Podem também ser importantes para este estudo a dêixis espacial e a dêixis temporal. A dêixis espacial diz respeito “à localização de uma entidade em relação ao contexto em que a enunciação toma lugar” (*ibidem*: 88) e, podemos referir como exemplos, os advérbios “aqui” e “ali”, “cá” e “lá” e os determinantes e pronomes demonstrativos. Já a dêixis temporal “tem a ver com aquelas expressões que permitem a referência a momentos ou períodos de tempo em relação ao momento do contexto da enunciação” (Lima, 2006: 90). Os advérbios “agora” ou “hoje” são exemplos desta referência deítica, mas os tempos verbais também o são. Os advérbios referidos anteriormente podem ter uma dimensão mais vaga ou mais precisa de acordo com o contexto em que são aplicados.

Para terminar esta categorização de referir a dêixis discursiva que se relaciona com “expressões que ocorrem num enunciado (escrito ou oral) e que servem para a referência a outras expressões, ou a fragmentos, do próprio discurso onde ocorre o enunciado” (*ibidem*: 91)

A dêixis contribui, então, para a coesão e coerência do discurso. Sendo fenómenos distintos, a coerência e coesão de um discurso são fundamentais para o garante da textualidade.

⁵⁰ Tradução nossa.

Ao abordarem, como objeto central, a coesão, no seu livro *Cohesion in English*, Halliday e Hasan referem o seguinte: “Cohesion is part of the language” (1976: 5) e ainda:

Cohesion is a semantic relation between an element in the text and some other element that is crucial to the interpretation of it. This other element is also to be found in the text (...); but its location in the text is in no way determined by the grammatical structure.

(*ibidem*: 8)

Desta forma, podemos apontar a coesão como o conjunto de meios linguísticos que asseguram ligações dentro da própria frase e também entre frases, ou, como salienta Maria Antónia Coutinho, na sua tese de Doutoramento “Restringindo-nos para já à posição destes autores [Halliday e Hasan], diremos que existe coesão sempre que a interpretação de um elemento do discurso depende de outro” (Coutinho, 2000: 139). Os mesmos autores, Halliday e Hasan, referem, então, a coesão gramatical e a coesão lexical. A primeira abarca os fenómenos de referência, substituição e elipse e a segunda, a coesão lexical, a repetição e a *collocation* (“the association of lexical items that regularly co-occur” (Halliday e Hasan, 1976: 284).

De acordo com Koch,

o fenómeno da coesão é muito mais amplo: não se trata apenas do estabelecimento de relações entre enunciados ou partes de enunciados, mas de operar emissões e retomadas referenciais; de criar ou recategorizar objetos-de-discurso; de sumarizar/rotular, muitas vezes estabelecendo orientações argumentativas, sequências textuais; de introduzir recorrências produtoras de sentido (paralelismo, paráfrases, repetições, etc); de presidir a seleções lexicais adequadas ao tema, ao estilo, ao gênero; e assim por diante. Portanto, não é a partir dos recursos coesivos presentes num texto que se estabelecem as relações; pelo contrário, esses recursos servem justamente para assinalar a sua existência

(Koch, 2003: 88)

A partir dos anos 50 do século passado, com o desenvolvimento de diversas ciências tais como a semiótica, a psicologia e as ciências cognitivas passou a dar-se primazia ao discurso e não apenas à frase. Assim, passou-se a estudar a relação lógica entre as frases, ou seja, a coerência. As frases estabelecem diferentes relações entre si. Estas podem ser de oposição, comparação consequência, justificação entre outros. Para Halliday e Hasan há duas condições para que um texto seja coerente: em primeiro lugar, o texto tem de estar de acordo com o contexto e, em segundo lugar, todas as partes do texto têm de estar interligadas entre si.

Amália Mendes, no capítulo da *Gramática do Português* (2013) dedicada à “Organização Textual e Articulação de Orações”, considera o seguinte:

A coesão e a coerência são parâmetros diretamente ligados à organização textual e não tanto à situação de comunicação. A coerência assegura que as relações entre as entidades e as

situações estão acessíveis aos falantes, são lógicas para eles e são adequadas ao seu conhecimento do mundo. Assim, a coerência não está apenas limitada às propriedades textuais mas resulta de processos cognitivos.

(Mendes, 2013: 1694)

De assinalar também a pertinência da Pragmática neste domínio da coerência, uma vez que esta resulta ainda do conhecimento do mundo, do quadro de referência de quem ouve. Maingueneau na sua obra *Les termes clés de l'analyse du discours*, no domínio da coerência refere o seguinte: “Pour qu'un texte soit dit cohérent il doit être rapporté à une intention globale, à une «visée illocutoire» attachée à son « genre de discours ». C'est ce qui permet au destinataire d'adopter un comportement adéquat à son égard...” (Maingueneau, 2009: 26)

A coesão e coerência estão ligadas, como é óbvio, à questão da progressão temática. Qualquer discurso parte de um tema que se desenvolve, seguindo uma dupla organização: uma organização enunciativa e psicológica, e uma organização lógica de unidades (Safarti, 1997: 29) fundamentais para a estruturação do discurso e para a sua compreensão.

1.7. Estratégias autobiográficas

Philippe Lejeune inicia o seu livro *Le pacte Autobiographique* colocando a questão “É possível definir a autobiografia?”⁵¹(1996: 13) Esta questão é de difícil resposta, pois dá lugar a numa vasta discussão. O sentido corrente é o de discurso no qual o autor conta a sua vida. Um sentido mais preciso é-nos dado por Lejeune que afirma o seguinte: “Récit rétrospectif en prose qu'une personne réel fait de sa propre existence, lorsqu'elle met l'accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l'histoire de sa personnalité. ” (1996: 14)

Ora se a noção de autobiografia, com uma definição muito delimitada, se aplica a obras literárias com as características acima referidas, o adjetivo autobiográfico mantém, ainda, a “dutibilidade antiga” (Zanone, 1996: 8), ou seja, autobiográfico abrange um discurso em que o autor aborda assuntos da sua vida e os seus sentimentos.

A este estudo interessa esta noção de autobiográfico, de um locutor, um *eu*, que, no seu discurso, nos fala da sua vida e dos seus sentimentos e que, na sua estratégia retórica, faz

⁵¹ Tradução nossa.

comentários e convoca vários elementos, outras pessoas e acontecimentos: “pour bien raconter une histoire, il faut camper des personnages, décrire leurs relations réciproques, expliquer leur raison d’agir; décrire les contextes des actions et interactions, porter des jugements...” (Bertaux, 1997: 32). O locutor torna-se, segundo Kuperty-Tsur na sua intervenção intitulada “Justice historique et écriture mémorialiste”, “le personnage central et indispensable parce qu’il est générateur de sens et de clarté dans le labyrinthe obscur de la masse narrative.” (2000: 53)

O discurso biográfico estrutura-se a partir de uma sucessão de acontecimentos, aquilo a que Bertaux denomina de “linha de vida”⁵²(1997: 33) que não é, na maior parte dos casos, harmoniosa, mas que está sujeita a inúmeras contrariedades, umas de carácter mais global, como por exemplo uma guerra ou um golpe de estado, outras de carácter mais individual, uma doença ou um acidente, que determinam mudanças de vida. (Bertaux, 1997: 34) Este relato, num discurso autobiográfico oral, é mais espontâneo e tem um carácter que podemos de apelidar de dialogal, uma vez que o locutor conhece à partida os interesses de quem o ouve. Existe, então, um pacto – “Ce pacte fait filtre, oriente et précentre l’entretien.” (*ibidem*: 35)

Écrire sur soi conduit forcément les auteurs à réfléchir sur les conditions de leurs discours: faut-il tout dire, de quelle façon, etc. En outre, loin d’être un discours solipsiste, le dialogue avec soi-même ou avec d’autres textes stimule l’échange au sein du récit.

(Clerc, 2001: 88)

Interessa ainda abordar a noção de “victime glorieuse” (2000: 59) apontada por Kuperty-Tsur, na sua intervenção no colóquio referido anteriormente, no que diz respeito aos discursos memorialistas: “Cette figuration [de la victime glorieuse] est rendue possible grâce à la temporalité spécifique des Mémoires qui s’appuie sur une présentation dichotomique du passé, avant: la gloire et après: la disgrâce injuste qui, sans prévenir, les transforme en victime.” Nos exemplos dados por esta autora, a estratégia retórica utilizada apontava para a ideia de que uma “desgraça injusta” transforma o memorialista em vítima (*ibidem*). Esta figura de vítima das circunstâncias da vida que, apesar de todas as contrariedades luta e sai gloriosa de uma ou de várias batalhas parece-nos estar presente nos discursos objeto de estudo.

⁵² Tradução nossa.

A questão do *eu* remete-nos também para uma questão muito mais profunda: a problemática da personalidade. Não aprofundando demasiado este questão, até porque exigiria conhecimentos do foro psicossociológico, não podemos deixar de referir uma questão ligada aos modelos educacionais europeus e americanos que, tal como nos diz Lecarme e Lecarme-Tabone, nos ensinam a “olhar a vida como uma aprendizagem e uma progressão: amorfa ou indeterminada no início, depois de ciclos de provas e de iniciações, o sujeito humano acaba por assumir uma personalidade de aço”.⁵³ (2004: 57)

Clerc aponta como regra fundamental para os discursos autobiográficos o “dizer a verdade” (2001: 45). É esta verdade que valida o discurso e que capta a atenção do interlocutor: “Dire la vérité est d’abord ce qui vient donner un assise au discours et le rendre possible” (*ibidem*). Esta verdade aliada ao facto de o discurso autobiográfico ser uma narração ulterior permite, em primeiro lugar, uma atitude crítica e desmistificadora do próprio passado e pode, por isso, ter um carácter pedagógico, que nos faz pensar na retórica clássica: “[l’interlocuteur] est invité à comprendre un moi et un monde autres qui le feront réfléchir à son tour sur sa propre condition d’homme” (*ibidem*, 47). A verdade permite, também, transformar os discursos em “monumentos” que têm o poder de agir sobre o outro (*ibidem*, 51). De referir, ainda, que a verdade tem ela própria uma força ilocutória, fruto do conhecimento que só o locutor autobiográfico possui da sua própria vida e que está disposto a partilhar com o seu público.

Como é que podemos, então, analisar um discurso de cariz autobiográfico? Segundo Clerc, a análise de um texto autobiográfico deve contemplar o título, a ordem e as escolhas narrativas. No caso dos discursos objeto de estudo desta investigação, é importante abordar a ordem pela qual os acontecimentos são contados e as escolhas narrativas, isto é, se o discurso aborda a vida como um todo ou diz respeito apenas a uma parte da existência do enunciador? A ordem pela qual os acontecimentos são narrados não é de somenos importância. Parece natural e habitual que a ordem do discurso seja linear, acompanhando o tempo cronológico desde a infância até ao momento em que se se fala. Por outro lado, este tipo de discurso autobiográfico que implica uma maior ou menor *décalage* temporal leva, segundo Clerc (2001: 88), a que o autor esteja numa posição de comentador de si próprio e da sua vida, mantendo, ao mesmo tempo, um diálogo com os

⁵³ Tradução nossa.

seus interlocutores. Por isso se pode falar de um género dialogal, tal como é confirmado por Zanone que corrobora esta ideia de Clerc:

Raconter sa vie n'est pas un geste qui va de soi: on voit que, d'une part, il est encouragé par un contexte spirituel et social privilégié, qui autorise l'individu à penser ce qui, dans son rapport avec Dieu ou avec la société, fait de son caractère quelque chose d'unique et d'exemplaire.

(Zanone,1996: 41)

Esta dissertação visa o estudo de discursos inspiradores sobre o sentido da vida que têm, por isso, e, na sua generalidade, uma dimensão autobiográfica e uma dimensão moral como transmissores de uma espécie de verdade fundamental pelo que se torna imperioso aprofundar a noção de enunciação aforística.

1.8 A enunciação aforística

La forma del aforismo seduce, tanto por su sonoridad como por su silencio. Abraza y atrapa en sus palabras lapidarias, mas deja fluir libremente la interpretación. Presenta cierto aire de finalidad que, no obstante, se sabe inconcluso. Posee la misma magia de la imagen pictórica, que se revela como una sola y regla captación de lo significado.

El aforismo representa una manera peculiar de pensar y escribir, distinta a la palabra lógica de los pasos sucesivos y concatenados en prolijos argumentos, distinta al pensamiento arquitectónico de los grandes armazones sistemáticos. Es la frase poderosa que cautiva. Su atractiva belleza radica en su estilo sentencioso, unilateral, breve, agudo y, a veces, enigmático.

(Alicea, 2013)

A enunciação aforística é uma forma de enunciação que parte de aforismos, ou seja, de frases breves, sentenciosas, uma espécie de credo, que transmitem uma verdade fundamental. Tem, por isso, uma dimensão moral.

O enunciado aforístico obedece a outra economia para além da do texto. Enquanto o texto se baseia na apropriação por uma memória, o enunciado aforístico é imediatamente dado como memorável e memorizável. Não é a articulação de pensamentos de um ou mais falantes através de vários modos de organização textual, mas a expressão de uma convicção...⁵⁴

(Maingueneau, 2012: 23)

Maingueneau distingue nestas “frases sem texto” dois tipos diferentes: por um lado os enunciados “concebidos para não fazerem parte de um texto” (2013: 101), que não têm origem, nem contexto situacional original e que podem aplicar-se a inúmeras situações,

⁵⁴ Tradução nossa.

como é o caso dos provérbios ou frases sentenciosas, e, por outro lado, os enunciados retirados de um texto, uma citação ou um título de uma entrevista retirado das palavras do entrevistado com um valor genérico e geral e que este autor intitula de “surassertion”. No seu artigo “Aphrosation et cadrage interprétatif” (2013), Maingueneau aponta as seguintes características deste tipo de enunciados:

- De manière schématique, on peut dire qu’une séquence est *surassertée* dans un texte si
- elle est relativement brève,
- elle possède une structure prégnante sur le plan du signifiant (symétrie, syllepse...) et/ou du signifié (métaphore, paradoxe...);
- elle se trouve en position saillante, le plus souvent en début ou en fin de texte ou de partie de texte, de manière à lui donner le statut d’un condensé sémantique du texte dont elle fait partie ; - elle marque une prise de position sur un point controversé, liée à la thématique du texte ou du passage concerné ;
- son énonciation implique un ethos particulier, une sorte d’« amplification » de la figure de l’énonciateur.

(Maingueneau, 2013: 103)

Estas características permitem que determinado enunciado possa ser retirado do texto, destacado (*surasserté*) num texto, no entanto, Maingueneau considera que este tipo de enunciado, o enunciado aforístico, tem um carácter pragmático. Trata-se de um enunciado autónomo, não de um fragmento de um texto, embora esteja ligado a ele, situando-se, assim, simultaneamente dentro e fora do texto, como alude na sua aula publicada em vídeo:⁵⁵ “Il est à la foi textuelle et pas textuelle, c’est une sorte de frontière assez instable entre les deux” (2017: *min.* 16:03) ou “ce qui caractérise l’aphorisation, c’est de refuser d’entrer dans la logique du texte et du genre de discours.” (Maingueneau, 2012: 47) Na mesma aula, Maingueneau refere a frase “*I Have a Dream*”, de Martin Luther King, como exemplo de aforismo, associando a esta frase a ideia de que há nela uma verdade absoluta: “Dès qu’on est un grand mort on laisse des phrases...être un grand mort s’est avoir laisser à l’humanité des phrases absolues, parce que la phrase c’est la parole absolue alors que le genre n’est jamais absolue” (2017: *min.* 19:22), afastando, assim, a ideia de encadeamento e de género de discurso, da enunciação aforística. Neste tipo de enunciação, aforística, o enunciado não é dirigido a um determinado interlocutor imposto por determinado género de discurso. O enunciador

⁵⁵ Aula dada por Dominique Maingueneau com o título de “Aphorisation et Argumentation”, na Universidade de Estocolmo, em 2016, referenciado no sítio da Universidade. Disponível em: <https://www.su.se/romklass/om-oss/evenemang/registrera-evenemang/aphorisation-et-argumentation-%C3%A0-travers-deux-exemples-religieux-et-politique-1.257662> e publicada a 4/10/2017 no *Youtube*: <https://www.youtube.com/watch?v=r02JCJYhaPo> [consultado a 18 de outubro de 2019]

assume l'*ethos* du locuteur qui prend de la hauteur, de l'individu autorisé, au contact d'une source transcendante. Il est censé énoncer sa vérité, soustraite à la négociation, exprimer une conviction. En lui tendent à coïncider sujet d'énonciation et Sujet au sens juridique et moral: quelqu'un se pose en responsable, affirme des valeurs et des principes à la face du monde, s'adresse à une communauté par-delà les allocutaires empiriques qui sont ses destinataires, par-delà la diversité des genres de discours.

(Maingueneau, 2013: 109)

Se, no caso dos provérbios ou frases sentenciosas, a compreensão da mensagem depende do modelo que os interlocutores conhecem e a partir do qual formulam hipóteses relacionadas com o que a situação implica, no caso das enunciações retiradas de um texto, para que a mensagem seja compreendida, é necessário que o destinatário seja enquadrado em determinado domínio que pode ser informativo (quando pretende fornecer uma informação) ou de testemunho, ligado à “expressão de uma convicção, de uma emoção ou de uma experiência⁵⁶” (Maingueneau, 2012: 106) ou, num quadro acional, em que o locutor tem o poder de modificar uma determinada situação. De referir, no entanto, que “quel que ce soit ce cadre, l'interprète est contraint de construire une altérité.” (Maingueneau, 2012: 103)

Os enunciados aforísticos secundários dependem, então, do contexto: o contexto de origem e o contexto de acolhimento e é da aproximação ou do afastamento entre os dois que resulta, ou não, a compreensão da mensagem. De salientar, no entanto, que

Si la grande majorité des aphorisations secondaires s'évanouissent aussitôt que détachées, certaines entrent dans quelques mémoires collectives, disponibles pour un réemploi. Elles viennent ainsi rejoindre les aphorisations primaires (...) vouées à être à l'intérieure d'une communauté plus au moins vaste.

(Maingueneau, 2012: 59)

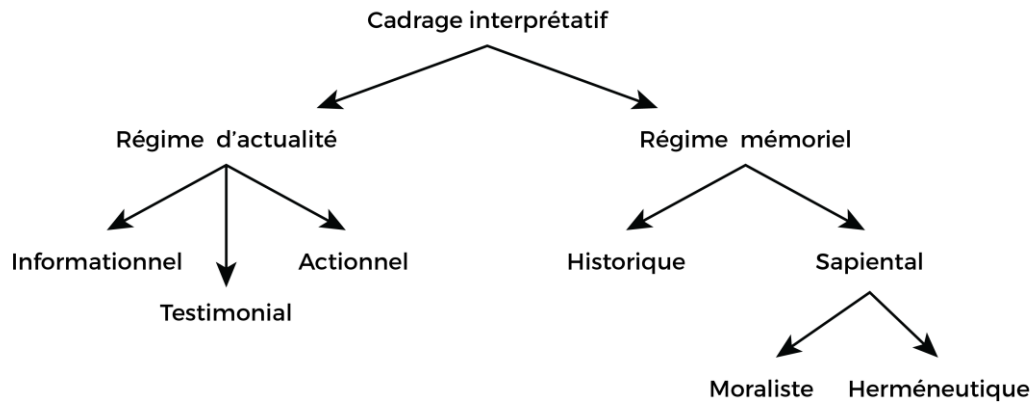
Podemos, ainda, distinguir enunciados aforísticos que podemos enquadrar em determinado espaço e tempo que se inserem, então, num quadro de atualidade, aos quais se opõem aforismos gravados numa memória coletiva de duração longa, os quais podem ser históricos, enquadrados num determinado momento, ou aquilo que Maingueneau denomina de “*sapiental*”, fruto do ponto de vista de um enunciador que se considera privilegiado e que se pode inserir num quadro moralista ou hermenêutico.

Neste quadro moralista, o enunciado aforístico exprime uma espécie de julgamento geral sobre o mundo. Já no quadro hermenêutico o destinatário é obrigado a um verdadeiro e cuidadoso trabalho de interpretação - “[le destinataire] se donne pour tâche de dégager un

⁵⁶ Tradução nossa.

sens caché, un «message» dont il est postulé qu'il importe à l'interprète" (Maingueneau, 2012: 110).

O quadro que se segue sistematiza os diferentes enquadramentos:



(Maingueneau, 2012: 110)

É este enquadramento que permite a seleção dos elementos do contexto necessários para a construção de sentidos. No caso do regime de atualidade, abordado no esquema anterior, a interpretação dos enunciados aforísticos torna-se mais simples, porque é fácil mobilizar e recuperar o contexto ou porque este se encontra no próprio texto de onde foi retirado o enunciado ou porque parte de conhecimentos partilhados pela comunidade.

A tarefa é mais exigente no caso do regime de memória, uma vez que se tem de mobilizar conhecimentos de diferentes tipos em função do tipo de enquadramento. Pode ter de se mobilizar conhecimentos relativos a factos históricos, a acontecimentos da vida do locutor ou da época.

Para este estudo interessa sobretudo os aforismos situados num quadro hermenêutico, pois os discursos a estudar remetem essencialmente para a autoridade do enunciador reconhecida pelo seu público. E de onde vem esta autoridade? De acordo com Maingueneau,

O enunciado aforístico não está reservado a qualquer funcionamento arcaico da linguagem abandonado à curiosidade de etnolinguistas ou estudiosos. Numa sociedade tradicional, onde a oralidade domina, mantém uma relação privilegiada com a experiência acumulada, a autoridade dos antigos, as formas sentenciosas que estão gravadas na memória (...) Mas também prolifera no mundo contemporâneo: em *sites* de notícias, páginas ou fóruns no *Facebook*, placas de veículos ou camisolas. É que além de seus múltiplos modos de manifestação, é um recurso inscrito no próprio funcionamento da linguagem.

(Maingueneau, 2013: 16)

PARTE II

NO PRINCÍPIO ERA O VÁCUO. A ESCURIDÃO. O CAOS. Um enorme vazio sem forma nem substância. Não havia nem céus, nem terra, nem separação de águas. Nenhum Deus revelado, nem nenhum nome pronunciado. Nenhum destino determinado até que se vê um relâmpago, uma luz, e se dá uma súbita expansão do tempo e do espaço, da energia e da matéria, de átomos e de moléculas – a matéria-prima de centenas de milhões de galáxias, cada uma delas com centenas de milhões de estrelas.

Aslan (2018: 25)

METODOLOGIA

Como já foi referido anteriormente, este projeto começou a esboçar-se com o estudo, em primeiro lugar, do discurso de Steve Jobs e, de seguida, com o estudo do discurso de Manuel Forjaz “O sentido da Vida”, realizado na disciplina de Conhecimento Explícito da Língua II, orientada pela Doutora Isabel Roboredo Seara. Depois da análise discursivo-pragmática de um discurso tão inspirador como o de Steve Jobs e dando continuidade aos trabalhos a elaborar para a mesma disciplina, a tarefa de encontrar um discurso igualmente inspirador, mas, desta vez, em língua portuguesa, pareceu-me um tanto difícil. Felizmente, numa busca interessantíssima, mas difícil, acabei por encontrar vários discursos deste género e, muitos, passíveis de serem objeto de estudo.

O discurso de Manuel Forjaz, cujo mediatismo se verificou apenas nos últimos anos da sua vida, tendo deixado, contudo, uma marca fortíssima como exemplo de alguém que parou para pensar no sentido da vida e no que fazer para que esta valha a pena, acabou por dar título a este trabalho de investigação e originar uma nova pesquisa relativamente a outros discursos.

Aquando da elaboração do projeto desta dissertação, selecionei inúmeros discursos que tinham, na minha opinião, espaço neste trabalho: discursos políticos como os Nelson Mandela ou de Martin Luther King (“I have a dream”), ou de Barack Obama (discurso de vitória nas eleições, em 2008) e de Emmanuel Macron (discurso de vitória nas eleições, em 2017); discursos de vencedores de prémios Nobel, D. Ximenes Belo (1996) ou José Saramago (1998); discursos retirados de filmes como em “Deep Impact” (1998) ou “The pursuit of happiness” (2006); e até discursos de criativos como o de Elizabeth Gilbert (“Your Elusive Creative Genius”), proferido em 2009, após o êxito do seu livro, lançado em 2006, “Comer, orar e amar”. “As bem-aventuranças” e os “Dez Mandamentos” também foram, inicialmente, apontados como possíveis textos a ser estudados, sobretudo porque apontam normas de vida e de conduta. No entanto, e porque a sua natureza linguística se afasta dos outros discursos, estes foram retirados deste trabalho. Malogradamente, a questão do tempo imperou na decisão de restringir o *corpus* pelo que optei por reduzir o *corpus* textual, selecionando os discursos que me pareceram os mais relevantes para os estudos discursivos e que patenteiam possibilidades de constituírem materiais pedagógicos para o ensino da Língua Portuguesa.

Os discursos a analisar serão os seguintes:

Discursos Ignite / TedEX –

A– Discurso de Manuel Forjaz (O sentido da vida) – discurso proferido no 6º Ignite⁵⁷ Portugal realizado a 16 de junho de 2010.

B – Discurso de António Forjaz (O sentido da vida) - foi proferido numa conferência TedEX⁵⁸, em 2015.

Discursos de formatura –⁵⁹

C - Discurso de Steve Jobs – proferido numa cerimónia de formatura, na Universidade de Stanford, em 2005.

D - Discurso de Michelle Obama – proferido numa cerimónia de formatura, no City College de Nova Iorque, em 2016.

Discurso religiosos –

E – Discurso do Papa Francisco (2019) – proferido nas Jornadas Mundiais da Juventude com o Papa.

F– Discurso do Dalai Lama – desconhece-se o local e o público alvo deste discurso retirado do livro *The Dalai Lama a Policy of Kindness, An anthology of Writings by and about The Dalai Lama*, foreword by Senator Clairborne Pell, compilado e editado por Sidney Piburn.

Após a transcrição e tradução dos discursos anteriormente referidos, realizada por mim, procedi à investigação a nível teórico para a qual contei com a ajuda preciosa da Doutora Isabel Roboredo Seara, não só pela indicação do caminho a seguir, como também pelos empréstimos bibliográficos.

Os conteúdos teóricos levaram-me ao afastamento dos objetivos iniciais traçados no meu projeto de dissertação e à elaboração de uma primeira estratégia de abordagem, seguindo as questões enunciados por Charaudeau (2008b): - “comment entrer en contact avec

⁵⁷ Ignite Portugal é um movimento que pretende dar voz aos talentos desconhecidos de Portugal, organizando apresentações sobre temas variados em que os apresentadores têm apenas cinco minutos para falar com vinte slides que vão rodando automaticamente. As apresentações versam diversos temas que vão desde a criatividade à inovação, passando pelo empreendedorismo e tecnologia.

⁵⁸ TedEX é um programa de eventos locais, e organizados de forma independente, onde se reúnem pessoas para partilharem uma experiência ao estilo TED (*Technology, Entertainment, Design*). TED é uma organização sem fins lucrativos dedicada à disseminação de ideias em conversas geralmente curtas, cerca de 18 minutos, que hoje abrangem quase todas as áreas disciplinares e culturais. Estas conferências iniciaram-se em 1984 e hoje disseminaram-se pelo mundo. Em Portugal, o primeiro evento realizou-se em setembro de 2009, em Lisboa e, desde então, têm-se realizado inúmeras conferências por todo o país.

⁵⁹ Cerimónia de grande tradição nos Estados Unidos que representa o fim de um curso superior e o início de uma nova vida.

l'autre?" – "comment imposer sa personne de sujet parlant à l'autre ?" – "comment toucher l'autre"? e – "comment organiser la description du monde que l'on propose/impose à l'autre?".

Esta primeira tentativa revelou-se infrutífera, uma vez que se tornava difícil analisar os discursos, respondendo a estas questões que se interligam. Voltei, então, aos objetivos iniciais e decidi estudar estes discursos inspiradores, que versam sobre a temática do sentido da vida, analisando, inicialmente, cada um dos discursos, do ponto de vista linguístico e pragmático, ou seja, tendo em conta a mensagem, quem a profere, o contexto em que é proferida e os objetivos e/ou as consequências da mesma.

Os seis discursos foram estudados individualmente, tendo-se procurado atingir os objetivos enunciados desde o início deste projeto, a saber:

- analisar as estratégias utilizadas pelos locutores para transmitirem "le bien, le juste et le vrai" (Aristóteles *apud* Charaudeau, 2009b: 1); para atingir este primeiro objetivo estudou-se a legitimidade, a credibilidade e a captação.

A abordagem da forma como cada orador capta a atenção do outro, tenta persuadi-lo, levou-nos a outros objetivos:

- aplicar a teoria dos atos de fala e perceber quais são os dominantes;
- analisar os recursos expressivos e os aforismos convocados foi também um dos objetivos deste trabalho;

Após esta análise, e num quadro síntese, procedeu-se à sistematização das estratégias retórico-discursivas utilizados de forma a perceber-se como é que cada orador consegue transmitir a sua mensagem sobre o sentido da vida. Esta sistematização conduz-nos às considerações finais.

PARTE III

ANÁLISE DO CORPUS

1. “Le bien, le juste et le vrai”

O primeiro objetivo deste trabalho é o de analisar, em cada um dos discursos, as estratégias utilizadas pelos locutores para transmitirem “le bien, le juste et le vrai” tal como já foi referido. Nesse sentido, começaremos por abordar:

1.1. a posição de autoridade de cada um dos locutores face ao seu público, ou seja, a legitimidade de cada um;

1.2. a credibilidade, o *ethos*;

1.3. e as estratégias de captação.

1.1. A legitimidade

Todos os oradores, perante o público a que se apresentam, têm, à partida, uma determinada identidade social, uma legitimidade para falar, para estar naquele lugar a abordar determinado assunto. Esta autoridade pode ser institucional ou pessoal, baseada no carisma, num comportamento ou numa competência.

1.1.A - Discurso de Manuel Forjaz

Sendo o primeiro discurso proferido numa conferência *Ignite*, o público de Manuel Forjaz, à partida, já o reconhece como um talento, alguém digno de ser ouvido. Além disso, a sua legitimidade provém do facto de possuir mais experiência de vida relativamente ao seu público, jovem. Trata-se de um homem mais velho, logo, mais experiente. Esta legitimidade (“posição superior”) advém também do facto de ser um excelente comunicador, mas também um homem inteligente que foi dirigente da Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE), administrador do jornal *A Capital* e fundador da empresa *Ideiateca* e, sobretudo, advém do facto de ter sido primeiro *host* do *TEDx* Porto. Não podemos deixar de lembrar que, de acordo com o jornal *Público*⁶⁰, “[Manuel Forjaz] terá sido um dos primeiros oradores a colocar na agenda a palavra “empreendedorismo”. Por outro lado, o facto de ter uma doença oncológica grave e de dar testemunho ao público é também um fator que legitima o seu direito a abordar um

⁶⁰ Notícia de Ana Henriques e Ana Rute Silva aquando da morte de Manuel Forjaz a 6 de abril de 2014. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/04/06/sociedade/noticia/-manuel-forjaz-perde-batalha-contra-o-cancro-1631223>

tema como o sentido da vida, já que se encontra numa situação de risco. Na verdade, Manuel Forjaz legitima a sua mensagem – qual o sentido da vida? - através da sua própria experiência de vida.

1.1.B. - Discurso de António Forjaz

Por sua vez, António Forjaz é filho de Manuel Forjaz e apresenta-se numa conferência *TedEx* para falar sobre o sentido da vida, tema abordado no primeiro discurso objeto deste estudo, nesta dissertação. Trata-se, sobretudo, de uma homenagem a seu pai, Manuel Forjaz, sendo o facto de ser filho deste e de, por isso, ser uma das pessoas que melhor o conhece, podendo falar sobre ele e transmitir a mensagem de esperança e de sentido para a vida de seu pai, que lhe confere legitimidade para discursar nesta conferência.

1.1.C - Discurso de Steve Jobs

O terceiro discurso escolhido é o de Steve Jobs. Além de ser mais velho do que a sua plateia de estudantes universitários e de ter, logicamente, mais experiência de vida, o que legitima o seu discurso é o facto de ser um excelente comunicador e um empresário de sucesso, criador da *Apple*⁶¹, tendo revolucionado a indústria dos computadores e dos telefones, mas também, e sobretudo, do facto de ter alcançado tudo isto não tendo terminado o seu curso universitário, como é comprovado no seu próprio discurso, estando, neste caso, a dirigir-se a um público que está a finalizar os seus estudos.

1.1.D - Discurso de Michelle Obama

O ser mulher do primeiro presidente afrodescendente dos Estados Unidos, de ser ela própria afrodescendente, de ser a mulher por detrás de um grande homem que tem, ela própria, a sua personalidade e o seu sucesso, enquanto advogada e mãe, são os fatores que, à partida, legitimam este discurso de Michelle Obama⁶². É de vital importância compreendermos o local e o contexto histórico deste discurso, uma vez que o City College é uma prestigiada universidade americana, pois além de ter formado dez prémios Nobel,

⁶¹ *Apple* é uma multinacional norte-americana que concebe e produz produtos eletrónicos tais como computadores e telemóveis. Foi fundada por Steve Jobs, Steve Wozniak, Ronald Wayne. A revista “Fortune” classificou-a como a mais admirada dos EUA em 2008, e do mundo em 2008, 2009 e 2010.

⁶² Michelle Obama é a mulher de Barack Obama, 1º Presidente afrodescendente dos EUA. É advogada e escritora e teve um papel preponderante nas duas campanhas eleitorais do seu marido e nas próprias ações políticas do seu marido ao longo da sua presidência.

orgulha-se de ter recebido, ajudado e formado muitos filhos de imigrantes, e, coincidentemente, Michelle Obama assume-se, neste discurso, como alguém cujos antepassados passaram por grandes dificuldades, tendo, os primeiros, entrado nos EUA como escravos.

1.1.E.F - Discursos do Papa Francisco e do Dalai Lama

Os discursos seguintes são de duas personalidades incontornáveis ligadas ao mundo espiritual e religioso. A legitimidade do Papa Francisco e do Dalai Lama é institucional. Ambos são representantes máximos de uma religião.

O público do Papa Francisco, das Jornadas Mundiais da Juventude, encontra-se ali e ouve-o, porque se trata de ouvir o representante máximo, o líder mundial da Igreja Católica, considerado o sucessor de S. Pedro, designado por Jesus como o primeiro chefe da Igreja Católica, de acordo com esta religião.

Tenzin Gyatso é o 14º Dalai Lama, líder espiritual budista. Como é óbvio a sua legitimidade advém do facto de ser o 14º Dalai Lama e ainda do seu trabalho mundial como defensor do bem-estar dos tibetanos, defensor do ambiente, da não-violência e do diálogo interreligioso (Piburn, 990: xiii)⁶³.

1.2. A credibilidade, o *ethos*

La crédibilité est donc une affaire d'image (*ethos*) que le sujet construit de lui-même dans deux domaines, celui du «dire vrai», celui du «dire juste» : le «dire vrai» suppose que le sujet qui parle dise ce qu'il pense sans maquillage aucun. Si l'on sait que ce qu'il dit correspond à ce qu'il pense, on dira qu'il est sincère et digne de foi ; le «dire juste» suppose que l'on puisse créditer le sujet qui parle de sérieux et d'honnêteté dans ses affirmations, déclarations et explications.

(Charaudeau, 2007b: 3)

Começámos por abordar a legitimidade dos diversos oradores. Passemos, de seguida, à abordagem do *ethos*, ou seja, a sua credibilidade, a veracidade do que cada um afirma, de acordo com as suas características morais, a sua honestidade e a sua autoridade, entre outras, relativamente ao assunto que aborda. Cada locutor, no seu ato de enunciação, constrói uma imagem de si que apela ao lado emocional do seu público. Cada um dos oradores vai, então, construir a sua imagem em função de dois domínios: “o dizer o verdadeiro” e “o dizer o certo” (Charaudeau, 2009b: 7)

⁶³ Não apontamos, neste momento, o facto de Dalai Lama ter recebido o Prémio Nobel da Paz em 1989, uma vez que desconhecemos a data em que este discurso foi proferido.

1.2.A – Discurso de Manuel Forjaz

Assim, Manuel Forjaz constrói uma imagem de um homem simples, que tinha tudo o que, habitualmente, o ser humano deseja, mas que um dia percebeu que, afinal, não era dono do seu tempo:

Mas aos 40 anos, quando se ganha 10 mil euros por mês, um quinze, ou vinte, ou vinte cinco mil, não se pode quarta-feira à tarde, quando está bom tempo, ir-se fazer surf, não se pode ter mais de 22 dias de férias, não se pode ir dar a volta ao mundo com os filhos.

Eu tive a sorte de ter uma epifania. Aos 40 anos, mais ou menos aos 40 anos, um dia o meu filho foi ter comigo e disse “ó Pai ajuda-me a fazer os deveres”. E eu disse “não, o Pai está cansado e o Pai não tem tempo. (...) E ele saiu e eu olhei para ele e disse “isto não faz sentido”.

Podemos referir que ele se apresenta como um homem inteligente emocionalmente, pois percebeu, a determinada altura da sua vida, que não era “dono do seu tempo”. É esta “epifania”, esta experiência, esta percepção de que a vida não fazia sentido, se vivida daquela forma, que confere a autenticidade a este orador, reforçada, também, pelos diversos exemplos da sua vida, alguns de uma sinceridade que poderiam ter um efeito contrário ao que se pretende, como é o caso da referência ao facto de ter levado empresas à falência.

A felicidade, no meu caso, dependia da liberdade do uso do meu tempo. E mudei de vida então, lancei um conjunto de empresas e foi tudo à falência até hoje constituí um conjunto de negócios que me permite fazer mais ou menos o que quero.

O seu *ethos* também advém da diferença que ele próprio aponta entre ele e os outros, como se pode comprovar no exemplo seguinte:

E a maior parte de vocês pensa que guiar um BMW série 7 é uma coisa muito importante, como se guiar um Smart, ou andar de mota, ou andar a pé na cidade de Lisboa não fosse igualmente fantástico. E a maior parte de vocês liga a coisas como marcas e férias na neve e esquecem-se daquilo que é importante, que é vocês serem donos do vosso tempo e da vossa liberdade.

1.2.B - Discurso de António Forjaz

Por seu turno, António Forjaz apresenta-se apenas na sua modéstia, na sua simplicidade de ser apenas o filho de Manuel Forjaz. O seu *ethos* é fruto do facto de ser igual ao seu público, sendo que o único fator distintivo é o estar ali para falar do seu pai, porque, de entre todos os presentes, é aquele que melhor o conhece:

Eu hoje não estou aqui para vos ensinar nada, não vou referenciar autores conhecidos, não vou apresentar-vos os últimos resultados de MIT, Harvard ou Cambridge. Eu hoje estou só aqui porque quero partilhar uma coisa com vocês. Estou aqui porque quero o partilhar uma experiência, uma ideia, mas acima de tudo eu hoje estou aqui, porque quero fazer uma homenagem a um grande homem.

1.2.C - Discurso de Steve Jobs

No caso de Steve Jobs, o recorrer a exemplos da sua própria vida, o ser honesto, confere ao seu discurso algo de fundamental, a autenticidade (*ethos*). Assim, Jobs apresenta-se, logo no início, como um homem que se sente feliz por estar naquele local (“Sinto-me honrado por estar aqui convosco, na vossa formatura, numa das melhores universidades do mundo.”), como um homem que reconhece as suas fraquezas, pois afirma que nunca terminou nenhum curso universitário (“ Para ser franco, eu nunca concluí a faculdade. Isto é o mais perto que estive de uma formatura.”) e que é um homem simples (“ Hoje, quero contar-vos três histórias sobre a minha vida. Só isso. Nada mais. Apenas três histórias.”, aquilo a que podemos apelidar de *self-made man*, comprovado no facto de ter atingido inúmeros objetivos, não tendo terminado o curso e tendo passado por imensas dificuldades. Destaca-se, de seguida, a confissão intimista das dificuldades que vivenciou:

Nem tudo era romântico. Eu não tinha um quarto no dormitório, então dormia no chão (...); vendia garrafas vazias de Coca-cola para conseguir dinheiro; e caminhava onze quilómetros na cidade, todos os domingos à noite, para conseguir uma boa refeição no templo Hare Krishna. Eu adorava minha vida! (...)

Por isso, aos 30 anos, eu estava desempregado. E de modo muito público. O que fora o foco de toda a minha vida adulta tinha desaparecido, e foi devastador.

Jobs é também um homem que é capaz de recuperar, de ter sucesso pessoal e profissional, após ter perdido tudo, como se pode comprovar no exemplo seguinte: “Não percebi, na época, mas ser demitido da Apple acabou por ser a melhor coisa que poderia ter-me acontecido.” É também um homem que se apresenta na sua fragilidade como outro ser humano qualquer que, apesar de ter tudo, enfrenta, com dificuldade uma luta contra a doença:

Há cerca de um ano, um exame revelou que eu tinha cancro.

Tendo vivido a situação, posso-lhes dizer o que direi com um pouco mais de certeza do que quando a morte era um conceito útil mas puramente intelectual.

1.2.D - Discurso de Michelle Obama

Passemos agora ao *ethos* de Michelle Obama. Trata-se de um *ethos* de uma mulher simples, forte e lutadora que, tal como os jovens universitários que fazem parte do seu público, passou por dificuldades e cujos antepassados também viveram momentos de grande sofrimento:

Vocês provocam-me calafrios. Vocês todos trabalharam muito e chegaram tão longe para alcançar este marco, por isso eu sei que este é um grande dia para todos vocês e para as vossas famílias, e para todos aqueles que, nesta escola, vos apoiaram nesta jornada. E de muitas maneiras, este é um grande dia para mim também. Vejam, este é meu último discurso como Primeira-dama dos Estados Unidos. (...) Talvez a vossa família esteja nessa cidade há gerações, ou talvez, como a minha família, tenham vindo para este país há séculos, acorrentados.

Michelle identifica-se com aqueles estudantes. Ela faz parte daquele grupo e ri-se com eles: “Ok, vocês são brilhantes. (Risos) Eu mesma não poderia ter dito melhor.” e “Aqueles momentos em que os vossos colegas de classe vos mostraram que a vossa teimosa opinião não era assim tão bem informada - mmm hmm. (Risos).” Além da proximidade e do afeto, mostra-se uma mulher inteligente, perspicaz que retoma os discursos dos oradores anteriores, valorizando-os, mostrando que está atenta e exaltando o que foi dito: “Eu acho que o vosso orador de turma colocou a questão da melhor forma - e esta é uma citação - ele disse: (...) Essa foi uma boa citação. (Risos e aplausos.) Ok, vocês são brilhantes. (Risos) Eu mesma não poderia ter dito melhor.”

Trata-se da primeira-dama dos Estados Unidos, no entanto, só no final do discurso é que se vai servir da sua experiência como tal, porque, antes de mais, ela é a mulher simples e igual a todo o seu público, naquele momento: “Mas, finalistas, posso dizer-vos que, como primeira-dama, tive o privilégio de viajar pelo mundo e visitar dezenas de países diferentes, e vi o que acontece quando ideias como essas acontecem. Eu vi como líderes que governam por intimidação...”. Com esta referência, Michelle Obama reforça a ideia de que possui experiência de vida e um conhecimento do que se passa no mundo fruto das suas viagens.

1.2.E - Discurso do Papa Francisco

De acordo com Monteiro e Melo⁶⁴, no seu trabalho sobre a contribuição da escolha dos nomes dos Papas Bento XVI e Francisco para o *ethos* de cada um, a escolha do nome deste último é bastante relevante, uma vez que está relacionada com a figura de S.

⁶⁴ O trabalho destas duas estudantes brasileiras teve como objetivo estudar a construção dos *ethé* dos Papa Bento XVI e Francisco a partir da escolha dos seus nomes, analisando os discursos oficiais pós-eleição, tendo como base de estudo as teorias de Orlandi (1999), Amossy (2005), Charaudeau (2006) e Maingueneau (2006). Consultado em: periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/834/786 [3 de fevereiro de 2019]

Francisco de Assis⁶⁵. Na verdade, a imagem do Papa Francisco, hoje, advém da sua ligação a este santo e ao seu perfil de cardeal. Por outro lado, o seu lema episcopal “*Miserando atque elegendo*” (“Com misericórdia o eleger”), que evoca uma passagem do Evangelho segundo S. Mateus, aliado ao que acabámos de referir e ao seu percurso enquanto Papa, contribuem para um *ethos* de proximidade. Importante referir a mudança radical que operou, renunciando aos fatos opulentos, às joias e aos aposentos luxuosos a que tinha direito enquanto Papa, passando, inclusivamente, a comer com os outros cardeais. De facto, Francisco, neste discurso, mostra-se próximo destes jovens, por vezes, numa proximidade fraterna de pessoa igual às outras, mostrando que faz parte daquele grupo: “Nós queremos reencontrar e reavivar convosco a contínua novidade e juventude da Igreja, abrindo-nos a um novo Pentecostes”. Esta proximidade é reforçada pelo *ethos* afetivo: “Como é bom encontrar-vos e fazê-lo nesta terra que nos recebe com tanta cor e tanto calor!”. Além disso, e uma vez que se trata de um líder de uma igreja, apresenta-se, também, como um homem de Fé, quando mostra que acredita na presença do 1º Papa sempre junto de si e dos jovens:

Lembro-me que em Cracóvia alguns me tinham perguntado se eu iria ao Panamá e eu respondi-lhes: «Eu não sei, mas Pedro irá certamente. Pedro irá certamente». Hoje, eu estou feliz por vos dizer: Pedro está convosco para celebrar e renovar a fé e a esperança. Pedro e a Igreja caminham connosco e nós queremos dizer-vos que não tenham medo...

1.2.F - Discurso do Dalai Lama

Centremo-nos agora no *ethos* do Dalai Lama. Este é o líder budista que se apresenta, neste discurso, próximo do grupo a quem se dirige. E mais do que próximo, podemos salientar que se mostra igual aos outros, pretendendo apenas ser visto como um ser humano, ideia que reitera inúmeras vezes:

Ao discutir esses temas, não me vejo como budista, Dalai Lama ou tibetano, mas sim como um ser humano e espero que vocês, no auditório, pensem em vocês mesmos dessa maneira. Não como americanos, ocidentais ou membros de um determinado grupo, pois essas condições são secundárias.

1.3. Estratégias de Captação

Após a abordagem de duas questões fundamentais do discurso, a legitimidade e a credibilidade, dedicar-nos-emos, a partir deste momento, à forma como cada locutor vai

⁶⁵ S. Francisco optou pela pobreza, renunciando aos seus bens e dedicando-se aos pobres, além de, de acordo com a doutrina cristã, ter sido chamado por Deus para “renovar a sua igreja”.

captar a atenção do seu público. Que estratégias discursivas adota cada um deles para transmitir a sua mensagem?

1.3.1. Atos de fala

Começaremos por aplicar a teoria dos atos de fala, verificando quais os atos dominantes, concretizando, assim, o segundo objetivo deste estudo. Esta análise partirá da teoria dos atos de fala elaborada por Searle, não esquecendo que a dimensão autobiográfica de todos estes discursos exige que cada leitor “diga” a verdade, realizando, à partida, um ato de fala de promessa (Clerc, 2001: 49).

1.3.1.A Discurso de Manuel Forjaz

O discurso de Manuel Forjaz inicia-se com algumas frases imperativas: “Estuda, filho! Tem boas notas, filho! (...) Ganha dinheiro compra coisas e acumula! Sê promovido, sê reconhecido! Compra uma casa de 300 metros quadrados e um BMW! Casa e tem filhos!” Estes enunciados do tipo imperativo, que configuram atos ilocutórios diretivos, em que se pretende que o interlocutor realize uma ação, funcionam, neste contexto, de uma forma diferente. Com estes enunciados, Forjaz realiza um ato ilocutório indireto, ou seja, relembra os conselhos que um pai dá a um filho, mas este conselho, enunciado por ele, tem uma intenção que lhe está subjacente. Pretende-se que os interlocutores façam inferências a partir daquilo que foi dito: que pensem nos conselhos que ouviram dos pais ou que terão, eventualmente, já dado, mas sobretudo que reflitam sobre o sentido que eles fazem na vida de cada um.

No âmbito do seu discurso, o orador emprega, essencialmente, atos de fala assertivos e diretivos. Assertivos, porque vai fazendo constatações acerca da sua vida e da vida dos outros, mostrando aquilo que a vida lhe ensinou e reforçando a sua legitimidade como orador, como um homem experiente que está naquele lugar para transmitir uma tese: qual o sentido da vida? Seguem-se, então, exemplos destes atos assertivos:

Temos muita dificuldade em querer, em definir as coisas que queremos e as coisas que nos fazem feliz. E todos nós deveríamos querer coisas diferentes. (...)

E vocês hoje não darão muita importância ao tempo. Mas aos 40 anos, quando se ganha 10 mil euros por mês, um quinze, ou vinte, ou vinte cinco mil, não se pode quarta-feira à tarde, quando está bom tempo, ir-se fazer surf, não se pode ter mais de 22 dias de férias, não se pode ir dar a volta ao mundo com os filhos. (...)

Eu não tinha tempo. Eu tinha tudo aquilo que queria, aquilo que a maior parte de vocês gostaria de ter, mas eu não era dono do meu tempo.

Por outro lado, à exemplificação e constatação de factos seguem-se, geralmente, atos de fala diretivos, uma vez que o orador pretende não só transmitir uma mensagem, como já foi referido anteriormente, mas também, e sobretudo, levar o seu público a refletir sobre o que faz sentido na sua própria vida. Como se trata do sentido da vida e uma vez que Manuel Forjaz se apresenta como um homem emocionalmente inteligente, que possui um conhecimento profundo sobre este assunto, os atos de fala são, na sua generalidade, realizados de forma indireta:

E se pensarmos no caso de Belmiro de Azevedo, que seguramente tem um BMW e um apartamento de 300 metros quadrados, e se pensarem naquilo que o Belmiro de Azevedo. (...)
E portanto, o primeiro passo para entendermos o que é o sentido da vida é sermos honestos connosco próprios e percebermos aquilo que nos faz feliz. E todos vocês têm muita dificuldade em pegar numa caneta e escrever, e escrever as coisas que nos fazem felizes. Só depois disso é que vale a pena pensar no objetivo.

O exemplo anterior comprova o que já foi referido: o orador pretende que o seu público pense nos exemplos dados e os compare com a sua própria vida, dando, assim, conselhos, instruções.

1.3.1.B Discurso de António Forjaz

Tal como o primeiro discurso, o segundo, o de António Forjaz, inicia-se com verbos no imperativo e frases diretivas de construção simples:

Percebe primeiro o que não gostas, o que não te faz feliz. Depois tenta perceber o que é que te faz feliz, quais são as coisas que fazes no teu dia a dia que te tornam uma pessoa feliz ou que te podem tornar uma pessoa feliz. Faz um plano! Como é que podes fazer para que essas coisas que te fazem feliz possam estar presentes no teu dia a dia. Tem muita perseverança. Leva-o até ao fim. Não deixes que ninguém te diga que não o podes fazer.

A introdução de ambos os discursos é concretizada da mesma forma, captando-se, assim, a atenção do público e levando-o imediatamente à tese que se vai depois defender. No primeiro caso, pretende-se, na introdução, levar o público a imaginar um cenário idílico de felicidade total e, no segundo caso, pretende-se partilhar uma experiência, um exemplo de vida – o de Manuel Forjaz – para, em ambos e no final, se apresentar aquilo que para cada um dos oradores é o sentido da vida.

Constata-se, neste início do discurso de António Forjaz, um convite à introspeção, seguindo-se a apresentação de forma simples e de certa forma crua, num ato expressivo,

do motivo que legitima a sua presença naquele espaço: “O meu nome é António e faz agora um pouquinho mais de um ano que o meu pai, Manuel Forjaz, morreu.”

O discurso vai progredindo a partir da referência a três ensinamentos que o pai lhe legou. Tratando-se de um relato de vida, a abordagem destes três ensinamentos é marcadamente assertiva e expressiva e, subentende-se, através de atos de fala indiretos, que os ouvintes devem, a partir daqueles ensinamentos, aprender normas de vida, a forma de dar sentido à sua própria vida.

Assim, o primeiro ensinamento (“O primeiro é equilíbrio - equilíbrio no sentido em que temos de fazer um bocadinho de tudo, mas nunca podemos exagerar.”), pretende, indiretamente, levar o público a pensar que deve viver moderadamente: “não podemos comer muito, não podemos beber muito, não podemos trabalhar de mais e estudar de mais, porque isso acaba por ser perigoso.”

O segundo ensinamento é apresentado, também, através de um ato assertivo (“a ideia que todas as nossas ações têm consequências.”). Seguem-se atos expressivos, confissões que aproximam o orador do seu público: “Confesso que acho um bocadinho absurdo estar num TED e ter de vos dizer a vocês que as vossas ações têm consequências,” ou “Ela [a mãe de António Forjaz] é quem manda, portanto, ponto final.” De salientar, neste segundo ensinamento, um ato compromissivo, quando o orador mostra que pretende transmitir este ensinamento às gerações vindouras, aos seus próprios filhos: “Isso ajudou-me imenso e acho que é a educação que um dia gostava de dar aos meus filhos...”. Assim, pretende-se levar o público a refletir sobre a importância dos seus atos, porque, tal como António, todos são responsáveis pela sua própria vida: “[pensar nas consequências permitiu ao orador] ser totalmente independente na forma como traço a minha vida, mas ao mesmo tempo ser totalmente responsável por ela.”

Finalmente, o terceiro ensinamento de Manuel Forjaz ao seu filho foi o da curiosidade, e do desejo de aprender com qualquer pessoa, ensinamento esse especificado no seguinte ato assertivo: “Aquela vontade de querer sempre saber mais, de querer saber um bocadinho de tudo (...) e ele falava com as pessoas com o interesse genuíno em querer aprender com qualquer pessoa.”

No final da indicação dos três ensinamentos, o orador faz um pedido (ato diretivo) que advém do último exemplo dado sobre o seu pai: a partilha. Assim, António Forjaz pede à assembleia que reflita sobre o que ouviu e que partilhe algo sobre si próprio. Esta partilha

será feita de uma forma atualizada, utilizando recursos tecnológicos da contemporaneidade o que também contribui para o *ethos* de proximidade:

Eu hoje queria vos propor uma coisa um bocadinho mais *suitable* à minha geração e queria pedir a todos que pegassem nos vossos telefones (...) e tirassem uma *selfie*. Eu vou tirar uma *selfie* também (...) tirem uma *selfie* e o que queria que vocês fizessem é que depois deste painel, durante o *break*, postassem a *selfie* que acabaram de tirar, e postassem nas redes, no *Facebook*, no *Instagram* no *Twitter* onde vocês quiserem. Quando postarem esta fotografia, escrevam alguma coisa sobre vocês. (...) e isto é para todos. Escrevam uma coisa sobre vocês, uma palavra, um som, uma frase, uma história inteira, mas escrevam alguma coisa que ou nunca tenham contado a ninguém que achem que seja interessante sobre vocês. No fim, adicionem o *Hashtag Finding meaning at TedEx Oporto*.

Antes do agradecimento final ao público e ao seu próprio pai, num simples ato expressivo de gratidão: “Obrigada pai, obrigada a todos.”, o orador revela, então, o sentido da vida através de atos expressivos:

Para mim, se há alguma coisa que eu percebi sobre o sentido da vida, é que não é uma coisa, não é um destino, não é uma coisa que nós estamos à espera de entender, daqui a uma semana e vamos ter uma epifania e “Oh percebi”. Não. O sentido da vida é uma coisa que se constrói todos os dias e sobretudo o sentido da vida é uma coisa que se constrói todos os dias com as pessoas que mais gostamos.

1.3.1.C - Discurso de Steve Jobs

Steve Jobs inicia o seu discurso com um ato expressivo em que expressa a honra e a emoção que o facto de estar naquele lugar lhe proporciona: “Sinto-me honrado por estar aqui convosco, na vossa formatura, numa das melhores universidades do mundo.” Segue-se a confissão, tão importante neste discurso, já que se encontra frente a uma plateia de universitários, de que nunca acabou o seu curso: “Para ser franco, eu nunca concluí a faculdade. Isto é o mais perto que estive de uma formatura.”. Ao longo do seu discurso, Jobs irá fazer diversas confissões que o aproximam do seu público, como por exemplo: “Admito que fiquei assustado naquela altura, mas olhando para trás foi uma das melhores decisões que tomei.”, “Nem tudo era romântico.”, “Eu adorava minha vida!” ou referindo-se aos caracteres que aprendeu nas aulas livres de caligrafia: “Era belo, histórico e subtilmente artístico, numa maneira inacessível à ciência e achei aquilo fascinante.” Jobs mostra, ainda, as suas emoções, através de atos expressivos, após a terceira história, quando refere o diagnóstico de cancro:

Isso significa tentar dizer aos seus filhos em alguns meses tudo que imaginava que teria anos para lhes ensinar. Significa garantir que tudo esteja organizado para que a sua família sofra o mínimo possível. Significa despedir-se.

O discurso progride, então, em torno de três histórias de vida. Assim, Jobs, num discurso marcadamente assertivo e expressivo, conta a história da sua vida:

Tudo começou antes de eu nascer. A minha mãe biológica era uma jovem estudante, solteira, e decidi dar-me para adoção. (...)

A segunda história é sobre amor e perda.

Tive sorte. Descobri o que gostaria de fazer bem cedo na vida. (...)

Estou certo de que nada disso teria acontecido se eu não tivesse sido despedido. O sabor do medicamento era amargo, mas creio que o paciente precisava dele. (...)

A minha terceira história é sobre a morte.

Quando tinha dezassete anos, li uma citação que dizia algo como "se você viver cada dia como se fosse o último, um dia terá certamente razão". Isso impressionou-me, e nos últimos 33 anos, tenho-me olhado sempre ao espelho, pela manhã, e pergunto-me"

Uma vez que se trata de um discurso de final de curso, em que se pretende dar um exemplo de vida, mas também dar conselhos a quem vai iniciar uma nova etapa, verificamos também a presença de atos diretivos:

É preciso confiar em algo – no seu instinto, no destino, no karma. Não importa. (...)

É preciso encontrar aquilo que se ama - e isso aplica-se tanto ao trabalho como à vida afetiva. (...)

Lembrarmo-nos de que vamos morrer é a melhor maneira que conheço de evitar a armadilha de temer por aquilo que temos a perder." (...)

O vosso tempo é limitado, por isso não o desperdicem vivendo a vida de outra pessoa. Não se deixem aprisionar por dogmas - isso significa viver sob os ditames do pensamento dos outros. Não permitam que o ruído das opiniões dos outros supere a vossa própria voz interior. E, muito importante, tenham a coragem de seguir o vosso coração e as vossas intuições, porque eles, de alguma maneira, já sabem o que vocês realmente desejam tornar-se. Tudo mais é secundário.

O discurso termina com a frase apoteótica, num ato claramente diretivo: “Mantenham-se famintos. Mantenham-se tolos. Muito obrigado a todos.” De salientar os adjetivos utilizados “famintos” e “tolos”. Trata-se de adjetivos não expetáveis que encerram duas realidades importantes. “Faminto relaciona-se com a curiosidade, e “tolo” com a loucura de ser diferente.

1.3.1.D - Discurso de Michelle Obama

Michelle Obama inicia o seu discurso, fazendo algumas solicitações à assembleia, que visam uma aproximação a todos os presentes, um agradecimento e um louvor, numa manifestação de atos expressivos laudatórios:

Deixem-me apenas conduzir-vos. Em primeiro lugar, além de um prazer é uma honra estar aqui para celebrar a classe de 2016 do *City College of New York*! A vocês todos, quero dizer, isto tem sido o mais divertido, de sempre, numa cerimónia. (...)

Deixem-me apenas fazer alguns agradecimentos. Deixem-me começar, é claro, agradecendo ao Presidente Coico por essa maravilhosa introdução, pela sua liderança, aqui no *City College*, por esse título honorário.

Também quero reconhecer o senador Schumer, o chanceler Milliken, o curador Shorter, Edward Plotkin, (...) bem como o vosso incrível orador, Antonios Mourdoukoutas E o vosso incrível orador , Orubba Almansouri.

Este discurso é marcado, essencialmente, por atos expressivos. Michelle Obama mostra orgulho nos estudantes que ali se encontram “Mas, acima de tudo, quero agradecer a todos vocês - os membros brilhantes, talentosos, ambiciosos, talentosos e excelentes da turma de 2016! Woo!”, mostrando que conhece os sacrifícios que todos fizeram, reforçando, assim, o seu *ethos* de cumplicidade:

Vocês todos trabalharam muito e chegaram tão longe para alcançar este marco, por isso eu sei que este é um grande dia para todos vocês e para as vossas famílias, e para todos aqueles que, nesta escola, vos apoiaram nesta jornada.

Cumplicidade esta intensificada, ainda, através de outros atos expressivos, como se pode comprovar nos exemplos seguintes: “E eu acho que esse era o lugar perfeito para se estar, porque esta é minha última oportunidade de partilhar o meu amor e a minha admiração, e, espero, um pouco de sabedoria com uma turma finalista.”. E, ainda, quando refere o passado daqueles estudantes: “Talvez a vossa família esteja nessa cidade há gerações, ou talvez, como a minha família, tenham vindo para este país há séculos, acorrentados.”, ou quando finaliza o seu discurso: “Obrigado a todos. Deus vos abençoe. Boa sorte na estrada.”

Michele Obama dirige-se ao seu auditório sempre num tom elogioso, empregando inúmeros atos expressivos, mas também muitos atos assertivos sobretudo a partir do momento em que enumera as qualidades da assembleia:

Então, finalistas, com a vossa gloriosa diversidade, com as vossas realizações notáveis e o vosso profundo compromisso com as vossas comunidades, todos vocês incorporam o propósito da fundação desta escola. E, mais importante, vocês incorporam as próprias esperanças e sonhos esculpidos na base daquela estátua icónica

e, ainda, quando recorda o passado daquela terra (“esta cidade tem sido a porta de entrada para a América de tantos imigrantes esforçados e cheios de esperança”), numa referência ao facto de Nova Iorque ser o porto de entrada de muitos emigrantes e símbolo de uma nova vida:

esta escola foi a porta de entrada para realmente perceber essa oportunidade nas suas vidas, fundada na verdade fundamental de que o talento e a ambição não conhecem distinções de raça, nacionalidade, riqueza ou fama, e dedicadas aos ideais que os nossos Pais Fundadores

apresentaram há mais de dois séculos: que todos somos criados iguais, todos com direito à "vida, liberdade e à busca da felicidade⁶⁶".

ou quando refere os outros, aqueles que não fazem parte daquele grupo e que, por isso, o hostilizam: "Eles dizem-nos para ter medo daqueles que são diferentes, para desconfiar daqueles com quem discordamos. Eles agem como se o insulto fosse um substituto aceitável", ou quando afirma que a América é um lugar especial. "E aqui na América, nós não cedemos aos nossos medos."

São, ainda, de destacar os atos diretivos. A oradora chama constantemente a atenção daqueles jovens universitários, dando-lhe conselhos e normas de vida, força para continuarem a lutar:

Olhem para quem vocês são. (...)
Reparem, todos vocês sabem, (...)
E pensem apenas nos alunos desta classe de finalistas (...)
Vejam, esse trabalho de um colarinho azul ajudou a pagar a pequena parte da minha mensalidade (...) Vejam, ele nunca (...)
Mas, finalistas, deixem-me dizer-vos, vocês nunca devem sentir-se envergonhados por essas lutas. (...)
Vocês não devem nunca ver os vossos desafios como uma desvantagem.

Torna-se imperioso, também, realçar a parte final deste discurso em que Michelle Obama, em tom apoteótico, utilizando atos diretivos, conclui, reafirmando os seus conselhos:

Então eu quero que todos vocês saiam. Sejam grandes. Construam grandes vidas para vocês mesmos. Aproveitem as liberdades que vocês têm neste grande país. Persigam a vossa própria versão de felicidade. E por favor, por favor, faça sempre, sempre a vossa parte para ajudar os outros a fazerem o mesmo.

1.3.1.E - Discurso do Papa Francisco

O discurso do Papa Francisco é essencialmente assertivo e expressivo, mas também diretivo, embora nem sempre estes últimos atos sejam explicitados de forma direta. Desde o início do discurso, o orador aproxima-se daqueles jovens e não só os valoriza como valoriza, também, o lugar onde que se encontram: "Queridos jovens, boa noite! Como é bom encontrar-vos e fazê-lo nesta terra que nos recebe com tanta cor e tanto calor!", instaurando, desta forma, um ambiente de cumplicidade, quer pela forma de tratamento de proximidade, quer pelos elogios ao lugar do encontro.

⁶⁶ "Vida, liberdade e felicidade" são alguns dos direitos inalienáveis consignados na "Declaração de Independência" dos Estados Unidos, ratificada a 4 de Julho de 1776. Este dia é considerado o dia do nascimento dos Estados Unidos como nação independente. Consultado em: <https://www.constitutionfacts.com/us-declaration-of-independence/fourth-of-july/> [3 de fevereiro de 2019]

Assim, o Santo Padre elogia o seu público, pois evidencia, através de atos assertivos, que aqueles jovens fizeram muitos sacrifícios para estar ali. “Eu sei que vir até aqui não é fácil. Eu tenho conhecimento dos esforços, dos sacrifícios que vocês fizeram para poder participar nestas Jornadas. (...). Da mesma forma, através de atos assertivos, constata as diferenças que existem entre todos: “Nós vimos de culturas e de povos diferentes, nós falamos de línguas diferentes, nós vestimos roupas diferentes.”

Trata-se de um discurso religioso do líder da igreja católica a jovens também eles católicos, pelo que o orador pretende levá-los a agir, daí os inúmeros atos ilocutórios diretivos, embora realizados, essencialmente, de forma indireta, como se comprova nos exemplos seguintes.

e nós queremos dizer-vos que não tenham medo, (...)

Nós queremos reencontrar e reavivar convosco a contínua novidade e juventude da Igreja, abrindo-nos a um novo Pentecostes (...). Isto só é possível (...) se nós ousarmos caminhar escutando-nos e escutando completando-nos, se nós ousarmos testemunhar, anunciando o Senhor ao serviço dos nossos irmãos, serviço concreto, quero dizer. (...)

Vocês ensinam-nos que reencontrarmo-nos não significa imitarmo-nos, nem pensarmos todos da mesma maneira, (...) fazendo e repetindo as mesmas coisas, ouvindo a mesma música ou vestindo a camisola da mesma equipa de futebol. (...)

"Amem-se uns aos outros. (...) vocês se amem também uns aos outros. Perante isto, todos reconhecerão que são meus discípulos: se vocês sentem amor uns pelos outros." (Jo 13, 34-35).

1.3.1.F - Discurso do Dalai Lama

O Dalai Lama inicia o seu discurso por um ato de fala compromissivo: “Esta noite, gostaria de falar convosco sobre a importância da bondade e da compaixão.”, indicando, assim, o tema que vai abordar e a importância destas virtudes: a bondade e a compaixão. O discurso é marcadamente assertivo, no entanto, constata-se que alguns atos assertivos são seguidos de atos diretivos, ou seja, o orador parte da constatação de diversos factos para levar o seu público à ação. Passamos então a exemplificar. À asserção inicial, de que não se apresenta naquele lugar como budista, segue-se um ato diretivo: “Ao discutir esses temas, não me vejo como budista, Dalai Lama ou tibetano, mas sim como um ser humano e espero que vocês, no auditório, pensem em vocês mesmos dessa maneira.”

Outros exemplos destes atos assertivos que conduzem, no final dos enunciados, a um ato diretivo podem ser apontados:

Hoje, enfrentamos muitos problemas. Alguns são criados essencialmente por nós mesmos, com base em diferenças de ideologia, religião, raça, situação económica ou outros fatores. Chegou, portanto, o momento de pensarmos num nível mais profundo, o nível humano, e é deste nível que deveremos apreciar e respeitar a igualdade dos outros como seres humanos. Devemos construir relacionamentos baseados na confiança mútua (...)

A raiva não pode ser superada pela raiva. Se uma pessoa vos mostrar raiva e vocês responderem com raiva, o resultado é desastroso. Em contraste, se vocês controlarem a raiva e mostrarem atitudes opostas – compaixão, tolerância e paciência – então, não só vocês se manterão em paz, como a raiva do outro diminuirá gradualmente. (...)

É perfeitamente claro que todos necessitam de paz interior, que só pode ser alcançada por meio da bondade, do amor e da compaixão. (...) Chegou o momento então de tentar uma abordagem diferente. (...)

Cada um de nós é responsável por toda a humanidade. Chegou a hora de pensarmos nas outras pessoas como verdadeiros irmãos e irmãs e nos preocuparmos com o seu bem-estar.

Apesar de ser marcadamente assertivo, os atos expressivos também estão presentes, neste discurso, como se verifica nos exemplos que se seguem:

“Assim, falo-vos apenas como um ser humano.” “O nosso próprio cérebro, o nosso coração são nossos templos. A filosofia é a bondade.”

1.3.2 – Os recursos expressivos e os aforismos

Depois de estudarmos os atos de fala presentes nos seis discursos, teremos de abordar também outras estratégias retórico-discursivas convocadas nomeadamente os recursos expressivos e os aforismos convocados.

1.3.2.A – Discurso de Manuel Forjaz

Manuel Forjaz inicia o seu discurso apresentando máximas de vida, conselhos através de uma narrativa comum, num comum cenário familiar e que está na base da finalidade da educação: deve-se estudar e trabalhar para chegar mais longe. Esta ideia inicial é reforçada pela repetição e pela apóstrofe “filho”: “Tem boas notas, filho. (...) Tem boas notas, filho. Tem boas notas, filho.”

Este cenário ideal implica possuir alguns sinais exteriores de riqueza como é o caso de “um apartamento de 300 metros quadrados e um BMW (série7)” e de ter “os filhos a estudar no *St Julien's*.”. A ideia de posse é retomada mais duas vezes com o exemplo do BMW, na referência Belmiro de Azevedo⁶⁷ e, no final do discurso, é retomado como um

⁶⁷ Belmiro de Azevedo, licenciado em Engenharia Química, conciliou os estudos e o trabalho desde muito cedo devido às suas origens humildes. Em 1974, assumiu o controlo da empresa onde trabalhava, a SONAE, tendo-se tornado acionista maioritário em 1985. Detentor de uma grande fortuna morreu em 2017. Consultado no sítio da Universidade do Porto: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20belmiro%20de%20azevedo [3 de fevereiro de 2019]

exemplo daquilo a que todos aspiram: “E a maior parte de vocês pensa que guiar um BMW série 7 é uma coisa muito importante...”.

Ao cenário ideal proposto, inicialmente, segue-se a pergunta retórica: “Quem é que não gosta deste cenário?” que introduz a negação da tese inicial, ou seja, todos os seres humanos deveriam pensar de forma diferente e ter objetivos diferentes, no entanto, como Forjaz refere: “E não temos por aquilo que vos disse no início, porque estamos todos formatados a pensar de uma determinada maneira e a querer todos as mesmas coisas.”. Introduz-se, então, neste momento, a ideia central, o tópico sobre o qual vai refletir e que deu origem ao título deste estudo.

Como é que Manuel Forjaz vai, então, transmitir o sentido da vida?

Para começar, o orador dá o exemplo de Belmiro de Azevedo e aquilo que este faz para dar sentido à sua vida, mostrando, então, que aquele empresário é rico, no entanto, a sua riqueza serve essencialmente não para comprar bens materiais, mas para ter liberdade. De salientar esta referência a que o dinheiro, em primeiro lugar, confere o poder de ser livre:

o Belmiro de Azevedo quis 1, 6 biliões de dólares, não foi para acumular, não foi para comprar um BMW, vendeu o BMW série 7 (avise-me quando faltar um minuto), vendeu o BMW série 7 há dois anos, um carro que tinha 30 000 Km e valia menos que um Fiat Punto, o Belmiro de Azevedo sabia exactamente para que é que queria 1,6 biliões de dólares, para poder dizer o que quer, quando quer, sem medo de represálias por parte do Estado português.

Num processo de construção anafórico, que confere vivacidade ao discurso, o orador refere novamente a ideia de que todos deveriam ter aspirações diferentes. Destaca-se, ainda, a construção silogística do discurso:

E todos vocês deveriam querer coisas diferentes. E todos vocês querem a mesma coisa e aos 40 anos o que acontece é: um dia olhamos, vivemos na dependência de vários mitos, e olhamos para a frente e encaramos mais 30 anos a viver da mesma maneira. E nunca pensamos nos custos desse sucesso. E há dois custos que acontecem a quase todas as pessoas que conseguem ter essas carreiras de sucesso: a primeira é um insensato e extraordinário cansaço e a segunda é falta de tempo.

Parte-se de duas premissas universais (“todos deveriam querer coisas diferentes” e “todos vocês querem a mesma coisa”) para concluir com mais uma frase sentenciosa que resume o que acontece a todos os que procuram o cenário ideal proposto, no início do discurso: “a primeira é um insensato e extraordinário cansaço e a segunda é a falta de tempo.” De

Ficou também conhecido por ter enfrentado grandes batalhas contra diversos políticos. Consultado no sítio do Jornal Observador: <https://observador.pt/especiais/as-guerras-politicas-de-belmiro-de-azevedo/> [3 de fevereiro de 2019]

salientar também a dupla adjetivação (“insensato e extraordinário”) que dá ênfase à forma como estas pessoas se sentem.

Podemos encontrar uma nova construção anafórica na interpelação final que Manuel Forjaz faz: “E a maior parte de vocês pensa (...) E a maior parte de vocês pensa (...) E a maior parte de vocês liga...”, interpelando o público e oferecendo-lhe alternativas de vida: “como se guiar um Smart, ou andar de mota, ou andar a pé na cidade de Lisboa não fosse igualmente fantástico.” e retomando o argumento (“e esquecem-se daquilo que é importante, que é vocês serem donos do vosso tempo e da vossa liberdade.”) que confirma a máxima proposta anteriormente pelo orador:

A enumeração também é um recurso empregue por este orador. Assim, enumeram-se os constrangimentos de quem chega aos 40 anos e conclui que não tem tempo:

Mas aos 40 anos, quando se ganha 10 mil euros por mês, quinze, ou vinte, ou vinte cinco mil, não se pode quarta-feira à tarde, quando está bom tempo, ir-se fazer surf, não se pode ter mais de 22 dias de férias, não se pode ir dar a volta ao mundo com os filhos.

É importante, ainda, salientar as marcas de 1ª pessoa neste discurso marcadamente autobiográfico, nos enunciados aforísticos - “Eu tive a sorte de ter uma epifania.”, “Eu não tinha tempo. Eu tinha tudo aquilo que queria, aquilo que a maior parte de vocês gostaria de ter, mas eu não era dono do meu tempo.” e, já no final do discurso: “Eu tive uma segunda epifania recentemente...”.

Encontramos, também, enunciados gradativos como se comprova no seguinte exemplo:

A felicidade, no meu caso, dependia da liberdade do uso do meu tempo. E mudei de vida então, lancei um conjunto de empresas e foi tudo à falência até hoje constituí um conjunto de negócios que me permite fazer mais ou menos o que quero.
E tudo isso aconteceu, porque tive a sorte de poder escolher um conjunto de alternativas.

Estes enunciados culminam numa conclusão sentenciosa: “A felicidade vem da liberdade e a liberdade vem de termos alternativas.”

O discurso termina com mais um exemplo de quem escolheu ser livre, Jorge Salavisa⁶⁸. Este exemplo é um exemplo de liberdade e é o argumento que vem comprovar e concluir aquilo que é o sentido da vida para Manuel Forjaz: “Um exemplo de liberdade e como é

⁶⁸ Jorge Salavisa é licenciado em Gestão de Marketing pelo ISCTE. Deixou a *Procter & Gamble*, grande empresa multinacional de marketing, quando concluiu que o que iria fazer, de seguida, na empresa, não era o que desejava a longo prazo pelo que decidiu parar uns anos e viajar. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/40476029/Share-Of-Marketing-1%C2%AA-Edicao-Set-Out-10>, na revista *Share Of Marketing* 1ª Edição - Set/Out 10: 11 [3 de fevereiro de 2019]

possível mesmo, quando querendo, e construindo alternativas, nós sermos donos do nosso futuro e do nosso tempo.”

1.3.2.B – Discurso de António Forjaz

O discurso de António Forjaz inicia-se com inúmeros enunciados diretivos, como já foi referido, num processo gradativo de apresentação de conselhos de vida a que se segue uma crítica, implícita quando refere, num aparte, que ninguém apontou o que ele disse: “não vejo, vejo que muita gente não escreveu,” e, logo de seguida, repete a mesma ideia “Vejo que ninguém escreveu”.

O orador considera que acabou de indicar “a fórmula mágica para descobrir o sentido da vida”, tema deste discurso, no entanto, a partir da pergunta retórica “Porquê?” reconhece a dificuldade em abordar este assunto: “Porque todos nós sabemos que é bem mais complicado do que isso.”

Como é que, então, António Forjaz vai transmitir o sentido da vida?

O orador mostra-se, em primeiro lugar, como um homem simples que não está ali para ensinar ninguém e fá-lo através de enunciados negativos que vai empregar também, no final do discurso, quando apresenta aquilo que significa o sentido da vida:

Eu hoje não estou aqui para vos ensinar nada, não vou referenciar autores conhecidos, não vou apresentar-vos os últimos resultados de MIT, Harvard ou Cambridge. (...)
Para mim, se há alguma coisa que eu percebi sobre o sentido da vida, é que não é uma coisa, não é um destino, não é uma coisa que nós estamos à espera de entender, daqui a uma semana e vamos ter uma epifania e “Oh percebi!” Não.

Neste último exemplo destaca-se a exclamação “Oh percebi” e o advérbio com valor semântico de negação que reforçam a dificuldade de compreender o sentido da vida. A palavra “epifania” remete também para o primeiro discurso em que Manuel Forjaz, pai de António, refere que teve duas epifanias.

A partir deste momento o discurso está organizado em três partes, que correspondem aos três ensinamentos que o seu pai, homenageado neste discurso, lhe deixou.

O primeiro ensinamento – o equilíbrio - é-nos dado a partir da enumeração, numa formulação construída pela negativa, estratégia já referida anteriormente, daquilo que se deve fazer: “Podemos beber muito, podemos comer muito, não, não, desculpem, não podemos comer muito, não podemos beber muito, não podemos trabalhar de mais, estudar de mais, porque isso acaba por ser perigoso.”. Segue-se um exemplo, o da utilização das

redes sociais em excesso para se chegar à conclusão final que retoma este conselho do seu pai. De destacar, nesta conclusão, a repetição da palavra “Equilíbrio” e a exclamação final: “E equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio era o que o meu pai mais nos dizia em termos, todos os dias mesmo quando não era necessário. Acabávamos de acordar e era “equilíbrio” - Ahh?”

O segundo ensinamento é apresentado em inglês: “Cause and effect”. Também, neste caso, se especifica este ensinamento através de exemplos: em primeiro lugar a referência aos portugueses – “as vossas ações têm consequências, mas a verdade é que nós, e sobretudo nós portugueses, muitas vezes não tomamos responsabilidades pelas nossas ações.”, seguindo-se o exemplo de vida do pai: “O meu pai sempre nos tentou explicar que se nós formos conscientes...”. O terceiro exemplo remete para uma história de vida, a do próprio orador, em que este emprega o discurso direto, forma de cativar o público:

“Pai, mãe, eu quero ser jogador de futebol.” “Pai, eu quero mesmo ser jogador de futebol. E ele disse: “Por mim tu até podes ser empregado do *Macdonald*, a única coisa que eu *tou* aqui para te fazer, para fazer, é dizer-te a ti quais podem ser as consequências de tomares essa decisão.

Relativamente ao terceiro ensinamento, a curiosidade, António Forjaz especifica-o, primeiro, definindo-o e depois dando como exemplo o seu próprio pai:

é a curiosidade. Aquela vontade de querer sempre saber mais, de querer saber um bocadinho de tudo, aquela ideia é que no dia em que acharmos que sabemos o suficiente é o dia em que deixamos, é o dia em que não estamos a perceber nada. É o dia em que podemos deixar de aprender podemos desistir, porque aí atingimos uma barreira. E isso não vos vai permitir, aliás, tentar depois perceber um bocadinho melhor a vida.

Salienta-se, na construção dos enunciados anteriores, a enumeração e a repetição da expressão “É o dia” e as inúmeras marcas de oralidade que conferem autenticidade ao discurso.

A partir do terceiro conselho, o orador vai centrar-se no seu pai, naquilo que ele era e naquilo que fez, em jeito de homenagem póstuma. Relembra, então, o que o pai fez numa conferência um ano antes e propõe, ele próprio, o mesmo género de exercício que vai levar ao tema deste discurso e responder à questão: qual o sentido da vida?

Eu hoje queria vos propor uma coisa um bocadinho mais *suitable* à minha geração e queria pedir a todos que pegassem nos vossos telefones ou *tablets* ou *smartphones* e tirassem uma *selfie*.

Ao pedido para tirarem uma fotografia, seguem-se inúmeros pedidos, num encadeamento gradativo de ações:

postassem a *selfie* que acabaram de tirar, e postassem nas redes, no *Facebook*, no *Instagram* no *Twitter* onde vocês quiserem. Quando postarem esta fotografia, escrevam alguma coisa

sobre vocês. Alguma coisa pode ser uma palavra pode ser uma frase e isto é para todos, (...). Escrevam uma coisa sobre vocês, uma palavra, um som, uma frase, uma história inteira, mas escrevam alguma coisa que ou nunca tenham contado a ninguém que achem que seja interessante sobre vocês. No fim, adicionem o *Hashtag Finding meaning at TedEx Oporto*.

No final do discurso, António Forjaz aponta, então, o sentido da vida. O sentido da vida implica: “Conexão, conexões, conexões reais. Isso sempre foi, é, e sempre será aquilo que nos move para a frente.”. Repare-se na repetição da palavra “conexão”, mas sobretudo: “O sentido da vida é uma coisa que se constrói todos os dias e sobretudo o sentido da vida é uma coisa que se constrói todos os dias com as pessoas que mais gostamos.” Repare-se, ainda, na atualidade do discurso, pois a palavra “conexão” remete para redes sociais e todo o vocabulário está em sintonia com as tecnologias de comunicação atuais que nos aproximam.

O discurso termina com um tributo a Manuel Forjaz, em que o verbo “celebrar” é repetido três vezes:

Hoje estamos aqui e estamos a celebrar a diversidade cultural, intelectual estamos a celebrar a troca, estamos a celebrar esta fome pelo saber pelo aprender e para que eu percebesse isto tudo, eu precisei do meu pai e acho que por isso, e por tudo aquilo que ele fez acho que estamos a celebrar o Manuel Forjaz. Obrigada pai, obrigada a todos.

1.3.2.C – Discurso de Steve Jobs

Após a fórmula inicial de agradecimento ao seu auditório, Steve Jobs informa-o de que vai contar apenas três histórias. Esta informação é fornecida através de três curtos enunciados: “Só isso. Nada mais. Apenas três histórias.”. Também o início de cada uma das histórias que vai contar é feito a partir de um enunciado curto e simples, como se pode comprovar de seguida: “A primeira é sobre ligar os pontos. (...) A segunda história é sobre amor e perda. (...) A minha terceira história é sobre a morte.”

Como é que Steve Jobs transmite o sentido da vida?

Como já foi referido, o discurso desenvolve-se a partir de três histórias. Trata-se de três narrativas autobiográficas. O facto da escolha desta forma de narrativa autobiográfica, reforçada pela identidade do locutor, capta, desde logo, a atenção do público, no entanto outras estratégias são utilizadas.

Uma delas é a pergunta retórica presente em cada uma das pequenas histórias: na primeira, “Então, por que é que eu desisti?”; na segunda, “Como é que alguém pode ser despedido da empresa que criou?” e, por fim, na terceira: “...se hoje fosse o último dia de minha vida, eu desejaria mesmo estar a fazer o que faço?”.

Os exemplos também contribuem para a progressão das três narrativas. Relativamente à primeira história, o orador centra-se na sua própria vida, desde o seu nascimento. Curiosa a história de uma das exigências da sua mãe biológica ter sido a obrigatoriedade de Jobs ir para a universidade, o que acabou por não acontecer, tendo ele atingido tal sucesso mesmo sem estudos superiores.

No caso da segunda história, “amor e perda”, centra-se no seu próprio exemplo de vida, como adulto, no sucesso que teve após muitas dificuldades e no insucesso mais tarde ao ser despedido. Neste caso, temos um exemplo da chamada “vítima gloriosa”: alguém que ultrapassa muitos obstáculos e consegue atingir a glória.

A última história é sobre a experiência de Steve Jobs em relação à morte. O orador parte de uma citação (“se você viver cada dia como se fosse o último, um dia terá certamente razão”) para introduzir o tema da morte e o facto de lhe ter sido diagnosticado um cancro, o que o obrigou a repensar na sua vida.

Através de uma gradação ficamos a conhecer a forma como pensou na sua morte e no que tinha de fazer antes de morrer: “Isso significa tentar dizer aos seus filhos, em alguns meses, tudo que imaginava que teria anos para lhes ensinar. Significa garantir que tudo esteja organizado para que sua família sofra o mínimo possível. Significa despedir-se.”. A repetição do verbo “significar” vem reforçar o sofrimento perante a dura realidade da morte.

Uma outra gradação, também importante, que desperta a atenção do público e lhe serve de conselho, é a seguinte:

O seu trabalho vai preencher uma larga parte da sua vida, e a única maneira de sentir verdadeira satisfação é fazer aquilo que se acredita ser um fantástico trabalho. E a única maneira de fazer um trabalho fantástico é amar o que se faz. Caso ainda não o tenham encontrado, continuem a procurar.

O discurso direto (“Temos um menino inesperado aqui; vocês querem-no?” Os dois responderam “claro!”.”) e as exclamações (“Eu adorava minha vida!”) também contribuem para a vivacidade do discurso e para a aproximação entre o orador e o seu público, bem como a metáfora do amor após uma rejeição: “O que tinha na *Apple*, não mudara esse amor. Eu tinha sido rejeitado, mas eu ainda estava apaixonado. Então eu decidi recomeçar.”

Esta análise não estaria completa se não se fossem feitas três outras referências aos conselhos do orador, nem sempre veiculados diretamente. Em primeiro lugar, a ideia

expressa de ligar pontos: “A primeira história é sobre ligar os pontos”, “É claro que era impossível ligar os pontos, olhando para a frente, quando estava na faculdade. Mas tornou-se muito mais claro olhando para trás dez anos depois. Repito: não se pode ligar os pontos olhando para a frente.” Assim, Jobs relaciona os acontecimentos da sua vida, mostrando, indiretamente, que todas as escolhas têm, no futuro, consequências.

A questão da confiança também não pode ser esquecida. O orador aconselha o seu auditório a acreditar: “É preciso confiar em algo – no seu instinto, no destino, no *karma*. Não importa..”.

Por último, não podem ser esquecidas as inúmeras frases sentenciosas que visam, também, levar o seu público a refletir sobre o sentido da vida, como se pode comprovar nos seguintes exemplos:

O peso do sucesso foi substituído pela leveza do recomeço – menos seguro de tudo.
Não há motivo para não fazer o que dita o coração. (...)
Estou certo de que nada disso teria acontecido se eu não tivesse sido despedido. O sabor do medicamento era amargo, mas creio que o paciente precisava dele. Às vezes a vida atinge-nos com um tijolo. (...)
E, no entanto, a morte é o destino que todos partilhamos.

De referir, ainda, os conselhos dados:

O vosso tempo é limitado, por isso não o desperdicem vivendo a vida de outra pessoa. Não se deixem aprisionar por dogmas - isso significa viver sob os ditames do pensamento dos outros. Não permitam que o ruído das opiniões dos outros supere a vossa própria voz interior. E, muito importante, tenham a coragem de seguir o vosso coração e as vossas intuições, porque eles, de alguma maneira, já sabem o que vocês realmente desejam tornar-se. Tudo mais é secundário.

Para terminar o seu discurso, Jobs serve-se de mais um exemplo, o da frase de despedida de uma capa de uma edição de uma revista dos anos 70, mostrando que está ainda atual, e transforma esta frase numa máxima de vida que transmite ao seu público:

“Permaneçam famintos. Permaneçam tolos. Muito obrigado a todos.”

1.3.2.D – Discurso de Michelle Obama

Michelle Obama inicia o seu discurso com um longo agradecimento a todos os presentes, num claro louvor a quem termina o seu curso, aos líderes do City College e aos líderes locais e a todos os presentes. Este agradecimento e louvor são marcados por uma linguagem expressiva e elogiosa refletida na enumeração de todos os oradores e de todos os que contribuíram para que aqueles alunos atingissem os seus objetivos (“este é um

grande dia para todos vocês e para as vossas famílias, e para todos aqueles que, nesta escola, vos apoiaram nesta jornada.”), na repetição (“Muito bem. Muito bem.”), na expressão idiomática “She blew of the water”⁶⁹, referindo-se à cantora do hino nacional e que significa que esta impressionou verdadeiramente o seu auditório. A adjetivação expressiva também contribui para este louvor do seu público (“os membros brilhantes, talentosos, ambiciosos, realizados e todos os membros bem-sucedidos da turma de 2016”).

A oradora vai, durante todo o seu discurso, continuar a louvar o seu auditório. Louva também o lugar onde se encontra. A ideia de lugar perfeito é retomada várias vezes: “E acho que esse era o lugar perfeito para se estar” ou “E é por isso que eu queria estar hoje no City College. Eu queria estar aqui...” e é a partir deste lugar perfeito e da comemoração que está a acontecer que o discurso se vai desenvolver.

Muito importante também é o argumento utilizado para justificar o facto de estar ali:

E, finalistas, eu realmente quero que todos saibam que há uma razão pela qual, de todas as faculdades e universidades deste país, eu escolhi esta escola em particular, nesta cidade em particular para este momento especial. (Aplausos.) E eu estou aqui por causa de todos vocês.

Além de louvar o seu público, como é que, então, a oradora vai transmitir o sentido da vida?

Michelle Obama parte da glorificação dos alunos de 2016 e da universidade que representam para desenvolver o seu discurso, que parte da diversidade dos que ali se encontram:

(...) eu vou falar um pouco sobre a diversidade (...)
Basta olhar em redor. Olhem para quem vocês são. (...) vocês representam mais de 150 nacionalidades. Vocês falam mais de 100 idiomas diferentes (...) Vocês representam praticamente todos os antecedentes possíveis - todas as cores e culturas, todas as crenças e estilos de vida.

Esta diversidade, especificada também na enumeração da origem daqueles estudantes – “Talvez a vossa família esteja nessa cidade há gerações, ou talvez, como a minha família, tenham vindo para este país há séculos, acorrentados. Talvez eles tenham acabado de chegar aqui recentemente, determinados a vos dar uma vida melhor.” - vai dar origem ao topos-base deste discurso: todos os que fazem ou fizeram parte daquela comunidade

⁶⁹ De acordo com o dicionário online “thefreedictionary”, a expressão *She blew of the water* significa: *To thoroughly impress, overwhelm, or excite one*, ou seja, impressionar verdadeiramente.

foram ou são grandiosos, tendo feito um caminho de sacrifício. É desta forma que o discurso se vai desenvolver: ora referindo-se o passado, ora o presente, partindo sempre da ideia de que para chegar à grandeza é preciso, tal como a oradora refere, “determinação inabalável, sacrifício e muito trabalho árduo”. De salientar, além desta enumeração, a utilização da palavra “malabarismo” para reforçar o mérito do seu público que fez inúmeros sacrifícios para progredir: “Malabarismo com vários empregos para sustentarem as vossas famílias...”.

De destacar, ainda, outras enumerações: “com a vossa gloriosa diversidade, com as vossas realizações notáveis e o vosso profundo compromisso com as vossas comunidades...” ou “não conhecem distinções de raça, nacionalidade, riqueza ou fama...”

Como foi referido, neste discurso, Michelle Obama refere o passado e o presente. Relativamente ao presente, a oradora salienta, como já referimos, o tal “malabarismo”, o trabalho árduo, especificado nas referências às inúmeras atividades a que aqueles jovens se dedicam. Estas inúmeras atividades são referidas em atos de cortesia positiva que evidenciam um percurso de sucesso:

E, de alguma maneira, vocês ainda encontram tempo para retribuírem às vossas comunidades - orientando jovens, lendo para crianças, sendo voluntário em hospitais. De alguma forma, vocês ainda conseguiram fazer estágios de prestígio e bolsas de pesquisa e participar em todos os tipos de clubes e atividades. E aqui, nesta universidade de nível nacional, com um currículo rigoroso e um corpo docente de renome, vocês enfrentaram o desafio, destacando-se nas vossas aulas, conquistando inúmeras honras e prémios e entrando nas melhores escolas de pós-graduação de todo o país.

Este percurso de sucesso legitima a presença da oradora naquele lugar (“E é por isso que queria estar aqui hoje no City College”) e legitima os próprios estudantes que a ouvem que, tal como Michelle afirma

vocês incorporam o propósito da fundação desta escola. E, mais importante, vocês incorporam as próprias esperanças e sonhos esculpidos na base daquela estátua icónica, não tão longe de aqui onde estamos sentados - naquela ilha onde tantos dos vossos antepassados desta escola puseram os pés nas nossas praias.

Com esta referência à estátua da Liberdade, símbolo das boas vindas aos imigrantes que chegam de longe, dá-se início à exemplificação, à referência a todos os que procuraram, nos Estados Unidos, uma nova vida e que contribuíram para a evolução do país. Nomeiam-se, em primeiro lugar, os “imigrantes esforçados e cheios de esperança - pessoas que deixaram para trás tudo o que conheciam para procurar esta terra de oportunidades com que eles sonhavam.”. A partir deste exemplo mais geral, Michelle,

com o seu pendor pedagógico, vai especificando as suas referências. Começa, então, por indicar o exemplo dos dez prêmios Nobel que estudaram no City College, especifica depois com a figura de Ira Gerswin ou e Andrew Grove, num exemplo mais próximo do seu auditório. A exemplificação vai-se tornando cada vez mais próxima. Interessante verificar que a oradora não se limita aos exemplos do passado, mais longínquo ou mais próximo. Ela vai utilizar exemplos atuais, escolhendo, de entre aquela classe de finalistas, aqueles que se destacam pela excelência e pela diversidade: o estudante de teatro educativo, o especialista em ciência biomédica que nasceu no Afeganistão ou a própria oradora que discursou antes de Michelle Obama, o que evidencia o conhecimento profundo e atualizado do contexto situacional do seu auditório. A exemplificação torna-se ainda mais próxima da realidade dos presentes no retrato do quotidiano escolar daqueles jovens e na citação que faz do discurso do orador anterior, também ele um finalista, encadeando o seu discurso e adequando-o à situação comunicacional:

Eu acho que o vosso orador de turma colocou a questão da melhor forma - e esta é uma citação - ele disse: “O único componente insubstituível da minha experiência CCNY foi o de aprender junto de pessoas com experiências de vida muito diferentes das minhas.” Ele disse: “Eu aprendi que a diversidade na experiência humana dá origem à diversidade de pensamento, que cria ideias e métodos distintos de resolução de problemas.”

A primeira-dama refere, de novo, a história de todos, numa construção anafórica: “Essa é a vossa história, finalistas, e essa é a história das vossas famílias. (Aplausos.) E é a história da minha família também.”. De notar, neste momento, o exemplo da sua própria vida. De novo a narrativa autobiográfica do qual se destaca o esforço, a privação e o sofrimento. São estes que conduzem ao sucesso. A história de Michelle Obama é a história de todos, embora muitos dos que ali estejam, segundo a oradora, tenham enfrentado maiores dificuldades do que ela. De salientar esta referência às suas próprias dificuldades, mas, e sobretudo, o realce dado às dos outros, ou seja, diminui-se, bem como às suas dificuldades, para mostrar que os outros sofreram mais, respeitando, assim, o princípio da cortesia:

Esta é a minha história.

E, finalistas, vocês todos enfrentaram desafios muito maiores do que qualquer coisa que eu ou a minha família alguma vez já vivenciamos, desafios que a maioria dos estudantes universitários jamais poderia imaginar.

A adjetivação expressiva contribui, também, para destacar a universidade, o local e as pessoas que fazem ou fizeram parte daquela comunidade “aqui no City College, este lugar

dinâmico e inclusivo”, ou “imigrantes esforçados e cheios de esperança”, “um refúgio para estudantes brilhantes e motivados de todas as origens” ou, ainda, “você são brilhantes”.

Para além de exemplos de pessoas e feitos grandiosos, Michelle Obama alerta também, para a existência de um outro mundo: “Mas, infelizmente, finalistas, apesar das lições da nossa história e da verdade da vossa experiência aqui no City College, algumas pessoas, hoje, parecem ter uma perspectiva muito diferente.”

Esta crítica introduz uma narrativa pessoal, autobiográfica, que remete para o seu estatuto de primeira-dama, um estatuto referido, neste momento, não com superioridade, mas apenas como exemplo e legitimação da sua própria experiência. Michelle Obama refere aquilo que vivenciou fora do país e que a leva, primeiro, a partir da formulação de enunciados negativos e da conjunção “Porque”, a apelar àquilo a que se deve aspirar, mostrando a força da união:

Finalistas, isso não é quem somos. Não é isso que este país representa. (Aplausos) Não, aqui na América, nós não deixamos as nossas diferenças separarem-nos. Aqui não. Porque sabemos que a nossa grandeza vem quando apreciamos as forças uns dos outros, quando aprendemos uns com os outros, quando nos apoiamos uns nos outros. Porque neste país, nunca foi cada pessoa para si. Não, estamos todos juntos nisso. Nós sempre estivemos. E aqui na América, nós não cedemos aos nossos medos. Nós não construímos muros...

A oradora repete o topos-base, apesar da proveniência ser diversa, o povo é grandioso, exaltando as descobertas históricas e tecnológicas: “de inovações como *Google* e *EBay* a invenções como a coração artificial, o telefone, até os jeans; as amadas canções patrióticas como *God Bless America*, (...) a Ponte de Brooklyn e, sim, a Casa Branca - ambos projetados por arquitetos que eram imigrantes.” Esta grandiosidade provém também do trabalho, do esforço e da entreaajuda. Todos os que conseguiram ultrapassar dificuldades terão, segundo a oradora, mais facilidade em superar adversidades futuras que outros, cujo percurso foi mais fácil, não terão.

Mas, ao contrário de tantos outros jovens, vocês já desenvolveram a resiliência e a maturidade que precisam para se levantarem e tirarem o pó de vocês mesmos e continuarem movendo-se através da dor, seguindo em frente. Vocês desenvolveram esse músculo. (Aplausos)

Michelle Obama antecipa o futuro, referindo as inúmeras dificuldades que aqueles estudantes irão ter. Destaca-se, neste momento, o léxico do campo das dificuldades: “obstáculos (...) chefes irracionais (...) perdas, crises e contratemplos (...) que vos derrubarão”.

De salientar a utilização constante, neste final do discurso, do vocativo “finalistas” e do deíctico pessoal “vocês” que introduzem e realçam as máximas sentenciosas:

Mas, finalistas, deixem-me dizer-vos, vocês nunca devem sentir-se envergonhados por essas lutas.

Vocês não devem nunca ver os vossos desafios como uma desvantagem. Em vez disso, é importante que vocês entendam que a vossa experiência enfrentando e superando adversidades é, na verdade, uma das vossas maiores vantagens. (...)

deixem-me dizer, nada - e quero dizer nada - vai impedir vocês de realizarem os vossos sonhos. E vocês merecem cada um dos sucessos que eu sei que vocês terão.

Apesar de considerar que estes alunos estão bem preparados para enfrentarem um futuro adverso, Michelle não esquece as obrigações que eles têm. Os que estão ali, e que são considerados privilegiados, têm a obrigação de ajudar os outros: “partilhar as lições que vocês aprenderam aqui nesta escola.”

Não sendo um discurso político, assemelha-se a um discurso pedagógico, a oradora não deixa de o politizar um pouco quando defende a educação pública (“A educação pública é o nosso melhor caminho...”).

O discurso termina com uma nova exemplificação que apela ao nacionalismo americano. Trata-se do exemplo de Jonas Salk⁷⁰ ou de Colin Powell⁷¹, e do seu próprio exemplo. Michelle Obama comprova esta ideia de esforço e superação que levam à mudança com a sua própria vida numa assunção da raça e da cor da sua pele:

E, finalistas, é a história que testemunho todos os dias quando acordo numa casa que foi construída por escravos, e vejo as minhas filhas - duas lindas jovens negras - irem para a escola - (aplausos) - dizendo adeus ao pai delas, o presidente dos Estados Unidos, filho de um homem do Quênia que veio aqui para a América - para a América pelas mesmas razões que muitos de vocês: Para obter uma educação e melhorar as suas perspetivas na vida.

A oradora exorta os presentes a honrarem os antepassados e o legado que eles deixaram, justificado na evidência de que todos aqueles que ali estão, no tal “lugar perfeito” são “a prova viva e real de que o sonho americano perdura no nosso tempo. São vocês.” Assim, Michelle Obama apela, ela própria à grandiosidade e ao espírito de entreajuda:

⁷⁰ Jonas Salk (1914-1995) foi um médico virologista e epidemiologista que investigou a vacina contra a gripe e desenvolveu a vacina contra a poliomielite cuja patente nunca registou, pois defendia que a vacina pertencia ao povo tal como o sol que também não se pode patentear. Fundou o Instituto Salk para desenvolvimento de estudos biológicos. A sua filosofia de vida residia na frase “Hope lies in dreams, in imagination and in the courage of those who dare to make dreams into reality.”, ou seja, “A esperança reside nos sonhos, na imaginação e na coragem dos que osam transformar os sonhos em realidade.” Consultado em: <https://www.salk.edu/about/history-of-salk/jonas-salk/>

⁷¹ Colin Powell (1937), filho de imigrantes jamaicanos é um general de quatro estrelas do Exército dos Estados Unidos que foi o 65º Secretário de Estado dos Estados Unidos (2001-2005), sob o presidente George W. Bush, sendo o primeiro afro-americano indicado para essa posição.

Então eu quero que todos vocês saiam. Sejam grandes. Construam grandes vidas para vocês mesmos. Aproveitem as liberdades que vocês têm neste grande país. Persigam a vossa própria versão de felicidade. E por favor, por favor, façam sempre, sempre a vossa parte para ajudar os outros a fazerem o mesmo.

Num final afetuoso, em que declara o seu amor por todos os presentes (“Eu amo todos vocês”), Michelle Obama retoma o *topos* anterior do “trabalho árduo” e demonstra a sua confiança e fé numa frase sentenciosa: “Eu tenho muita fé em quem vocês serão. (...) Mal posso esperar para ver o que todos vocês alcançarão nos próximos anos. Obrigado a todos. Deus vos abençoe⁷². Boa sorte na estrada.”

1.3.2.E – Discurso do Papa Francisco

O Papa Francisco, como já referimos, inicia o seu discurso com uma fórmula que o aproxima dos jovens que ali se encontram e com a valorização destes, daquele lugar e daquele encontro. Esta valorização é feita através do ato expressivo “Como é bom encontrar-vos.”, da afirmação, também ela exclamativa, “a terra que nos recebe com tanta cor e tanto calor!” e da repetição do advérbio “tanta... tanto”.

Como é bom encontrar-vos e fazê-lo nesta terra que nos recebe com tanta cor e calor! As Jornadas Mundiais da Juventude reunidas no Panamá são, uma vez mais, uma festa de alegria e de esperança para toda a Igreja e um enorme testemunho de fé para o mundo.

A valorização daquele encontro é feita, também, através da enumeração “uma festa de alegria e de esperança para toda a Igreja e um enorme testemunho de Fé para o mundo.” De salientar a utilização dos nomes “cor”, “calor”, “alegria” e “esperança” e da referência ao facto de se tratar de um “enorme” testemunho de Fé para o mundo inteiro.

Centremo-nos, então, na mensagem do Papa e na forma como este transmite o sentido da vida aos jovens que ali se encontram.

O *topos*-base deste discurso assenta na ideia de reencontro, de união em Cristo e no seu amor, de renovação da Igreja, como se pode comprovar nas seguintes referências:

Nós queremos reencontrar e reavivar convosco a contínua novidade e juventude da Igreja, abrindo-nos um novo Pentecostes (...) A cultura do reencontro é um chamamento e um convite a ousar guardar vivo um sonho comum. Sim, um grande sonho capaz de abrigar a todos. (...)

A coisa mais esperada desta reunião será os vossos rostos e uma oração. (...)

⁷² Esta expressão relembra uma outra “God Bless America” (Deus abençoe a América”), título do hino não-oficial patriótico criado por Irving Berlin durante a 1ª guerra mundial, em 1918. Trata-se de uma máxima presente em muitos finais de discursos nos EUA.

O orador apresenta, também, as condições para que este reencontro seja possível. Estas condições são-nos introduzidas pela anáfora “Isto só é possível (...) Isto é possível (...) E isso”

Isto só é possível se nós ousarmos caminhar escutando-nos e escutando completando-nos, se nós ousarmos testemunhar, anunciando o Senhor ao serviço dos nossos irmãos, serviço concreto, quero dizer. (...)

Isto é possível, porque nós sabemos que há alguma coisa que nos une, há alguém que nos reaproxima. (...)

E isso porque vocês possuem este faro que consegue pressentir que “O amor verdadeiro não apaga as diferenças legítimas, mas harmoniza-as numa unidade superior” (Papa Bento XVI, Homília, 25 de janeiro de 2006). (...)

O Sumo-Pontífice pretende uma união maior, constatando, no entanto, que inúmeras diferenças separam aqueles jovens:

Nós vimos de culturas e de povos diferentes, nós falamos línguas diferentes, nós vestimos roupas diferentes. Cada um dos nossos povos viveu histórias e acontecimentos diferentes. Tantas coisas podem diferenciar-nos! Mas nada disso nos impediu de nos reencontrarmos e de nos sentirmos felizes por estarmos juntos. Isto é possível porque nós sabemos que há alguma coisa que nos une, há alguém que nos reaproxima.

Estas diferenças não impedem, contudo, a união e o espírito de abnegação dos jovens presentes nestas Jornadas, como constata o orador que, através da enumeração, aponta todos os sacrifícios a que estes se viram obrigados para conseguirem estar naquele lugar:

Eu sei que vir até aqui não é fácil. Eu tenho conhecimento dos esforços, dos sacrifícios que vocês fizeram para poder participar nestas Jornadas. Muitos dias de trabalho e de compromisso, de encontros, de reflexão e de oração fizeram com que o caminho seja, em grande parte, a recompensa.

Também da enumeração se serve o orador para demonstrar como aqueles jovens são especiais:

Queridos amigos, vocês fizeram grandes sacrifícios a fim de poder vos reencontrar. Pelos vossos gestos e pelas vossas atitudes, pelos vossos olhares, os vossos desejos e sobretudo pela vossa sensibilidade vocês recusam e repudiam todos os discursos que se focam e se esforçam para semear a divisão, para excluir ou rejeitar aqueles “que não são como nós”.

O Papa considera-os também “discípulos”:

O discípulo não é apenas aquele que chega ao lugar, mas aquele que começa decidido, aquele que não tem medo de arriscar e de se pôr ao caminho. É isto a sua maior alegria: caminhar. Vocês não tiveram medo de arriscar e de caminhar. Hoje nós podemos “dançar a rumba”, porque é esta rumba que começou há muito nesta comunidade.

De salientar, novamente, a aproximação do orador ao seu público e de aproximação de todos os jovens presentes, numa adequação ao contexto situacional, patente na expressão idiomática “dançar rumba” (“faire la rumba”).

As interrogações retóricas são outro dos recursos de que o orador se serve, neste caso para chamar a atenção do seu público, levando-os a pensar naquilo que é um fator de união entre eles:

Nós perguntamo-nos: o que nos mantém juntos? Por que estamos unidos? O que nos leva a conhecermo-nos um ao outro? A certeza de saber que fomos amados com um amor íntimo que não podemos nem queremos calar e que nos desafia a responder da mesma maneira: com amor. É o amor de Cristo que nos pressiona (2Co 5, 14). (...)
Você acredita nesse amor? Este amor vale a pena? (...)
Queres que esse sonho ganhe vida? Queres dar-lhe corpo com as mãos, com os pés, com o olhar, com o coração?

Tal como nos outros discursos, também neste, os exemplos são uma forma de demonstração de pontos de vista. Se nos discursos anteriores os exemplos apontavam pessoas comuns que se destacavam por algum aspeto, no caso deste discurso, que é religioso, os exemplos são, naturalmente, de carácter religioso. Assim, o líder da Igreja Católica refere o exemplo de Jesus Cristo que “deu a Sua vida na cruz...”, e de Maria. No caso deste último exemplo, pretende-se a identificação do público com esta figura, para que este siga o mesmo caminho que a mãe de Jesus:

Este foi o mesmo pedido e convite que Maria recebeu. O anjo perguntou-lhe se ela queria trazer esse sonho no seu ventre e trazê-lo à vida, torná-lo carne. (...) Maria atreveu-se a dizer "sim". Ela atreveu-se a dar vida ao sonho de Deus. E é a mesma coisa que o anjo quer perguntar a vocês e a mim: Queres que esse sonho ganhe vida?

Antes do agradecimento final, o orador reforça a ideia de união e de amor entre todos que se deve partilhar. O poder deste amor é realçado a partir de uma metáfora patente na seguinte frase: “para lembrar e manter vivo esse sonho que nos une e com o qual somos convidados a não congelarmos no coração do mundo: lá onde nos encontramos, fazendo o que estamos a fazer”, apelando ao lado humano dos jovens e ao dever de lutarem num mundo cada vez mais desumano.

1.3.2.F – Discurso do Dalai Lama

Se o Papa Francisco inicia o seu discurso com a valorização dos jovens que se encontram ali para escutar, o Dalai Lama inicia o seu, indicando o topos-base da sua mensagem - a importância da bondade e da compaixão, apresentando-se, seguidamente, e como já foi referido anteriormente, como um homem comum – um simples ser humano, igual aos presentes.

Esta noite, gostaria de falar convosco sobre a importância da bondade e da compaixão. Ao abordar estes temas, não me vejo como budista, Dalai Lama ou tibetano, mas sim como um

ser humano e espero que vocês, no auditório, pensem em vocês como seres humanos em vez de como americanos, ocidentais ou membros de um determinado grupo. Estas coisas são secundárias. Se do meu lado e do vosso lado, nós interagirmos como seres humanos, podemos chegar a esse nível. Caso eu diga "sou monge" ou "sou budista", as afirmações serão, em comparação com a minha natureza de ser humano, temporárias. Ser humano é básico. Uma vez nascido assim, não se poderá mudar até à morte. Outras condições - ser ou não instruído, rico ou pobre - são secundárias.

Centrando o discurso em si próprio e no “nós” inclusivo, no presente, como se pode comprovar na utilização de verbos no presente do indicativo (“não me vejo (...), e espero (...) são (...) podemos”) e no deítico temporal como “Hoje” (“Hoje nós enfrentamos...”, “Hoje o mundo está a tornar-se ...”), o Dalai Lama coloca-se ao mesmo nível do seu público, pedindo às pessoas que o ouvem naquele momento (“neste momento”), através de um ato ilocutório expressivo, que pensem como seres humanos e não como elementos de um determinado grupo. Esta última referência é feita através de uma enumeração: “... americanos ou ocidentais ou membros de um determinado grupo.”.

A enumeração é um recurso amplamente utilizado ao longo deste discurso, como se pode comprovar nos seguintes exemplos: “autodisciplina, autoconsciência e uma clara compreensão das desvantagens da raiva e dos efeitos positivos da bondade.”, ou

É perfeitamente claro que todos necessitam de paz interior, que só pode ser alcançada por meio da bondade, do amor e da compaixão. O resultado é uma família em paz, felicidade entre pais e filhos, menos discussões entre casais. Numa nação, essa atitude pode criar unidade, harmonia e cooperação com saudável motivação. A nível internacional, precisamos de confiança e respeito mútuos, discussões francas e amistosas, com motivações sinceras e um esforço conjunto no sentido de resolver problemas.

Estas enumerações apontam para os meios para solucionar os problemas da sociedade e culminam na frase curta, mas muito expressiva: “Tudo isso é possível.”.

O discurso desenvolve-se, como já foi anotado, sob o tema da “bondade e da compaixão.” Estas são fundamentais, de acordo com o orador, para que todos tenham aquilo que desejam e que é, na sua opinião, um direito: “Todos queremos a felicidade e evitar o sofrimento. Além disso, todos nós temos o mesmo direito de sermos felizes.” Este topos da felicidade é retomado, recorrentemente, ao longo do discurso.

Abordando, como exemplos, os problemas do passado (“Muitas coisas terríveis aconteceram, resultando em mais problemas, mais sofrimento e desconfiança.”), a globalização (“O mundo hoje está-se a tornar mais e mais pequeno.”) e até Hiroshima, o líder tibetano conduz o seu auditório ao momento presente e à solução para os problemas do mundo atual e do futuro já que, apesar do desenvolvimento mundial, o

desenvolvimento interior do ser humano não é satisfatório (“Apesar de a nível externo estarmos altamente desenvolvidos e continuarmos a progredir, ao mesmo tempo é igualmente importante desenvolver e progredir em termos de desenvolvimento interior.”). Sendo a mudança uma necessidade premente, qual é, então, de acordo com Dalai Lama, a solução para se atingir a felicidade?

O orador aponta a solução que passa por uma mudança interior: “Portanto, controlar em primeiro lugar a mente é muito importante.”. De uma forma gradativa, o líder tibetano começa com a exemplificação de sentimentos como a raiva e o ódio para demonstrar o seu ponto de vista. Este é realçado pela imagem, bastante expressiva, das armas que por si só não começam uma guerra: “O gatilho para as [as armas] ativar está sob um dedo humano, que se move pelo pensamento, não pelo seu próprio poder. A responsabilidade permanece no nosso pensamento.” Assim, Dalai Lama nomeia os diversos problemas da humanidade (raiva, ódios, problemas mundiais) e contrapõe com uma solução: a compaixão, a tolerância e a paciência, numa construção paralela, em que predominam verbos diretivos que pretendem levar o público a refletir e a alterar comportamentos.

Centrando-se na importância da mente, o orador continua a defender o seu ponto de vista através de outros exemplos, como é o caso do comportamento que se deve ter perante os outros, mais especificamente os russos: “Vocês devem olhar para a União Soviética como irmãos e irmãs;”, ou em relação à promoção desse entendimento, ou na referência ao dinheiro, constatando a importância deste e de este ser para os seres humanos. De salientar a forma como a frase é construída, destacando-se esta ideia de que o dinheiro é para os seres humanos: “mas o objetivo do dinheiro é para os seres humanos.”

O líder tibetano vai repetindo as diversas atitudes negativas e as consequências destas, mas aponta, também, a que conduzem as atitudes positivas, sempre no sentido de demonstrar a sua tese: “Se refletirmos a respeito destas questões uma e outra vez, podemos ficar convencidos desta ideia e, então, com autoconsciência, conseguiremos controlar a mente.”

A frase sentenciosa “É o que sinto e também o que eu próprio pratico.” leva à repetição de outras soluções para a resolução dos problemas mundiais. Estas soluções são apresentadas, novamente, de uma forma gradativa que começa no exemplo das alterações produzidas primeiro num indivíduo, depois na família, mais tarde a nível nacional e, finalmente, no mundo:

É o que sinto e também o que eu próprio pratico. É perfeitamente claro que todos necessitam de paz interior. A questão, então, é como alcançá-lo. Através da raiva não podemos; através da bondade, através do amor, através da compaixão, podemos alcançar a paz de espírito de um indivíduo. O resultado disso é uma família pacífica - felicidade entre pais e filhos, menos discussões entre marido e mulher; nenhuma preocupação com o divórcio. Estendido a nível nacional, essa atitude pode trazer união, harmonia e cooperação com uma motivação genuína. A nível internacional, precisamos de confiança e respeito mútuos, discussões francas e amistosas, com motivações sinceras e um esforço conjunto no sentido de resolver problemas. Tudo isso é possível.

O Dalai Lama demonstra a sua confiança nos líderes mundiais (“Os nossos líderes têm feito o melhor que podem para resolver os nossos problemas”), mas reconhece que novos conflitos surgem continuamente, confirmando, novamente que a solução está na mudança interior: “Portanto, embora seja difícil tentar trazer a paz através da transformação interna, esta é a única maneira de alcançar a paz mundial duradoura.”

No final do discurso, o líder tibetano, através de frases simples e curtas, conclui reforçando este seu discurso pedagógico, que a solução para todos os problemas está na bondade: “Esta é minha simples religião. Não há necessidade de templos; não há necessidade de filosofia complicada. O nosso próprio cérebro, o nosso próprio coração é nosso templo; a filosofia é bondade.”

QUADRO SÍNTESE

	Manuel Forjaz	António Forjaz	Steve Jobs	Michelle Obama	Papa Francisco	Dalai Lama
Atos de Fala	Assertivos Diretivos	Assertivos Expressivos Diretivos (-)	Assertivos Expressivos Diretivos (-)	Expressivos Diretivos (-)	Assertivos Expressivos Diretivos (-)	Assertivos Diretivos Expressivos
Apóstrofe	X			X	X	
Exemplificação	X	X	X	X	X	X
Enumeração	X	X		X	X	X
Perguntas retóricas	X	X	X		X	
Gradação	X	X	X	X		
Repetição		X		X	X	
Construções anafóricas	X			X	X	
Adjetivação expressiva	X			X	X	
Enunciados metafóricos	X		X	X	X	X
Enunciados de pendor pedagógico	X	X	X	X	X	X
Enunciados sentenciosos / aforísticos	X	X	X	X		X
Construções negativas		X		X		
Diminuição do <i>eu</i> e exaltação do outro				X	X	
Narrativa autobiográfica	X	X	X	X		
Marcas de 1ª pessoa	X	X	X	X		X
Reprodução do discurso direto	X	X	X			

É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca.

D. Hélder da Câmara

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tinha como objetivo analisar discursos inspiradores em termos retórico-discursivos, por forma a verificar qual o sentido da vida para cada orador e que estratégias eram utilizadas para transmitir a sua mensagem.

Os modelos teóricos abordados e sistematizados, na primeira parte desta dissertação, revelaram-se fundamentais para a compreensão e sistematização das estratégias dos diferentes oradores.

Começámos, então, por abordar a relação que os diversos locutores estabelecem com o seu auditório. Neste domínio, pode referir-se que Manuel Forjaz e Steve Jobs mantêm um certo afastamento do público, mostrando que são mais experientes e que essa mesma experiência de vida justifica o facto de estarem ali, e valida a sua mensagem.

Por sua vez, António Forjaz e Michelle Obama identificam-se e estão muito próximos do seu auditório. António, pela sua idade e pela forma como transmite a sua mensagem, e Michelle Obama, apesar de mais velha e mais experiente, aproxima-se do seu auditório já que demonstra compreendê-lo e o glorifica, glorificando, também, a família daqueles estudantes que a ouvem, porque ela própria viveu uma experiência semelhante. Salienta-se, neste caso, os atos de cortesia claramente expressos pela primeira-dama.

Em sintonia com os oradores anteriormente referidos, o Papa Francisco e o Dalai Lama, apesar das suas posições hierárquicas, estão próximos dos respetivos auditórios. Esta proximidade deve-se às próprias normas de cada uma das religiões que implicam, em primeiro lugar, a igualdade e fraternidade de todos os seres humanos.

Relativamente às diversas atitudes discursivas que cada locutor põe em uso a fim de defender a imagem de si próprio, parece-nos evidente que os oradores destes discursos adotam, em primeiro lugar, uma atitude de sedução ou de dramatização, uma vez que, para transmitirem a sua mensagem sobre o sentido da vida, descrevem factos da sua própria vida ou referem exemplos da de outros. Manuel Forjaz fala da sua própria vida e

da de outros que pensam como ele (Belmiro de Azevedo e Jorge Salavisa), convocando, assim, factos de cariz autobiográfico para a aproximação auditório.

António Forjaz conta a vida do pai, a partir de três ensinamentos deste.

Steve Jobs narra a história da sua vida, dividindo-a em três grandes momentos, e Michelle Obama aborda a vida dos jovens universitários, o seu público, e das suas famílias que se sacrificaram para atingir aquele objetivo, que é o terminar o curso superior, mostrando-se ela própria como igual àqueles jovens.

A “atitude de sedução” do Papa Francisco e do Dalai Lama é um pouco diferente da dos locutores anteriores, na medida em que não se centram tanto na experiência individual de cada um. Eles são, antes de mais, líderes de duas religiões, e os factos que descrevem estão, por isso, essencialmente relacionados com a sua Fé e com aquilo que desejam que os grupos específicos a quem se dirigem façam com os ensinamentos/reflexões que os dois transmitem naquele discurso.

Já no que diz respeito às estratégias discursivas utilizadas, podemos concluir que todos os discursos são, essencialmente, marcados por atos de fala assertivos e diretivos. A maior parte destes atos diretivos, como se pode comprovar na análise feita, é realizada de forma indireta. De salientar, também, os atos de fala expressivos nestes discursos marcados pela reflexão intimista. Predominam, ainda, recursos como a apóstrofe, a enumeração, as perguntas retóricas e o exemplo que nos conduz a um caminho, não previsto inicialmente. Estes discursos visam não só transmitir uma mensagem sobre o que significa a vida para cada um dos oradores, como também modificar comportamentos, têm, por isso, um pendor pedagógico. Por estes discursos perpassa uma tentativa de alteração de comportamento, uma reflexão sobre o que não está bem com vista à mudança, o que nos conduz aos séculos XVI e XVII e ao género literário “apólogo” sobretudo, porque podemos considerar que os discursos objeto de estudo, nesta dissertação, também consistem “numa narrativa que ilustra uma lição de sabedoria” (Ceia, 2009)⁷³.

Tal como Francisco de Moraes, por exemplo, nos *Dialogos de Francisco de Moraes* (edição póstuma de 1624), através de um diálogo entre personagens como um Fidalgo e o seu Escudeiro, observa e critica a sociedade com um intuito pedagógico, também se encontram, nestes discursos objeto do nosso estudo, esta observação da realidade, esta reflexão sobre a vida e a indicação de caminhos a seguir.

⁷³ Consultado no *Dicionário de Termos Linguísticos* em <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/apologo/>

Podemos relembrar também a obra de Francisco Rodrigues Lobo, *A Corte na Aldeia* (1619), também ela com um pendor didático. Nesta obra, tomamos contacto com uma “conversação de amigos bem-acostumados” (Lobo, 1972: 8) sobre diversos temas (arte da conversação, a escrita epistolar, fórmulas de tratamento, entre outros), em que subjaz uma valorização das maneiras aristocráticas estabelecidas na corte.

Coloca-se, para terminar, a seguinte questão: qual é, então, o sentido da vida?

Para Manuel Forjaz o sentido da vida está no ser dono do seu próprio tempo. Para António, seu filho, o sentido da vida constrói-se diariamente junto das pessoas de quem se gosta.

Steve Jobs aponta para a necessidade de compreender que o tempo é fugaz pelo que cada pessoa se tem de centrar nos seus desejos e aspirações (“seguir (...) o coração”). Já Michelle Obama incita os jovens a “perseguir” a felicidade, pensando e ajudando, sempre, os outros, no sentido de continuar a honrar os antepassados.

A mensagem do Papa Francisco incide sobre “a união no amor por um mundo mais humano” e a de Dalai Lama sobre a felicidade que só se atinge através da bondade e da compaixão.

Propusemo-nos atingir alguns objetivos e estes deram origem a outras tantas questões que nos levam a pensar que a presente investigação carece de continuidade e aprofundamento. Realizámos apenas uma pequena reflexão no vasto universo que abarca os discursos inspiradores. Os discursos selecionados são, no entanto, inspiradores e verdadeiras lições de vida que, na nossa modesta opinião, poderiam ser objeto de estudo nas aulas da disciplina de Português, por exemplo, no 9º ano de escolaridade ou no Ensino Secundário, não só pelo tema, mas, e sobretudo, porque, desde quer repetidamente lidos e cuidadosamente analisados poderiam contribuir não apenas para o aperfeiçoamento de capacidades de leitura e de escrita, sobretudo argumentativa, mas também inculcar valores éticos e morais hoje tão necessitados no ensino obrigatório.

A epígrafe com que começámos as Considerações Finais deste trabalho ilustra o sentimento que atravessou e atravessa esta investigação. Assim sendo, começámos bem e continuaremos nesta caminhada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J.M. (1992). *Les Textes: Types et Prototypes*, Paris: Éditions Nathan.
- ALICEA, D. (2013). *La lógica del aforismo, Discurso de Incorporación*, Academia Puertorriqueña de la Lengua Española. Disponível em:
<http://www.dennisalicea.com/discursos/la-logica-del-aforismo/> [consultado a 13 de maio de 2018]
- AMOSSY, R. (2008). *Argumentation et analyse du discours: perspectives théoriques et découpages disciplinaires*. Disponível em:
<https://journals.openedition.org/aad/200> [consultado a 8 de janeiro de 2018]
- _____ (2012). *L'Argumentation dans le Discours*, Paris: Armand Colin.
- _____ (2018). *Introduction : la dimension argumentative du discours – enjeux théoriques et pratiques*. Disponível em:
<https://journals.openedition.org/aad/2560?lang=en> [consultado a 8 de janeiro de 2019]
- ANSCOMBRE, J-C. (1989). *Théorie de l'argumentation, topoi, et structuration discursive*, Revue Québécoise de Linguistique, 18 (1), 13–55. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/271339613_Theorie_de_l'argumentation_topoi_et_structuration_discursive [consultado a 18 de janeiro de 2018]
- ANSCOMBRE, J-C. (1995). *La Théorie des Topoi: Sémantique ou Rhétorique?*, CNRS/ Université de Paris VIII,
http://documents.irevues.inist.fr/bitstream/handle/2042/15167/HERMES_1995_15_185.pdf [consultado a 15 de fevereiro de 2019]
- ARISTÓTELES (1998). *Retórica*, Madrid: Alianza Editorial.

ASLAN, R. (2018). *Deus, Uma biografia*, tradução de Bruno Vieira Amaral, Lisboa: Quetzal.

BERTAUX, D. (1997). *Les Récits de vie, perspective ethnosociologique*, Paris: Nathan Université.

BROWN, P., & Levinson, S. C. (2009). Politeness: Some universals in language usage [chapter 1, reprint]. In N. COUPLAND, & A. JAWORSKI (Eds.), *Sociolinguistics: critical concepts* [volume III: Interactional sociolinguistics] (pp. 311-323). London: Routledge. Disponível em:

<https://www.mpi.nl/publications/escidoc-64421> [consultado a 18 de janeiro de 2018]

CEIA, C. (2009). s.v. Coerência e coesão textuais, E-Dicionário de termos literários (EDTL). Coord. de Carlos Ceia. Disponível em:

<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/coerencia-e-coesao-textuais/> [consultado a 8 de janeiro de 2018]

CHARAUDEAU, P., e MAINGUENEAU, D. (2002). *Dictionnaire d'Analyse du Discours*, Paris: Éditions du Seuil.

CHARAUDEAU, P. (1998a). "L'argumentation n'est peut-être pas ce que l'on croit". Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-n-est-peut-etre.htm> [consultado a 27 de maio de 2018]

_____ (1998b), "La télévision peut-elle expliquer?", Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/La-television-peut-elle-expliquer.html> [consultado a 27 de maio de 2018]

_____ (2002). " A quoi sert d'analyse le discours politique?", em *Análisi del discurs polític*, IULA-UPF, Barcelone, 2002. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/A-quoi-sert-d-analyse-le-discours.html> [consultado a 8 de maio de 2018]

_____ (2004). "Comment le langage se noue à l'action dans un modèle socio-communicationnel du discours. De l'action au pouvoir", *Cahiers de linguistique française*, n°26. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/Comment-le-langage-se-noue-a-l.ht> [consultado a 27 de maio de 2018]

_____ (2005a). "Quand l'argumentation n'est que visée persuasive. L'exemple du discours politique", in BURGER M. et MARTEL G., *Argumentation et communication dans les médias*, Québec: Éditions Nota Bene. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/Quand-l-argumentation-n-est-que.html> [consultado a 25 de outubro de 2017]

_____ (2005b). "Sémantique de la langue, sémantique du discours", *Actes du colloque en hommage à Bernard Pottier*. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/Semantique-de-la-langue-semantique.html>
[consultado a 25 de outubro de 2018]

_____ (2006). "La situation de communication comme lieu de conditionnement du surgissement interdiscursif", in *TRANEL* n°44, Interdiscours et intertextualité dans les médias, Neuchâtel: Institut de linguistique de l'Université de Neuchâtel. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/La-situation-de-communication,166.html>
[consultado a 20 de maio de 2018]

_____ (2007a). "Pathos e discurso político", in MACHADO, I.D., MENEZES, W., MENDES E. (org.), *As Emoções no Discurso*, Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 240-251. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/Pathos-e-discurso-politico.html> [consultado a 15 de fevereiro de 2018]

_____ (2007b). "De l'argumentation entre les visées d'influence de la situation de communication", in *Argumentation, Manipulation, Persuasion*, L'Harmattan, Paris, 2007. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/De-l-argumentation-entre-les.html> [consultado a 15 de fevereiro de 2018]

_____. (2008a). "L'argumentation dans une problématique de l'influence", *Revue Argumentation et Analyse du Discours*, (AAD) n°1. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-dans-une.html> [consultado a 28 de outubro de 2018]

_____ (2008b). *Phatos et Discours Politique*, In RINN, M. (2008). *Émotions et Discours, L'usage des passions dans la langue*, Rennes : Presses Universitaires de Rennes.

_____ (2009a). "Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière", in CHARAUDEAU P. (dir.), *Identités sociales et discursives du sujet parlant*, Paris: L'Harmattan, 2009. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite,217.html> [consultado a 27 de maio de 2018]

_____ (2009b). *Le discours de manipulation entre persuasion et influence sociale*, Actes do Colóquio de Lyon. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/Le-discours-de-manipulation-entre.html> [consultado a 12 de maio de 2018]

_____ (2013). *La conquête du pouvoir: Opinion, persuasion, valeur. Les discours d'une nouvelle donne politique*, Paris: Editions L'Harmattan.

_____ (2014). "Étude de la politesse entre communication et culture", In COZMA A-M., BELLACHHAB A., PESCHEUX M. (dir.), *Du sens à la signification. De la*

signification aux sens. Mélanges offerts à Olga Galatanu, Bruxelles, 2014, pp. 137-154.

Disponível em:

<https://www.patrick-charaudeau.com/Etude-de-la-politesse-entre.html> consultado a [27 de maio de 2018]

_____ (2015). “*Le charisme comme condition du leadership politique*”, *Revue Française des Sciences de l’Information et de la Communication*, nº7, 2015. Disponível em:

<http://www.patrick-charaudeau.com/Le-charisme-comme-condition-du.html> [consultado a 15 de fevereiro de 2019]

CLERC, T. (2001). *Les Écrits Personnels*, Paris: Hachette.

COUTINHO, M.A. (2000). *Texto(s) e Competência Textual*, Dissertação de Doutoramento em Linguística - Teoria do Texto apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:

<https://run.unl.pt/handle/10362/15753> [consultado a 20 de fevereiro de 2019]

DANBLON, E. (2005). *La Fonction Persuasive, Anthropologie du Discours rhétorique: origines et actualité*, Paris: Armand Colin.

DOURY, M. (2016). *Argumentation, Analyser textes et Discours*, Paris: Armand Colin.

DOURY M. e MOIRAND, S. (2004). *L’Argumentation aujourd’hui*, Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.

ESCANDELL M. V. (1996). *Introducción a la Pragmática*, Barcelona: Editorial Ariel.

GILLET Claude, (1993). “ANSCOMBRE, J.C. et DUCROT O.”, *Études de communication*. Disponível em:

<http://journals.openedition.org/edc/3281> [consultado a 2 de setembro de 2018]

GOUVEIA, Carlos A. M. (1996). “Pragmática”. In: *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Organização de Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte e Carlos A. M. Gouveia. Ed. Caminho, Lisboa, pp. 383-419.

GRÁCIO, R. *Vocabulário de argumentação*, Tipologias argumentativas (Perelman e Olbrechts-Tyteca. Disponível em:
<https://www.ruigracio.com/VCA/TipoloArgPerel.htm> [consultado a 21 de outubro de 2018]

GRICE, H.P. (1975). “Logic and conversation” IN COLE P. y MORGAN, J.L. (1975). *Syntax and Semantics*, Vol. 3, Speech Acts, New York: Academic Press pp 41-50

GUMPERZ, J. (2002). *Discourse Strategies*, Cambridge: Cambridge University Press.

HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, R. (1976). *Cohesion in English*, Longman Group

HORN, Laurence R. e WARD, Gregory (2006). *The Handbook of Pragmatics*, Blackwell Publishing. Disponível em:
<file:///H:/Tese/Bibliografia/pragm%C3%A1tica/Horn-Laurence-R.-and-Ward-Gregory-Ed.-The-Handbook-of-Pragmatics.pdf> [consultado a 22 de maio de 2018]

KALINIC, A. (2008). *Les Types d'Arguments dans le traitement du débat sur la crise des banlieues par la television*, Analyse du Discours et Argumentation. Disponível em:
<https://journals.openedition.org/aad/198> [consultado a 4 de maio de 2018]

KERBRAT-ORECCHIONI, C. (2012). *Les Actes de langage dans le Discours, Théorie et fonctionnement*, Paris: Armand Colin.

KOCH, I. G. V. (2003). A possibilidade de intercâmbio entre Linguística Textual e o ensino de língua materna, Veredas, *Revista de Estudos Linguísticos*, v.5, nº2, julho/dezembro. Disponível em:
www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap073.pdf [consultado a 25 de junho de 2018]

KOREN, R. (2008). Pour une éthique du discours : prise de position et rationalité axiologique, *Analyse du Discours et Argumentation*. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/aad/263> [consultado a 4 de maio de 2018]

KUPERTI-TSUR, N. (2000). *Écriture de Soi et Argumentation*, Caen : Presses Universitaires de Caen.

LECARME, J., LECARME-TABONE, E. (2004). *L'Autobiographie*, Paris: Armand Colin.

LEJEUNE, P. (1996). *Le pacte autobiographique*, Paris: Le Seuil.

LIMA, J. P. (2006). *Pragmática linguística*, Lisboa: Caminho.

LOBO, F. R. (1972). *Corte na aldeia*, Porto: Lello & Irmão - Editores.

MAINGUENEAU, D. (2002). Problème d'ethos, *Pratiques* 113-114. *L'ethos, de la rhétorique à l'analyse du discours*. Disponível em:

<http://dominique.maingueneau.pagesperso-orange.fr/pdf/Ethos.pdf> [consultado a 19 de maio de 2018]

MAINGUENEAU, D. (2009). *Les termes Clés de l'Analyse du Discours*, Paris: Éd. du Seuil.

MAINGUENEAU, D. (2012). *Les Phrases sans textes*, Paris: Armand Colin.

MAINGUENEAU, D. (2013). Aphorisation et cadrage interprétatif, *Redis: revista de estudos do discurso*, nº 2. Disponível em:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12757.pdf> [consultado a 19 de maio de 2018]

MAINGUENEAU, D. (2016). *L'ethos discursif et le défi du Web*, Itinéraires. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/itineraires/3000?lang=en%20%5b11> [consultado a 15 de fevereiro de 2019]

MAINGUENEAU, D. (2017). *Dominique Maingueneau parle d'aphorisation et d'argumentation*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=r02JCJYhaPo> [consultado a 19 de outubro de 2018]

MAINGUENEAU, D. (S/D). *A propósito do ethos*, tradução de Luciana Salgado. Disponível em:

<http://www.martinsfontespaulista.com.br/anexos/produtos/capitulos/509327.pdf> [consultado a 19 de maio de 2018]

MARQUES, M. A. (2008). *Arrogância e Construção do Ethos no Discurso político Português*, Universidade do Minho. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/27048/1/Arrog%C3%A2ncia%20e%20ethos.pdf> [consultado a 15 de fevereiro de 2019]

MEILLEIT, A. (1906). *Comment les mots changent de sens*, Gloucester: Dodo Press.

MEIRELES, C. (1985). *Obra Poética*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

MENDES, A. (2013) “Organização Textual e Articulação de Orações”, em RAPOSO e ALII, *Gramática do Português*, vol II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MIRANDA, M., SOARES, N. C. e MIRANDA, C. U. (2010). *A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento*, Coimbra: Coleção Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em:

<https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/31168/6/4%20a%20ret%C3%B3rica%20e%20a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20na%20idade%20m%C3%A9dia.pdf?ln=pt-pt> [consultado a 1 de junho de 2019]

MONTERO, D. e MELOI, M. (2015). *De Joseph a Bento, de Jorge a Francisco: um estudo sobre a construção do ethos e a sua relação com os nomes dos Papas*, Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação. Disponível em: periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/834/786 [consultado a 3 de fevereiro de 2019]

MUCCI, L.I. (2009) s.v. Figuras de Linguagem, E-Dicionário de termos literários (EDTL). Coord. de Carlos Ceia. Disponível em:

<http://edtl.fesh.unl.pt/encyclopedia/figuras-de-linguagem/> [consultado a 8 de janeiro de 2019]

PALRILHA, S. M. R. (2009), *Contributos para uma Análise dos Actos Ilocutórios Expressivos em Português*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Disponível em:

<http://www.uc.pt/uid/ce|ga/recursosonline/dissertacoes/dissertacoesdemestrado/silveria/mariaramospalrilha> [consultado a 7 de fevereiro de 2019]

PERELMAN, C. (1993). *O Império retórico*, tradução de Trindade, F. e de Grácio, R.A., Porto: Edições Asa.

PLANTIN, C. (2002). *Analyse et critique du discours argumentatif*. Disponível em:

<http://www.icar.cnrs.fr/pageperso/cplantin/publications.htm> [consultado a 23 de julho de 2018]

PLANTIN, C. (2004). Situation des études d'argumentation: de délégitimations en réinventions, IN DOURY M. e MOIRAND, S. (2004). *L'Argumentation aujourd'hui*, Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.

PLANTIN, C. (2005). *L'argumentation*, Paris: Presses Universitaires de France.

PLANTIN, C. (2016). *Dictionnaire de L'argumentation : Une introduction aux Études d'Argumentation*, Lyon: ENS Éditions.

PIRAT, B. (2005). « Charaudeau (Patrick),» *Le discours politique. Les masques du pouvoir*, Paris, Vuibert, 2005, *Politix* 2006/3 (n° 75), p. 196-200. Disponível em:

<https://www.cairn.info/revue-politix-2006-3-page-196.htm> [consultado a 23 de março de 2018]

RINN, M. (2008). *Émotions et Discours, L'usage des passions dans la langue*, Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

REBOUL, A. e MOESCHLER, J., (s/d). *Compréhension, pragmatique et Argumentation*, Disponível em:

<https://www.yumpu.com/fr/document/view/43560897/comprehension-pragmatique-et-argumentation-l2c2> [consultado a 23 de julho de 2018]

ROBRIEUX, J.-J. (2005). *Rhétorique et Argumentation*, Paris: Armand Colin.

RODRIGUES, D. (2003). *Cortesia Linguística uma competência discursiva-textual, (Formas verbais corteses e descorteses em Português)*, Dissertação de Doutorado em Linguística – Teoria do Texto apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SAFARTI, G.-E. (1997). *Éléments d'Analyse du Discours*, Paris: Éditions Nathan.

SCANNONE, J. C. S.I. (2018). A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento, *Cadernos Teologia Pública*, Ano XV, Vol. 15, N° 135, Brasil: Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/135cadernosteologiapublica.pdf> [consultado a 3 de dezembro de 2018]

SEARA, I. R. (2017). “Déixis sociale: contraintes et processus de figuration dans les environnements digitaux”, In. *La Déixis et son expression dans les langues romanes*, Organizado por CARREIRA, M.A. e TELETIN, A., Paris: Université Paris 8, Vincennes Saint Dennis.

SEARLE, J. R. (1979). *Expression and meaning, Studies in Theory of Speech Acts*, Cambridge: Cambridge University Press.

SEARLE, J., (1996). *Les actes de langage*, Paris: Hermann.

SILVA, J. M. (2006). *Pragmática na Didáctica do Português*, Guarda: Instituto Politécnico da Guarda.

SPERBER, D. e WILSON, D. (1995). *Relevância: comunicação e cognição*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

TOULMIN, S. (2003). *The Uses of Argument*, Updated Edition, Crambridge: Cambridge University Press.

VAN DIJK, T. (1996). *Estructuras y Funciones del Discurso, una introducción interdisciplinaria a la lingüística del texto y a los estudios del discurso*. Disponível em: <http://www.discursos.org/oldbooks/Teun%20A%20van%20Dijk%20-%20Las%20Estructuras%20y%20Funciones%20del%20Discurso.pdf> [consultado a 22 de maio de 2018]

ZANONE, D. (1996) *L'Autobiographie*, Paris: Ellipses.

Corpus Textual

YouTube, (2010, junho, 16), *Discurso de Manuel Forjaz*. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=GsfID_YGtKM [consultado a 17 de abril de 2017]

YouTube, (2015, junho, 9), *TEDxOporto 2015 - Homenagem a Manuel Forjaz #1 - António Forjaz*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=8ynZG0idJmk> [consultado a 17 de abril de 2017]

YouTube, (2008, março, 7), *Steve Jobs' 2005 Stanford Commencement Address [Arquivo de vídeo]* em <https://www.youtube.com/watch?v=45xrq0wpqv4&feature=youtu.be> [consultado a 17 de abril de 2017]

YouTube (2016, junho, 3), *First Lady Michelle Obama at City College of New York 2016 Commencement Ceremony*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=MgqAhn0a-tk> [consultado a 17 de abril de 2017]

DALAI LAMA, (1990). *The Dalai Lama a Policy of Kindness, An anthology of Writings by and about The Dalai Lama*, foreword by Senator Clairborne Pell, compilado e editado por Sidney Piburn, Ithaca, New York: Snow Lion Publications.

ANEXOS

Discursos Ignite / TedEX –

A - Discurso de Manuel Forjaz (O sentido da vida)

B - Discurso de António Forjaz (O sentido da vida)

A – Discurso de Manuel Forjaz

Observações: Este discurso foi proferido no 6º Ignite Portugal realizado a 16 de junho de 2010.

Estuda, filho. Tem boas notas, filho. (Eles vão passar ali uma data de slides, mas não liguem foi o Miguel que os fez.)

Tem boas notas, tem boas notas, filho, arranja um bom emprego, ganha dinheiro, compra coisas e acumula.

Sê promovido, sê reconhecido. Compra uma casa de 300 metros e um BMW.

Casa e tem filhos e aos 40 anos ganhamos 10 mil euros por mês, temos um apartamento de 300 metros quadrados e um BMW (série7) e os filhos a estudar no St Juliens.

Quem é que gosta do cenário?

A maior parte das pessoas, quando ganha um concurso de televisão, 9 em cada 10 responde à pergunta o que é que vai fazer com o prémio? Respondem: Vou viajar!

É curioso que nesta magnífica diversidade de seres humanos que constituem o planeta Terra devemos ter todos respostas diferentes e não temos. E não temos por aquilo que vos disse no início, porque estamos todos formatados a pensar de uma determinada maneira e a querer todos as mesmas coisas. E todos vocês não puseram a mão, mas gostaram muito daquele cenário. E raramente nós pensamos no sentido para a nossa vida. Temos muita dificuldade em querer, em definir as coisas que queremos e as coisas que nos fazem feliz. E todos nós deveríamos querer coisas diferentes.

E se pensarmos no caso de Belmiro de Azevedo, que seguramente tem um BMW e um apartamento de 300 metros quadrados, e se pensarem naquilo que o Belmiro de Azevedo ou para que é que o Belmiro de Azevedo quis 1,6 biliões de dólares, não foi para acumular, não foi para comprar um BMW, vendeu o BMW série 7 (avise-me quando faltar um minuto), vendeu o BMW série 7 há dois anos, um carro que tinha 30 000 Km e valia menos que um Fiat Punto, o Belmiro de Azevedo sabia exactamente para que é que queria

1,6 bilhões de dólares, para poder dizer o que quer, quando quer, sem medo de represálias por parte do Estado português.

E por isso ele pode dizer aos jornais “a principal atividade desportiva deste governo é roubar-nos em impostos”.

E todos vocês deveriam querer coisas diferentes. E todos vocês querem a mesma coisa e aos 40 anos o que acontece é: um dia olhamos, vivemos na dependência de vários mitos, e olhamos para a frente e encaramos mais 30 anos a viver da mesma maneira. E nunca pensamos nos custos desse sucesso. E há dois custos que acontecem a quase todas as pessoas que conseguem ter essas carreiras de sucesso: a primeira é um extraordinário e insensato cansaço e a segunda é falta de tempo.

E vocês hoje não darão muita importância ao tempo. Mas aos 40 anos, quando se ganha 10 mil euros por mês, ou quinze, ou vinte, ou vinte cinco mil, não se pode quarta-feira à tarde, quando está bom tempo, ir fazer surf, não se pode ter mais de 22 dias de férias, não se pode dar a volta ao mundo com os filhos.

Eu tive a sorte de ter uma epifania. Aos 40 anos, mais ou menos aos 40 anos, um dia o meu filho foi ter comigo e disse “ó Pai ajuda-me a fazer os deveres”. E eu disse “não, o Pai está cansado e o Pai não tem tempo (avise-me quando faltar um minuto, Miguel, não se esqueça). E ele saiu e eu olhei para ele e disse “isto não faz sentido”.

Eu não tinha tempo. Eu tinha tudo aquilo que queria, aquilo que a maior parte de vocês gostaria de ter, mas eu não era dono do meu tempo.

E portanto, o primeiro passo para entendermos o que é o sentido da vida é sermos honestos connosco próprios e percebermos aquilo que nos faz feliz. E todos vocês têm muita dificuldade em pegar numa caneta e escrever, e escrever as coisas que nos fazem felizes. Só depois disso é que vale a pena pensar no objetivo.

A felicidade, no meu caso, dependia da liberdade do uso do meu tempo. E mudei de vida então, lancei um conjunto de empresas e foi tudo à falência até hoje constituí um conjunto de negócios que me permite fazer mais ou menos o que quero.

E tudo isso aconteceu, porque tive a sorte de poder escolher um conjunto de alternativas.

A felicidade vem da liberdade e a liberdade vem de termos alternativas.

E a maior parte de vocês pensa que não têm alternativas, porque estão dependentes de coisas que muito importantes, como os filhos estarem numa escola privada, sacrificando aquilo que é importante, que é o tempo que vocês passam com eles.

E a maior parte de vocês pensa que guiar um BMW série 7 é uma coisa muito importante, como se guiar um Smart, ou andar de mota, ou andar a pé na cidade de Lisboa não fosse igualmente fantástico. E a maior parte de vocês liga a coisas como marcas e férias na neve e esquecem-se daquilo que é importante, que é vocês serem donos do vosso tempo e da vossa liberdade.

Não há felicidade sem liberdade, não há liberdade sem alternativas e, finalmente, só conseguimos construir as nossas próprias alternativas se nunca pararmos de aprender.

Eu tive uma segunda epifania recentemente, que foi há um mês atrás foi-me diagnosticado um cancro. E até então a mensagem era sempre também eu próprio estava vitimizado por uma mesma maneira de pensar, que é “deixa de trabalhar por conta de outro e lança o teu próprio negócio”.

Jorge Salavisa, que não sei se está por aí, tinha quatro anos de multinacional, ganhava 5 mil euros por mês, e não queria aquela vida, não queria repetir os seus quotidianos (tenho que acabar). Saiu da “Procter and Gamble”, foi para uma escola de mergulho em Montego Bay e agora vai para o México e daqui a três anos vai estar à frente da presidência de uma grande agência de publicidade em Nova Iorque.

Um exemplo de liberdade e como é possível mesmo, quando querendo, e construindo alternativas, nós sermos donos do nosso futuro e do nosso tempo.

É só isso...e já agora, eu em princípio vou vencer o cancro e, portanto, estarei cá por muito tempo.

Obrigado.

B - Discurso de António Forjaz

<p>Observações: Este discurso foi proferido numa conferência TedEX, em 2015.</p>

Percebe primeiro o que não gostas, o que não te faz feliz. Depois tenta perceber o que é que te faz feliz, quais são as coisas que fazes no teu dia a dia que te tornam uma pessoa feliz ou que te podem tornar uma pessoa feliz. Faz um plano! Como é que podes fazer para que essas coisas que te fazem feliz possam estar presentes no teu dia a dia. Tem muita perseverança. Leva-o até ao fim. Não deixes que ninguém te diga que não o podes fazer.

E *voilà*, não sei se repararam aquilo que eu acabei de fazer - não vejo, vejo que muita gente não escreveu, mas eu acabei de vos dar a fórmula mágica para descobrir o sentido da vida.

Vejo que ninguém escreveu, eu provavelmente também não escreveria. Porquê? Porque todos nós sabemos que é bem mais complicado do que isso.

Eu hoje não estou aqui para vos ensinar nada, não vou referenciar autores conhecidos, não vou apresentar-vos os últimos resultados de MIT, Harvard ou Cambridge. Eu hoje estou só aqui, porque quero partilhar uma coisa com vocês. Estou aqui, porque quero o partilhar uma experiência, uma ideia, mas acima de tudo eu hoje estou aqui, porque quero fazer uma homenagem a um grande homem.

O meu nome é António e faz agora um pouquinho mais de um ano que o meu pai, Manuel Forjaz, morreu.

O Pedro o Norberto e a equipa deles convidaram-me para prestar uma homenagem ao meu pai e eu confesso que fiquei um bocadinho em pânico, porque acho que é muito difícil, *sum up*, resumir a vida deste homem em um bocadinho menos ou mais de 10 minutos. Mas bom eu vou tentar.

E para começar, acho que faz sentido tentar adotar seu estilo, porque acho que ele era uma pessoa com estilo próprio. Eu não tanto, porque, obviamente, *tou* a imitá-lo. E, portanto, *tou* de preto e sem slides. Não vou usar slides. Quero só deixar esta fotografia aqui, porque quero que todos nós possamos sentir a sua presença e quero que eu possa sentir a sua pressão, porque ele falava tão bem que se eu sentir um bocadinho daquela pressão se calhar não sai assim tão mal.

Todos nós sabemos que ele tinha muitas opiniões e opinava sobre tudo. Algumas coisas que ele dizia eram absurdas - uma pessoa perguntava como é que uma pessoa no seu juízo diria uma coisa dessas. E outras eram inspiradoras. Outras provavelmente eram uma mistura dos dois.

Lembro-me que uma das coisas que ele falava mais nas conferências e que tem tudo a ver com o tema do TED deste ano⁷⁴ era o sentido da vida. E eu nunca percebia o que era o sentido da vida, para mim era uma coisa demasiado abstrata. E acho que é oportuno hoje dar-vos um aspeto ou uma coisa que provavelmente poucos de vocês conhecem, mas é

⁷⁴ O tema da edição TedEX Porto, em 2015, foi “The Main Thing”. Cada orador deveria partilhar a sua reflexão sobre o mais importante da sua vida.

aquilo que eu, e o meu irmão também, acreditamos que é os três ensinamentos principais que ele nos passou a nós para tentarmos nos próprios perceber o nosso próprio sentido da vida. Vou passar já a explicar quais são, até porque não temos muito tempo.

O primeiro é equilíbrio - equilíbrio no sentido em que temos de fazer um bocadinho de tudo, mas nunca podemos exagerar.

Podemos beber muito, podemos comer muito, não, não, desculpem, não podemos comer muito, não podemos beber muito não podemos trabalhar de mais, estudar de mais, porque isso acaba por ser perigoso. Vejam *Social media*, redes sociais, quantos de vocês hoje aqui é que pagaram para *tar* aqui e vão acabar por passar 5, 10% do vosso tempo a olhar para os vossos telefones, a olhar para o *feed* do *Facebook* e encontrar umas fotografias de uns gatos aos saltos— de uns gatos, desculpem, sou emigrante.

Quando é que isso se torna perigoso? *Pa* mim, é quando eu estou sentado numa mesa e *tou* com cinco pessoas à minha volta, e as cinco pessoas estão naquele pequeno mundo do telefone e ninguém interage durante para aí trinta minutos. E equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio era o que o meu pai mais nos dizia em termos, todos os dias mesmo quando não era necessário. Acabávamos de acordar e era “equilíbrio” - Ahh?

O segundo ponto, e é uma coisa que traduzi para inglês, porque faz mais sentido explicá-lo em inglês, é *Cause and effect* - a ideia que todas as nossas ações têm consequências.

Confesso que acho um bocadinho absurdo estar num TED e ter de vos dizer a vocês que as vossas ações têm consequências, mas a verdade é que nós, e sobretudo nós portugueses, muitas vezes, não tomamos responsabilidades pelas nossas ações.

O meu pai sempre nos tentou explicar que se nós formos conscientes, dos, das possíveis consequências de uma ação poderemos fazer melhores escolhas e sempre nos deu a liberdade. Eu lembro-me, por exemplo, eu queria ser jogador de futebol, ainda quero, tou um poucadinho velho, mas adoro futebol e cheguei ao meu pai e à minha mãe e disse: “Pai, mãe, eu quero ser jogador de futebol.” E na altura ainda jogava a sério. A minha mãe disse-me logo que não. Ela é quem manda, portanto, ponto final. Mas, eu com um bocadinho, uma réstia de esperança virei-me para o meu pai: “Pai, eu quero mesmo ser jogador de futebol. E ele disse: “Filho, por mim tu até podes ser empregado do Macdonald, a única coisa que eu tou aqui para te fazer, para fazer, é dizer-te a ti quais podem ser as consequências de tomares essa decisão.

Isso ajudou-me imenso e acho que é a educação que um dia gostava de dar aos meus filhos, porque me permitiu duas coisas: ser totalmente independente na forma como traço a minha vida, mas ao mesmo tempo ser totalmente responsável por ela.

O terceiro ponto e talvez aquele com que vocês mais se identificam com o meu pai é a curiosidade. Aquela vontade de querer sempre saber mais, de querer saber um bocadinho de tudo, aquela ideia é que no dia em que achamos que sabemos o suficiente é o dia em que deixamos, é o dia em que não estamos a perceber nada. É o dia em que podemos deixar de aprender podemos desistir, porque aí atingimos uma barreira. E isso não vos vai permitir, aliás, tentar depois perceber um bocadinho melhor a vida.

Apesar disto tudo, eu acho que, para quem o conhecia bem, ele tinha uma coisa que era ainda mais fascinante e era aquilo que o tornou tão impactante. Aquilo que fez com que ele fosse uma pessoa de pessoas que era mais do que a curiosidade intelectual ele tinha uma tremenda curiosidade social. Deixem-me explicar: uma curiosidade social no sentido em que ele acreditava realmente que o trabalhador ou o tipo com o *IQ* mais baixo do mundo tinha tanto para lhe ensinar como o Steven Hawking e ele falava com as pessoas com o interesse genuíno em querer aprender com qualquer pessoa.

Há um ano e acho que isso, isso era realmente aquilo que para ele era o sentido da vida era isto, era isto e por isso é que ele trouxe o *TED* para Portugal. Ele acreditava que nós dependemos disso, dependemos uns dos outros dependemos da partilha e dependemos de aprender todos uns com os outros todos os dias. Há um bocadinho mais do que um ano também e figurativamente ele tava neste palco, estava fraco tava já muito doente, já muito doente e foi capaz de pôr toda a gente de pé e pedir a toda a gente que se abraçasse e que dissesse que gostava muito uns dos outros. Lembro-me perfeitamente até, porque foi a última vez que o ouvi falar...em público.

Eu hoje queria vos propor uma coisa um bocadinho mais *suited* à minha geração e queria pedir a todos, neste momento, que pegassem nos vossos telefones ou *tablets* ou *smartphones* e tirassem uma *selfie*. Eu vou tirar uma *selfie* também... Pronto... tirem uma *selfie* e o que queria que vocês fizessem é que depois deste painel, durante o *break*, postassem a *selfie* que acabaram de tirar, e postassem nas redes, no *Facebook*, no *Instagram*, no *Twitter*, onde vocês quiserem. Quando postarem esta fotografia, escrevam alguma coisa sobre vocês. Alguma coisa pode ser uma palavra pode ser uma frase e isto é para todos, para vocês também, para o *staff* também, é para toda a gente que está na

sala. Escrevam uma coisa sobre vocês, uma palavra, um som, uma frase, uma história inteira, mas escrevam alguma coisa que ou nunca tenham contado a ninguém que achem que seja interessante sobre vocês. No fim, adicionem o *Hashtag Finding meaning at TedEx Oporto*.

A ideia por trás deste é que, tal como o meu pai, eu acredito que cada pessoa podia ser “*tedspeaker*”. Cada pessoa tem a sua própria história fascinante e acho que hoje podemos de certa forma fazer história e tornar toda a audiência *speaker*, de certa forma.

Conexão, conexões, conexões reais. Isso sempre foi, é, e sempre será aquilo que nos move para a frente.

Para mim, se há alguma coisa que eu percebi sobre o sentido da vida, é que não é uma coisa, não é um destino, não é uma coisa que nós estamos à espera de entender, daqui a uma semana e vamos ter uma epifania e “Oh percebi!” Não. O sentido da vida é uma coisa que se constrói todos os dias e sobretudo o sentido da vida é uma coisa que se constrói todos os dias com as pessoas que mais gostamos.

Hoje estamos aqui e estamos a celebrar a diversidade cultural, intelectual, estamos a celebrar a troca, estamos a celebrar esta fome pelo saber pelo aprender e para que eu percebesse isto tudo, eu precisei do meu pai e acho que por isso, e por tudo o que ele fez acho que estamos a celebrar o Manuel Forjaz.

Obrigada pai, obrigada a todos.

Discursos de formatura

C – Discurso de Steve Jobs (Stanford, 2005)

D – Discurso de Michelle Obama (First Lady Michelle Obama at City College of New York 2016 Commencement Ceremony)

C - Discurso de Steve Jobs

<p>Observações: Discurso proferido na Universidade de Standford, a 12 de junho de 2005, numa cerimónia de formatura.</p>

I am honored to be with you today for your commencement from one of the finest universities in the world. I never graduated from college. Truth be told, this is the closest

I've ever gotten to a college graduation. Today I want to tell you three stories from my life. That's it. No big deal. Just three stories.

The first story is about connecting the dots.

I dropped out of Reed College after the first 6 months, but then stayed around as a drop-in for another 18 months or so before I really quit. So why did I drop out?

It started before I was born. My biological mother was a young, unwed graduate student, and she decided to put me up for adoption. She felt very strongly that I should be adopted by college graduates, so everything was all set for me to be adopted at birth by a lawyer and his wife. Except that when I popped out they decided at the last minute that they really wanted a girl. So my parents, who were on a waiting list, got a call in the middle of the night asking: "We have an unexpected baby boy; do you want him?" They said: "Of course." My biological mother later found out that my mother had never graduated from college and that my father had never graduated from high school. She refused to sign the final adoption papers. She only relented a few months later when my parents promised that I would go to college.

And 17 years later I did go to college. But I naively chose a college that was almost as expensive as Stanford, and all of my working-class parents' savings were being spent on my college tuition. After six months, I couldn't see the value in it. I had no idea what I wanted to do with my life and no idea how college was going to help me figure it out. And here I was spending all of the money my parents had saved their entire life. So I decided to drop out and trust that it would all work out ok. It was pretty scary at the time, but looking back it was one of the best decisions I ever made. The minute I dropped out I could stop taking the required classes that didn't interest me, and begin dropping in on the ones that looked far more interesting.

It wasn't all romantic. I didn't have a dorm room, so I slept on the floor in friends' rooms, I returned Coke bottles for the 5¢ deposits to buy food with, and I would walk the 7 miles across town every Sunday night to get one good meal a week at the Hare Krishna temple. I loved it. And much of what I stumbled into by following my curiosity and intuition turned out to be priceless later on. Let me give you one example:

Reed College at that time offered perhaps the best calligraphy instruction in the country. Throughout the campus every poster, every label on every drawer, was beautifully hand calligraphed. Because I had dropped out and didn't have to take the normal classes, I

decided to take a calligraphy class to learn how to do this. I learned about serif and sans serif typefaces, about varying the amount of space between different letter combinations, about what makes great typography great. It was beautiful, historical, artistically subtle in a way that science can't capture, and I found it fascinating.

None of this had even a hope of any practical application in my life. But 10 years later, when we were designing the first Macintosh computer, it all came back to me. And we designed it all into the Mac. It was the first computer with beautiful typography. If I had never dropped in on that single course in college, the Mac would have never had multiple typefaces or proportionally spaced fonts. And since Windows just copied the Mac, it's likely that no personal computer would have them. If I had never dropped out, I would have never dropped in on this calligraphy class, and personal computers might not have the wonderful typography that they do. Of course it was impossible to connect the dots looking forward when I was in college. But it was very, very clear looking backward 10 years later.

Again, you can't connect the dots looking forward; you can only connect them looking backward. So you have to trust that the dots will somehow connect in your future. You have to trust in something — your gut, destiny, life, karma, whatever. Because believing that the dots will connect down the road will give you the confidence to follow your heart even when it leads you off the well-worn path and that will make all the difference.

My second story is about love and loss.

I was lucky — I found what I loved to do early in life. Woz and I started Apple in my parents' garage when I was 20. We worked hard, and in 10 years Apple had grown from just the two of us in a garage into a \$2 billion company with over 4,000 employees. We had just released our finest creation — the Macintosh — a year earlier, and I had just turned 30. And then I got fired. How can you get fired from a company you started? Well, as Apple grew we hired someone who I thought was very talented to run the company with me, and for the first year or so things went well. But then our visions of the future began to diverge and eventually we had a falling out. When we did, our Board of Directors sided with him. So at 30 I was out. And very publicly out. What had been the focus of my entire adult life was gone, and it was devastating.

I really didn't know what to do for a few months. I felt that I had let the previous generation of entrepreneurs down — that I had dropped the baton as it was being passed

to me. I met with David Packard and Bob Noyce and tried to apologize for screwing up so badly. I was a very public failure, and I even thought about running away from the valley. But something slowly began to dawn on me — I still loved what I did. The turn of events at Apple had not changed that one bit. I had been rejected, but I was still in love. And so I decided to start over.

I didn't see it then, but it turned out that getting fired from Apple was the best thing that could have ever happened to me. The heaviness of being successful was replaced by the lightness of being a beginner again, less sure about everything. It freed me to enter one of the most creative periods of my life.

During the next five years, I started a company named NeXT, another company named Pixar, and fell in love with an amazing woman who would become my wife. Pixar went on to create the world's first computer animated feature film, Toy Story, and is now the most successful animation studio in the world. In a remarkable turn of events, Apple bought NeXT, I returned to Apple, and the technology we developed at NeXT is at the heart of Apple's current renaissance. And Laurene and I have a wonderful family together.

I'm pretty sure none of this would have happened if I hadn't been fired from Apple. It was awful tasting medicine, but I guess the patient needed it. Sometimes life hits you in the head with a brick. Don't lose faith. I'm convinced that the only thing that kept me going was that I loved what I did. You've got to find what you love. And that is as true for your work as it is for your lovers. Your work is going to fill a large part of your life, and the only way to be truly satisfied is to do what you believe is great work. And the only way to do great work is to love what you do. If you haven't found it yet, keep looking. Don't settle. As with all matters of the heart, you'll know when you find it. And, like any great relationship, it just gets better and better as the years roll on. So keep looking. Don't settle.

My third story is about death.

When I was 17, I read a quote that went something like: "If you live each day as if it was your last, someday you'll most certainly be right." It made an impression on me, and since then, for the past 33 years, I have looked in the mirror every morning and asked myself: "If today were the last day of my life, would I want to do what I am about to do today?"

And whenever the answer has been “No” for too many days in a row, I know I need to change something.

Remembering that I’ll be dead soon is the most important tool I’ve ever encountered to help me make the big choices in life. Because almost everything — all external expectations, all pride, all fear of embarrassment or failure — these things just fall away in the face of death, leaving only what is truly important. Remembering that you are going to die is the best way I know to avoid the trap of thinking you have something to lose. You are already naked. There is no reason not to follow your heart.

About a year ago I was diagnosed with cancer. I had a scan at 7:30 in the morning, and it clearly showed a tumor on my pancreas. I didn’t even know what a pancreas was. The doctors told me this was almost certainly a type of cancer that is incurable, and that I should expect to live no longer than three to six months. My doctor advised me to go home and get my affairs in order, which is doctor’s code for prepare to die. It means to try to tell your kids everything you thought you’d have the next 10 years to tell them in just a few months. It means to make sure everything is buttoned up so that it will be as easy as possible for your family. It means to say your goodbyes.

I lived with that diagnosis all day. Later that evening I had a biopsy, where they stuck an endoscope down my throat, through my stomach and into my intestines, put a needle into my pancreas and got a few cells from the tumor. I was sedated, but my wife, who was there, told me that when they viewed the cells under a microscope the doctors started crying because it turned out to be a very rare form of pancreatic cancer that is curable with surgery. I had the surgery and I’m fine now.

This was the closest I’ve been to facing death, and I hope it’s the closest I get for a few more decades. Having lived through it, I can now say this to you with a bit more certainty than when death was a useful but purely intellectual concept:

No one wants to die. Even people who want to go to heaven don’t want to die to get there. And yet death is the destination we all share. No one has ever escaped it. And that is as it should be, because Death is very likely the single best invention of Life. It is Life’s change agent. It clears out the old to make way for the new. Right now the new is you, but someday not too long from now, you will gradually become the old and be cleared away. Sorry to be so dramatic, but it is quite true.

Your time is limited, so don't waste it living someone else's life. Don't be trapped by dogma — which is living with the results of other people's thinking. Don't let the noise of others' opinions drown out your own inner voice. And most important, have the courage to follow your heart and intuition. They somehow already know what you truly want to become. Everything else is secondary.

When I was young, there was an amazing publication called The Whole Earth Catalog, which was one of the bibles of my generation. It was created by a fellow named Stewart Brand not far from here in Menlo Park, and he brought it to life with his poetic touch. This was in the late 1960s, before personal computers and desktop publishing, so it was all made with typewriters, scissors and Polaroid cameras. It was sort of like Google in paperback form, 35 years before Google came along: It was idealistic and overflowing with neat tools and great notions.

Stewart and his team put out several issues of the Whole Earth Catalog, and then when it had run its course, they put out a final issue. It was the mid-1970s, and I was your age. On the back cover of their final issue was a photograph of an early morning country road, the kind you might find yourself hitchhiking on if you were so adventurous. Beneath it were the words: "Stay Hungry. Stay Foolish." It was their farewell message as they signed off. Stay Hungry. Stay Foolish. And I have always wished that for myself. And now, as you graduate to begin anew, I wish that for you.

Stay Hungry. Stay Foolish.

Thank you all very much.

Tradução⁷⁵

Sinto-me honrado por estar aqui convosco, na vossa formatura, numa das melhores universidades do mundo. Para ser franco, eu nunca concluí a faculdade. Isto é o mais perto que estive de uma formatura. Hoje, quero contar-vos três histórias sobre a minha vida. Só isso. Nada mais. Apenas três histórias.

A primeira é sobre ligar os pontos.

⁷⁵ Tradução nossa.

Eu abandonei o Reed College logo após os primeiros seis meses, mas continuei a assistir a algumas aulas por, aproximadamente, mais 18 meses, antes de desistir de vez. Então, por que é que eu desisti?

Tudo começou antes de eu nascer. A minha mãe biológica era jovem estudante, solteira, e decidiu dar-me para adoção. Ela sentia firmemente que eu deveria ser adotado por pessoas com educação superior, e por isso, quando nasci, as coisas estavam todas preparadas de forma a que eu fosse adotado por um advogado e pela sua mulher. Só que quando eu “apareci”, eles decidiram, no último minuto, que queriam mesmo uma menina. Assim, os meus pais, que estavam em lista de espera, receberam um telefonema em plena madrugada "Temos um menino inesperado aqui; vocês querem-no?" Os dois responderam "claro!". A minha mãe biológica descobriu mais tarde que minha mãe adotiva não tinha diploma universitário e que meu pai nem sequer tinha o ensino secundário. Por isso, recusou-se a assinar o documento final da adoção durante alguns meses, e só mudou de ideias, quando os meus pais prometeram que eu faria um curso superior.

Assim, dezassete anos mais tarde, foi o que fiz. Mas, ingenuamente, escolhi uma faculdade quase tão cara como Stanford, e por isso todas as economias dos meus pais, que não eram ricos, foram gastas para pagar os meus estudos. Passados seis meses, eu não conseguia ver o valor em nada daquilo. Não sabia o que queria fazer da minha vida e não entendia como é que uma faculdade poderia ajudar-me a descobri-lo. E lá estava eu, gastando todo o dinheiro que os meus pais tinham poupado durante toda a sua vida. Por isso decidi desistir, confiando em que tudo iria correr bem. Admito que fiquei assustado naquela altura, mas, olhando para trás, foi uma das melhores decisões que tomei. No minuto em que desisti, pude deixar de assistir às aulas que não me interessavam e só assistir às que me pareciam interessantes.

Nem tudo era romântico. Eu não tinha um quarto no dormitório, então dormia no chão dos quartos dos colegas; vendia garrafas vazias de Coca-cola para conseguir dinheiro; e caminhava onze quilómetros na cidade, todos os domingos à noite, para conseguir uma boa refeição no templo Hare Krishna. Eu adorava minha vida! E boa parte daquilo em que tropecei ao seguir a minha curiosidade e intuição, provou ser valioso mais tarde. Vou dar-vos um exemplo.

Na época, o Reed College oferecia, talvez, o melhor curso de caligrafia do país. Todos os cartazes e etiquetas do campus eram escritos em letra belíssima. Porque tinha desistido e não tinha de assistir às aulas normais, decidi aprender caligrafia. Aprendi sobre tipos serifados e não serifados, sobre as variações no espaço entre diferentes combinações de letras, sobre as características que definem a qualidade de uma tipografia. Era belo, histórico e subtilmente artístico, numa maneira inacessível à ciência e achei aquilo fascinante.

Não havia em nada disto a esperança de aplicação prática na minha vida. No entanto, dez anos mais tarde, quando estávamos a projetar o primeiro computador *Macintosh*, lembrei-me de tudo aquilo. E projetámo-lo no *Mac*. Foi o primeiro computador com uma bela tipografia. Se eu não tivesse assistido àquele aquele curso, o *Mac* não teria múltiplos tamanhos e fontes. E, porque o Windows copiou o Mac, talvez nenhum computador viesse a tê-los. Se eu nunca tivesse desistido, nunca teria feito este curso de caligrafia, e os computadores pessoais talvez não tivessem a fantástica tipografia que têm. É claro que era impossível ligar os pontos, olhando para a frente, quando estava na faculdade. Mas tornou-se muito mais claro, olhando para trás dez anos depois.

Repito: não se pode ligar os pontos olhando para a frente. Só os podemos ligar, olhando para trás. Por isso, é temos de acreditar que os pontos estarão de alguma forma ligados, no futuro. É preciso confiar em algo – no seu instinto, no destino, na vida, no karma, em qualquer coisa. Porque acreditar que os pontos vão conectar-se na estrada dar-vos-á confiança para seguir o vosso coração, mesmo quando isso vos levar para longe do caminho já gasto e isso fará toda a diferença.

A segunda história é sobre amor e perda.

Tive sorte. Descobri o que gostaria de fazer bem cedo na vida. Woz e eu criamos a *Apple* na garagem dos meus pais, quando eu tinha 20 anos. Trabalhávamos muito, e, em dez anos, a empresa tinha crescido de apenas duas pessoas numa garagem para uma empresa de 2 biliões com mais de quatro mil empregados. Tínhamos acabado de lançar a nossa melhor criação - o *Macintosh* - um ano antes, e eu mal completara 30 anos. Foi então que fui despedido. Como é que alguém pode ser despedido da empresa que criou? Bem, à medida que a empresa cresceu, contratamos alguém que pensava ser muito talentoso para dirigir a *Apple* comigo, e durante um ano as coisas correram bem. Mas, entretanto, as nossas visões sobre o futuro começaram a divergir, e acabámos por nos separar - mas a

direção ficou com ele. Por isso, aos 30 anos, eu estava desempregado. E de modo muito público. O que fora o foco de toda a minha vida adulta tinha desaparecido, e foi devastador.

Durante alguns meses, eu não sabia, realmente, o que fazer. Sentia que tinha desapontado a geração anterior de empresários, como se tivesse largado o bastão que me tinha sido passado. Encontrei-me com David Packard e Rob Noyce e tentei desculpar-me por ter estragado tudo. Foi um fracasso muito público, e pensei até em sair de Valley⁷⁶. Mas devagar qualquer coisa começou a nascer em mim – eu ainda amava o que fazia. O que tinha na *Apple*, não mudara esse amor. Eu tinha sido rejeitado, mas eu ainda estava apaixonado. Então eu decidi recomeçar.

Não percebi, na época, mas ser demitido da *Apple* acabou por ser a melhor coisa que me poderia ter acontecido. O peso do sucesso foi substituído pela leveza do recomeço – menos seguro de tudo. Isso libertou-me para iniciar um dos mais criativos períodos de minha vida.

Nos cinco anos seguintes, criei uma empresa denominada de *NeXT* e outra chamada de *Pixar*, e apaixonei-me por uma pessoa maravilhosa, que se tornou na minha mulher. A *Pixar* criou o primeiro filme animado por computador, *Toy Story*, e é hoje o estúdio de animação mais bem-sucedido do mundo. E, numa fantástica reviravolta de acontecimentos, a *Apple* comprou a *NeXT*, eu voltei à empresa e a tecnologia desenvolvida na *NeXT* está no centro do atual renascimento da *Apple*. E a Laurene e eu temos uma família maravilhosa.

Estou certo de que nada disso teria acontecido se eu não tivesse sido despedido da *Apple*. O sabor do medicamento era amargo, mas creio que o paciente precisava dele. Às vezes a vida atinge-nos com um tijolo. Não se deixem abalar. Estou convencido de o que me manteve ativo foi o facto de eu amar o que fazia. É preciso encontrar aquilo que se ama - e isso aplica-se tanto ao trabalho como à vida afetiva. O vosso trabalho vai preencher uma larga parte da vossa vida, e a única maneira de sentir verdadeira satisfação é fazer aquilo que se acredita ser um fantástico trabalho. E a única maneira de fazer um trabalho fantástico é amar o que se faz. Caso ainda não o tenham encontrado, continuem a procurar. Não se acomodem. Como é comum nos assuntos do coração, quando o

⁷⁶ Valley – referência a Silicon Valley, local situado na Califórnia onde se encontram inúmeras empresas ligadas à alta tecnologia.

encontrarem, saberão. Tudo vai melhorar com o passar do tempo. Por isso, continuem a procurar. Não se acomodem.

A minha terceira história é sobre a morte.

Quando tinha dezassete anos, li uma citação que dizia algo como "se você viver cada dia como se fosse o último, um dia terá certamente razão". Isso impressionou-me, e nos últimos 33 anos, tenho-me olhado sempre ao espelho, pela manhã, e pergunto-me: se hoje fosse o último dia de minha vida, eu desejaria mesmo estar a fazer o que faço? E quando a resposta foi "não" por muitos dias, eu sei que preciso de mudar alguma coisa.

Lembrar-me de que em breve estarei morto é a melhor ferramenta que encontrei para me ajudar a fazer as grandes escolhas da vida. Porque quase tudo – todas as expectativas externas, todo o orgulho, todo o medo do embaraço ou do fracasso – todas estas coisas simplesmente desaparecem diante da morte, deixando só aquilo que é verdadeiramente importante. Lembrarmo-nos de que vamos morrer é a melhor maneira que conheço de evitar a armadilha de pensar que temos algo a perder. Já estamos despidos. Não há motivo para não fazer o que dita o coração.

Há cerca de um ano, um exame revelou que eu tinha cancro. Fiz uma ressonância às 7 e 30 da manhã, que mostrou claramente um tumor no meu pâncreas - e eu nem sabia o que era um pâncreas. Os médicos disseram-me que era uma forma de cancro quase certamente incurável, e que minha expectativa de vida era de três a seis meses. O médico aconselhou-me a ir para casa e a organizar meus negócios, o que é o código médico para "prepare-se, você vai morrer". Isso significa tentar dizer aos seus filhos, em alguns meses, tudo que imaginava que teria anos para lhes ensinar. Significa garantir que tudo esteja organizado para que seja o mais fácil possível para a sua família. Significa despedir-se.

Vivi aquele diagnóstico todo o dia. Na mesma noite, fiz uma biópsia meteram um endoscópio pela minha garganta até ao meu estômago e pelos intestinos, puseram uma agulha no meu pâncreas e tiraram algumas células do tumor. Eu estava anestesiado, mas minha mulher, que estava lá, contou que, quando os médicos viram as células ao microscópio começaram a chorar, porque se tratava de uma forma muito rara de cancro pancreático, tratável por cirurgia. Fiz a cirurgia, e agora estou bem.

Nunca havia chegado tão perto da morte, e espero que mais algumas décadas passem sem que a situação se repita. Tendo vivido a situação, posso-vos agora dizer o seguinte, com

um pouco mais de certeza, do que quando a morte era um conceito útil mas puramente intelectual:

Ninguém quer morrer. Mesmo as pessoas que desejam ir para o céu, não querem morrer para lá chegar. E, no entanto, a morte é o destino que todos partilhamos. Ninguém conseguiu escapar-lhe. E é certo que seja assim, porque a morte talvez seja a maior invenção da vida. É o agente de mudanças da vida. Remove o velho e abre caminho para o novo. Hoje, vocês são o novo, mas um dia não muito longe, vocês vão gradualmente tornar-se velhos e serão removidos. Desculpem ser tão dramático, mas é bem verdade.

O vosso tempo é limitado, por isso não o desperdicem, vivendo a vida de outra pessoa. Não se deixem aprisionar por dogmas - isso significa viver sob os ditames do pensamento dos outros. Não permitam que o ruído das opiniões dos outros supere a vossa própria voz interior. E, muito importante, tenham a coragem de seguir o vosso coração e as vossas intuições, porque eles, de alguma maneira, já sabem o que vocês realmente desejam tornar-se. Tudo o resto é secundário.

Quando eu era jovem, havia uma publicação maravilhosa chamada *The Whole Earth Catalog*, que era uma das bíblias de minha geração. Foi criada por um sujeito chamado Stewart Brand, não longe daqui, em Menlo Park, e ele deu-lhe a vida com o seu toque de poesia. Estávamos no final dos anos 60, antes dos computadores pessoais e das publicações eletrónicas, e por isso a produção era toda feita com máquinas de escrever, tesouras e câmaras Polaroids. Era como um Google em papel, 35 anos antes do Google – era um projeto idealista e repleto de ferramentas e noções magníficas.

Stewart e a sua equipa publicaram diversas edições do *The Whole Earth Catalog*, e quando a ideia esgotou as suas possibilidades, lançaram uma edição final. Estávamos a meio dos anos 70, e eu tinha a vossa idade. Na capa da edição final, havia uma foto de uma estrada rural numa manhã, um tipo de estrada em que ninguém gostaria de apanhar boleia. Por baixo da foto, estava escrito "Permaneçam famintos. Permaneçam tolos". Era a mensagem de despedida deles. Permaneçam famintos. Permaneçam tolos. Foi o que eu sempre desejei para mim mesmo. E é o que desejo a vocês na vossa formatura e no vosso novo começo.

Permaneçam famintos. Permaneçam tolos. Muito obrigado a todos.

D - Discurso de Michele Obama

Observações: Discurso proferido no City College de Nova Iorque, em 2016, numa cerimónia de formatura.

Let me just take it in. First of all, it is beyond a pleasure and an honor to be here to celebrate the City College of New York Class of 2016! You all, I mean, this has been the most fun I think I've had at a commencement ever. (Applause.)

Let me just say a few thank you. Let me start, of course, by thanking President Coico for that wonderful introduction, for her leadership here at City College, for this honorary degree.

I also want to recognize Senator Schumer, Chancellor Milliken, Trustee Shorter, Edward Plotkin, as well as your amazing valedictorian, Antonios Mourdoukoutas - did I get it right? (Applause.) And your amazing salutatorian, Orubba Almansouri. (Applause.) I really don't want to follow those two. (Laughter.) If anybody is wondering about the quality of education, just listening to those two speakers lets you know what's happening here. And I'm so proud of you both - and to your families, congratulations. Well done. Well done. (Applause.)

And of course, let us not forget Elizabeth Aklilu for her amazing performance of the National Anthem earlier today. She blew it out of the water. (Applause.)

But most of all, I want to acknowledge all of you -- the brilliant, talented, ambitious, accomplished, and all-around outstanding members of the class of 2016! Woo! (Applause.) You give me chills. You all have worked so hard and come so far to reach this milestone, so I know this is a big day for all of you and your families, and for everyone at this school who supported you on this journey.

And in many ways, this is a big day for me too. See, this is my very last commencement address as First Lady of the United States. This is it. (Applause.) So I just want to take it all in. And I think this was the perfect place to be, because this is my last chance to share my love and admiration, and hopefully a little bit of wisdom with a graduating class. And, graduates, I really want you all to know that there is a reason why, of all of the colleges and universities in this country, I chose this particular school in this particular city for this special moment. (Applause.) And I'm here because of all of you. I mean,

we've talked about it -- Antonios, I'm going to talk a little bit about diversity, thank you.
(Laughter.)

Just look around. Look at who you are. Look at where we're gathered today. As the President eloquently said, at this school, you represent more than 150 nationalities. You speak more than 100 different languages -- whoa, just stop there. You represent just about every possible background -- every color and culture, every faith and walk of life. And you've taken so many different paths to this moment.

Maybe your family has been in this city for generations, or maybe, like my family, they came to this country centuries ago in chains. Maybe they just arrived here recently, determined to give you a better life.

But, graduates, no matter where your journey started, you have all made it here today through the same combination of unyielding determination, sacrifice, and a whole lot of hard work -- commuting hours each day to class, some of you. Yes, amen. Juggling multiple jobs to support your families and pay your tuition. Studying late into the night, early in the morning; on subways and buses, and in those few precious minutes during breaks at work.

And somehow, you still found time to give back to your communities -- tutoring young people, reading to kids, volunteering at hospitals. Somehow, you still managed to do prestigious internships and research fellowships, and join all kinds of clubs and activities. And here at this nationally-ranked university, with a rigorous curriculum and renowned faculty, you rose to the challenge, distinguishing yourselves in your classes, winning countless honors and awards, and getting into top graduate schools across this country.

So, graduates, with your glorious diversity, with your remarkable accomplishments and your deep commitment to your communities, you all embody the very purpose of this school's founding. And, more importantly, you embody the very hopes and dreams carved into the base of that iconic statue not so far from where we sit -- on that island where so many of your predecessors at this school first set foot on our shores.

And that is why I wanted to be here today at City College. I wanted to be here to celebrate all of you, this school, this city. Because I know that there is no better way to celebrate this great country than being here with you.

See, all of you know, for centuries, this city has been the gateway to America for so many striving, hope-filled immigrants - folks who left behind everything they knew to seek out

this land of opportunity that they dreamed of. And so many of those folks, for them, this school was the gateway to actually realizing that opportunity in their lives, founded on the fundamental truth that talent and ambition know no distinctions of race, nationality, wealth, or fame, and dedicated to the ideals that our Founding Fathers put forth more than two centuries ago: That we are all created equal, all entitled to “life, liberty and the pursuit of happiness.” City College became a haven for brilliant, motivated students of every background, a place where they didn’t have to hide their last names or their accents, or put on any kind of airs because the students at this school were selected based not on pedigree, but on merit, and merit alone. (Applause.)

So really, it is no accident that this institution has produced 10 Nobel Prize winners along with countless captains of industry, cultural icons, leaders at the highest levels of government. Because talent and effort combined with our various backgrounds and life experiences has always been the lifeblood of our singular American genius.

Just take the example of the great American lyricist, Ira Gershwin, who attended City College a century ago. The son of a Russian-Jewish immigrant, his songs still light up Broadway today. Or consider the story of the former CEO of Intel, Andrew Grove, class of 1960. (Applause.) He was a Hungarian immigrant whose harrowing escape from Nazism and communism shaped both his talent for business and his commitment to philanthropy.

And just think about the students in this very graduating class — students like the economics and pre-law major from Albania, who also completed the requirements for a philosophy major and dreams of being a public intellectual. The educational theater student from right here in Harlem who’s already an award-winning playwright and recently spoke at the White House. The biomedical science major who was born in Afghanistan and plans to be a doctor, a policy maker and an educator. (Applause.) And your salutatorian, whose Yemeni roots inspired her to study Yemeni women’s writing and to advocate for girls in her community, urging them to find their own voices, to tell their own stories. I could go on.

These are just four of the nearly 4,000 unique and amazing stories in this graduating class – stories that have converged here at City College, this dynamic, inclusive place where you all have had the chance to really get to know each other, to listen to each other’s languages, to enjoy each other’s food - lasagna, obviously - (laughter) - music, and

holidays. Debating each other's ideas, pushing each other to question old assumptions and consider new perspectives.

And those interactions have been such a critical part of your education at this school. Those moments when your classmates showed you that your stubborn opinion wasn't all that well-informed -- mmm hmm. (Laughter.) Or when they opened your eyes to an injustice you never knew existed. Or when they helped you with a question that you couldn't have possibly answered on your own.

I think your valedictorian put it best - and this is a quote - he said, "The sole irreplaceable component of my CCNY experience came from learning alongside people with life experiences strikingly different from my own." He said, "I have learned that diversity in human experience gives rise to diversity in thought, which creates distinct ideas and methods of problem solving." That was an okay quote. (Laughter and applause.) Okay, you're bright. (Laughter.) I couldn't have said it better myself.

That is the power of our differences to make us smarter and more creative. And that is how all those infusions of new cultures and ideas, generation after generation, created the matchless alchemy of our melting pot and helped us build the strongest, most vibrant, most prosperous nation on the planet, right here. (Applause.)

But unfortunately, graduates, despite the lessons of our history and the truth of your experience here at City College, some folks out there today seem to have a very different perspective. They seem to view our diversity as a threat to be contained rather than as a resource to be tapped. They tell us to be afraid of those who are different, to be suspicious of those with whom we disagree. They act as if name-calling is an acceptable substitute for thoughtful debate, as if anger and intolerance should be our default state rather than the optimism and openness that have always been the engine of our progress.

But, graduates, I can tell you, as First Lady, I have had the privilege of traveling around the world and visiting dozens of different countries, and I have seen what happens when ideas like these take hold. I have seen how leaders who rule by intimidation – leaders who demonize and dehumanize entire groups of people – often do so because they have nothing else to offer. And I have seen how places that stifle the voices and dismiss the potential of their citizens are diminished; how they are less vital, less hopeful, less free. Graduates, that is not who we are. That is not what this country stands for. (Applause.) No, here in America, we don't let our differences tear us apart. Not here. Because we

know that our greatness comes when we appreciate each other's strengths, when we learn from each other, when we lean on each other. Because in this country, it's never been each person for themselves. No, we're all in this together. We always have been.

And here in America, we don't give in to our fears. We don't build up walls to keep people out because we know that our greatness has always depended on contributions from people who were born elsewhere but sought out this country and made it their home -- from innovations like Google and eBay to inventions like the artificial heart, the telephone, even the blue jeans; to beloved patriotic songs like "God Bless America," like national landmarks like the Brooklyn Bridge and, yes, the White House - both of which were designed by architects who were immigrants. (Applause.)

Finally, graduates, our greatness has never, ever come from sitting back and feeling entitled to what we have. It's never come from folks who climb the ladder of success, or who happen to be born near the top and then pull that ladder up after themselves. No, our greatness has always come from people who expect nothing and take nothing for granted - folks who work hard for what they have then reach back and help others after them.

That is your story, graduates, and that is the story of your families. (Applause.) And it's the story of my family, too. As many of you know, I grew up in a working class family in Chicago. And while neither of my parents went past high school, let me tell you, they saved up every penny that my dad earned at his city job because they were determined to send me to college.

And even after my father was diagnosed with Multiple Sclerosis and he struggled to walk, relying on crutches just to get himself out of bed each morning, my father hardly ever missed a day of work. See, that blue-collar job helped to pay the small portion of my college tuition that wasn't covered by loans or grants or my work-study or my summer jobs. And my dad was so proud to pay that tuition bill on time each month, even taking out loans when he fell short. See, he never wanted me to miss a registration deadline because his check was late. That's my story.

And, graduates, you all have faced challenges far greater than anything I or my family have ever experienced, challenges that most college students could never even imagine. Some of you have been homeless. Some of you have risked the rejection of your families to pursue your education. Many of you have lain awake at night wondering how on Earth

you were going to support your parents and your kids and still pay tuition. And many of you know what it's like to live not just month to month or day to day, but meal to meal. But, graduates, let me tell you, you should never, ever be embarrassed by those struggles. You should never view your challenges as a disadvantage. Instead, it's important for you to understand that your experience facing and overcoming adversity is actually one of your biggest advantages. And I know that because I've seen it myself, not just as a student working my way through school, but years later when I became -- before I came to the White House and I worked as a dean at a college.

In that role, I encountered students who had every advantage -- their parents paid their full tuition, they lived in beautiful campus dorms. They had every material possession a college kid could want -- cars, computers, spending money. But when some of them got their first bad grade, they just fell apart. They lost it, because they were ill-equipped to handle their first encounter with disappointment or falling short.

But, graduates, as you all know, life will put many obstacles in your path that are far worse than a bad grade. You'll have unreasonable bosses and difficult clients and patients. You'll experience illnesses and losses, crises and setbacks that will come out of nowhere and knock you off your feet. But unlike so many other young people, you have already developed the resilience and the maturity that you need to pick yourself up and dust yourself off and keep moving through the pain, keep moving forward. You have developed that muscle. (Applause.)

And with the education you've gotten at this fine school, and the experiences you've had in your lives, let me tell you, nothing - and I mean nothing -- is going to stop you from fulfilling your dreams. And you deserve every last one of the successes that I know you will have.

But I also want to be very clear that with those successes comes a set of obligations -- to share the lessons you've learned here at this school. The obligation to use the opportunities you've had to help others. That means raising your hand when you get a seat in that board meeting and asking the question, well, whose voices aren't being heard here? What ideas are we missing? It means adding your voice to our national conversation, speaking out for our most cherished values of liberty, opportunity, inclusion, and respect -- the values that you've been living here at this school.

It means reaching back to help young people who've been left out and left behind, helping them prepare for college, helping them pay for college, making sure that great public universities like this one have the funding and support that they need. (Applause.) Because we all know that public universities have always been one of the greatest drivers of our prosperity, lifting countless people into the middle class, creating jobs and wealth all across this nation.

Public education is our greatest pathway to opportunity in America. So we need to invest in and strengthen our public universities today, and for generations to come. (Applause.) That is how you will do your part to live up to the oath that you all will take here today – the oath taken by generations of graduates before you to make your city and your world “greater, better, and more beautiful.”

More than anything else, graduates, that is the American story. It's your story and the story of those who came before you at this school. It's the story of the son of Polish immigrants named Jonas Salk who toiled for years in a lab until he discovered a vaccine that saved countless lives. It's the story of the son of immigrant - Jamaican immigrants named Colin Powell who became a four star general, Secretary of State, and a role model for young people across the country.

And, graduates, it's the story that I witness every single day when I wake up in a house that was built by slaves, and I watch my daughters — two beautiful, black young women — head off to school - (applause) - waving goodbye to their father, the President of the United States, the son of a man from Kenya who came here to American - to America for the same reasons as many of you: To get an education and improve his prospects in life. So, graduates, while I think it's fair to say that our Founding Fathers never could have imagined this day, all of you are very much the fruits of their vision. Their legacy is very much your legacy and your inheritance. And don't let anybody tell you differently. You are the living, breathing proof that the American Dream endures in our time. It's you.

So I want you all to go out there. Be great. Build great lives for yourselves. Enjoy the liberties that you have in this great country. Pursue your own version of happiness. And please, please, always, always do your part to help others do the same.

I love you all. I am so proud of you. (Applause.) Thank you for allowing me to share this final commencement with you. I have so much faith in who you will be. Just keep working hard and keep the faith. I can't wait to see what you all achieve in the years ahead.

Thank you all. God bless. Good luck on the road ahead. (Applause.)

Tradução⁷⁷

Deixem-me apenas conduzir-vos. Em primeiro lugar, além de um prazer é uma honra estar aqui para celebrar a classe de 2016 do *City College of New York*⁷⁸! A vocês todos, quero dizer, isto tem sido o mais divertido, de sempre, numa cerimónia. (Aplausos)

Deixem-me apenas fazer alguns agradecimentos. Deixem-me começar, é claro, agradecendo ao Presidente Coico por essa maravilhosa introdução, pela sua liderança, aqui no City College, por esse título honorário.

Também quero reconhecer o senador Schumer, o chanceler Milliken, o curador Shorter, Edward Plotkin, bem como o vosso incrível orador, Antonios Mourdoukoutas - acertei? (Aplausos.) E o vosso incrível orador, Orubba Almansouri. (Aplausos) Eu realmente não quero discursar depois destes dois. (Risos) Se alguém se está a perguntar sobre a qualidade da educação, ouvir apenas estes dois oradores permite-vos perceber o que está a acontecer aqui. E estou muito orgulhosa de vocês dois e às vossas famílias, parabéns. Muito bem. Muito bem. (Aplausos)

E, claro, não nos esqueçamos de Elizabeth Aklilu pela sua performance incrível do Hino Nacional hoje bem cedo. Ela soprou sobre água.⁷⁹ (Aplausos)

Mas, acima de tudo, quero agradecer a todos vocês - os membros brilhantes, talentosos, ambiciosos, realizados e todos os membros bem-sucedidos da turma de 2016! Woo! (Aplausos) Vocês provocam-me calafrios. Vocês todos trabalharam muito e chegaram tão longe para alcançar este marco, por isso eu sei que este é um grande dia para todos vocês e para as vossas famílias, e para todos aqueles que, nesta escola, vos apoiaram nesta jornada.

E de muitas maneiras, este é um grande dia para mim também. Vejam, este é meu último discurso como Primeira-dama dos Estados Unidos. É isto. (Aplausos) Então, eu só quero absorver tudo. E acho que esse é o lugar perfeito para se estar, porque esta é minha última

⁷⁷ Tradução nossa.

⁷⁸ Esta universidade foi fundada em 1847, sendo reconhecida como umas das universidades de excelência dos Estados Unidos que se orgulha não só de ter formado dez vencedores do Nobel, como também de ter recebido e continuar a receber muitos filhos de imigrantes, muitos dos quais são os primeiros estudantes universitários da família.

⁷⁹ “She blew it out of the water” é uma expressão idiomática que significa impressionar verdadeiramente – “2. To thoroughly impress, overwhelm, or excite one.”, de acordo com o *Free Dictionary*, disponível em: <https://idioms.thefreedictionary.com/blew+them+out+of+the+water>

oportunidade de partilhar o meu amor e a minha admiração, e, espero, um pouco de sabedoria com uma turma finalista.

E, finalistas, eu quero realmente que todos saibam que há uma razão pela qual, de todas as faculdades e universidades deste país, eu escolhi esta escola em particular, nesta cidade em particular para este momento especial. (Aplausos.) E eu estou aqui por causa de todos vocês. Quer dizer, nós conversamos sobre isso - Antonios, vou falar um pouco sobre a diversidade, obrigada. (Riso.)

Basta olhar em redor. Olhem para quem vocês são. Vejam onde estamos reunidos hoje. Como o presidente disse, eloquentemente, nesta escola, vocês representam mais de 150 nacionalidades. Vocês falam mais de 100 idiomas diferentes - *whoa*, apenas pare por aí. Vocês representam praticamente todos os antecedentes possíveis - todas as cores e culturas, todas as crenças e estilos de vida. E vocês tomaram muitos caminhos diferentes para este momento.

Talvez a vossa família esteja nessa cidade há gerações, ou talvez, como a minha família, tenham vindo para este país há séculos, acorrentados. Talvez eles tenham acabado de chegar aqui recentemente, determinados a vos dar uma vida melhor.

Mas, finalistas, não importa onde a vossa jornada começou, todos vocês fizeram isso aqui, hoje, através da mesma combinação de determinação inabalável, sacrifício e muito trabalho árduo - horas de deslocação diárias para a aula, alguns de vocês. Sim, amém. Malabarismo com vários empregos para sustentarem as vossas famílias e pagarem as vossas mensalidades. Estudar até tarde da noite, de manhã cedo; no metro e autocarro, e naqueles poucos minutos preciosos durante as pausas no trabalho.

E, de alguma maneira, vocês ainda encontram tempo para retribuírem às vossas comunidades - orientando jovens, lendo para crianças, sendo voluntário em hospitais. De alguma forma, vocês ainda conseguiram fazer estágios de prestígio e bolsas de pesquisa e participar em todos os tipos de clubes e atividades. E aqui, nesta universidade de nível nacional, com um currículo rigoroso e um corpo docente de renome, vocês enfrentaram o desafio, destacando-se nas vossas aulas, conquistando inúmeras honras e prémios e entrando nas melhores escolas de pós-graduação de todo o país.

Então, finalistas, com a vossa gloriosa diversidade, com as vossas realizações notáveis e o vosso profundo compromisso com as vossas comunidades, todos vocês incorporam o propósito da fundação desta escola. E, mais importante, vocês incorporam as próprias

esperanças e sonhos esculpidos na base daquela estátua icónica, não tão longe daqui onde estamos sentados - naquela ilha⁸⁰ - onde tantos dos vossos antepassados desta escola puseram os pés nas nossas praias.

E é por isso que eu queria estar aqui hoje no City College. Eu queria estar aqui para celebrar todos vocês, esta escola, esta cidade. Porque eu sei que não há melhor maneira de celebrar este grande país do que estar aqui com vocês.

Reparem, todos vocês sabem, durante séculos, esta cidade tem sido a porta de entrada para a América de tantos imigrantes esforçados e cheios de esperança - pessoas que deixaram para trás tudo o que conheciam para procurar esta terra de oportunidades com que eles sonhavam. E muitas dessas pessoas, para eles, esta escola foi a porta de entrada para realmente perceber essa oportunidade nas suas vidas, fundada na verdade fundamental de que o talento e a ambição não conhecem distinções de raça, nacionalidade, riqueza ou fama, e dedicadas aos ideais que os nossos Pais Fundadores apresentaram há mais de dois séculos: que todos somos criados iguais, todos com direito à "vida, liberdade e à busca da felicidade". O City College tornou-se um refúgio para estudantes brilhantes e motivados de todas as origens, um lugar onde eles não tinham que esconder seus sobrenomes ou sotaques, ou mostrar um qualquer tipo de ar, porque os alunos da escola foram selecionados com base não no *pedigree*, mas no mérito, e mérito apenas. (Aplausos)

Então, realmente, não é por acaso que esta instituição produziu dez vencedores do Prémio Nobel, juntamente com inúmeros capitães da indústria, ícones culturais, líderes nos mais altos níveis de governo. Porque o talento e o esforço combinados com as nossas diversidades históricas e experiências de vida sempre foram a força vital do nosso génio americano.

Basta tomar o exemplo do grande letrista americano, Ira Gershwin, que frequentou o City College há um século. Filho de um imigrante russo-judeu, as suas canções ainda iluminam a Broadway hoje. Ou considere a história do antigo CEO da Intel, Andrew Grove, turma de 1960. (Aplausos.) Ele era um imigrante húngaro cuja fuga angustiante do nazismo e do comunismo moldou tanto o seu talento para os negócios quanto o seu compromisso com a filantropia.

⁸⁰ Consideramos que Michelle Obama se refere à Liberty Island, ilha que faz parte da cidade de Nova Iorque, que funcionou, durante alguns períodos da sua história como porto e local de quarentena para os imigrantes que pretendiam entrar nos Estados Unidos. É neste local que se encontra a estátua da Liberdade.

E pensem apenas nos alunos desta classe de finalistas- estudantes como os de economia e os da pré-lei majoritária da Albânia, que também completaram os requisitos para um curso de filosofia e sonham em tornar-se intelectuais públicos. O estudante de teatro educativo daqui mesmo, do Harlem, que já é um dramaturgo premiado e recentemente falou na Casa Branca. O especialista em ciência biomédica que nasceu no Afeganistão e planeia ser um médico, um político e um educador. (Aplausos.) E a vossa oradora, cujas raízes iemenitas a inspiraram a estudar a escrita de mulheres Yeminis e a advogar as meninas da sua comunidade, exortando-as a encontrar suas próprias vozes, a contar suas próprias histórias. Eu poderia continuar.

Estas são apenas quatro das quase 4 mil histórias únicas e surpreendentes desta turma de finalistas - histórias que convergiram aqui no City College, este lugar dinâmico e inclusivo onde todos tiveram a oportunidade de realmente se conhecerem, de ouvir os idiomas uns dos outros, para apreciar a comida uns dos outros - lasanha, obviamente - (risos) - música e feriados. Debater as ideias uns dos outros, empurrando-se uns aos outros para questionarem antigos pressupostos e considerarem novas perspectivas.

E essas interações têm sido uma parte tão importante da vossa educação nesta escola. Aqueles momentos em que vossos colegas de classe vos mostraram que a vossa teimosa opinião não era assim tão bem informada - mmm hmm. (Risos). Ou quando eles abriram os vossos olhos para uma injustiça que vocês nunca souberam que existia. Ou quando eles vos ajudaram com uma pergunta que vocês não poderiam ter respondido sozinhos.

Eu acho que o vosso orador de turma colocou a questão da melhor forma - e esta é uma citação - ele disse: “O único componente insubstituível da minha experiência CCNY foi o de aprender junto de pessoas com experiências de vida muito diferentes das minhas.” Ele disse: “Eu aprendi que a diversidade na experiência humana dá origem à diversidade de pensamento, que cria ideias e métodos distintos de resolução de problemas.” Essa foi uma boa citação. (Risos e aplausos.) Ok, vocês são brilhantes. (Risos) Eu mesma não poderia ter dito melhor.

Esse é o poder das nossas diferenças que nos tornam mais inteligentes e mais criativos. E é assim que todas essas infusões de novas culturas e ideias, geração após geração, criaram a alquimia incomparável do nosso caldeirão e nos ajudaram a construir a nação mais forte, vibrante e próspera do planeta, mesmo aqui. (Aplausos) Mas, infelizmente, finalistas, apesar das lições da nossa história e da verdade da vossa experiência aqui no City College,

algumas pessoas hoje parecem ter uma perspectiva muito diferente. Eles parecem ver a nossa diversidade como uma ameaça a ser contida e não como um recurso a ser explorado. Eles dizem-nos para ter medo daqueles que são diferentes, para desconfiar daqueles com quem discordamos. Eles agem como se o insulto fosse um substituto aceitável para o debate ponderado, como se a raiva e a intolerância devessem ser o nosso estado padrão em vez do otimismo e da abertura que sempre foram o motor do nosso progresso.

Mas, finalistas, posso dizer-vos que, como primeira-dama, tive o privilégio de viajar pelo mundo e visitar dezenas de países diferentes, e vi o que acontece quando ideias como essas acontecem. Eu vi como líderes que governam por intimidação - líderes que demonizam e desumanizam grupos inteiros de pessoas - frequentemente o fazem, porque não têm mais nada a oferecer. E eu vi como os lugares que sufocam as vozes e descartam o potencial dos seus cidadãos são diminuídos; como eles são menos vitais, menos esperançosos, menos livres.

Finalistas, isso não é quem somos. Não é isso que este país representa. (Aplausos) Não, aqui na América, nós não deixamos as nossas diferenças separarem-nos. Aqui não. Porque sabemos que a nossa grandeza vem quando apreciamos as forças uns dos outros, quando aprendemos uns com os outros, quando nos apoiamos uns nos outros. Porque neste país, nunca foi cada pessoa para si. Não, estamos todos juntos nisso. Nós sempre estivemos.

E aqui na América, nós não cedemos aos nossos medos. Nós não construímos muros para manter as pessoas fora, porque sabemos que a nossa grandeza sempre dependeu de contribuições de pessoas que nasceram noutra lugar, mas procuraram este país e fizeram dele o seu lar - de inovações como *Google* e *EBay* a invenções como a coração artificial, o telefone, até os jeans; as amadas canções patrióticas como *God Bless America*, como marcos nacionais como a Ponte de Brooklyn e, sim, a Casa Branca - ambos projetados por arquitetos que eram imigrantes. (Aplausos)

Finalmente, finalistas, a nossa grandeza nunca, nunca veio de nos acomodarmos e sentirmos com direito ao que temos. Nunca vem de pessoas que sobem a escada do sucesso, ou que por acaso nascem perto do topo e depois puxam a escada para cima de si mesmas. Não, a nossa grandeza vem sempre de pessoas que não esperam nada e não dão nada por garantido - pessoas que trabalham duro pelo que têm e depois voltam e ajudam os outros depois deles.

Essa é a vossa história, finalistas, e essa é a história das vossas famílias. (Aplausos.) E é a história da minha família também. Como muitos de vocês sabem, eu cresci numa família da classe trabalhadora em Chicago. E embora nenhum dos meus pais tenha feito o ensino secundário, deixem-me dizer, eles economizaram cada centavo que meu pai ganhou no seu trabalho na cidade, porque estavam determinados a me mandar para a faculdade.

E mesmo depois do meu pai ter sido diagnosticado com Esclerose Múltipla e ele lutou para andar, confiando nas muletas apenas para sair da cama todas as manhãs, o meu pai quase nunca perdia um dia de trabalho. Vejam, esse trabalho de um colarinho azul ajudou a pagar a pequena parte da minha mensalidade da faculdade que não foi coberta por empréstimos ou subsídios ou pelo meu trabalho de estudo ou os meus empregos de verão. E meu pai estava tão orgulhoso de pagar essa mensalidade a tempo todos os meses, até mesmo fazendo empréstimos quando ficava com pouco dinheiro. Vejam, ele nunca quis que eu perdesse um prazo de registro, porque o seu cheque estava atrasado. Esta é a minha história.

E, finalistas, vocês todos enfrentaram desafios muito maiores do que qualquer coisa que eu ou a minha família alguma vez já vivenciamos, desafios que a maioria dos estudantes universitários jamais poderia imaginar. Alguns de vocês foram sem abrigos. Alguns de vocês arriscaram a rejeição por parte das vossas famílias na busca da vossa educação. Muitos de vocês ficaram acordados à noite imaginando como, na Terra, vocês iriam apoiar os vossos pais e os vossos filhos e ainda pagar as mensalidades. E muitos de vocês sabem o que é viver não apenas mês a mês ou dia a dia, mas também refeição a refeição. Mas, finalistas, deixem-me dizer-vos, vocês nunca devem sentir-se envergonhados por essas lutas.

Vocês não devem nunca ver os vossos desafios como uma desvantagem. Em vez disso, é importante que vocês entendam que a vossa experiência enfrentando e superando adversidades é, na verdade, uma das vossas maiores vantagens. E eu sei disso porque eu mesmo já vi, não apenas como uma estudante trabalhando na escola, mas anos depois, quando me mudei- antes de vir para a Casa Branca e trabalhar como reitor numa faculdade.

Nessa função, encontrei alunos que tinham todas as vantagens – os seus pais pagavam as suas mensalidades, moravam em belos dormitórios no campus. Eles tinham todos os bens materiais que um jovem na faculdade poderia querer - carros, computadores, gastar

dinheiro. Mas quando alguns deles tiveram sua primeira nota baixa, eles simplesmente se separaram. Eles perderam, porque estavam mal equipados para lidar com o primeiro encontro com a decepção ou ficarem aquém do esperado.

Mas, finalistas, como todos sabem, a vida colocará muitos obstáculos no vosso caminho que são muito piores do que uma nota negativa. Vocês terão chefes irracionais e clientes e pacientes difíceis. Vocês experimentarão doenças e perdas, crises e contratemplos que surgirão do nada e vos derrubarão. Mas, ao contrário de tantos outros jovens, vocês já desenvolveram a resiliência e a maturidade que precisam para se levantarem e tirarem o pó de vocês mesmos e continuarem movendo-se através da dor, seguindo em frente. Vocês desenvolveram esse músculo. (Aplausos)

E com a educação que vocês tiveram nesta ótima escola e as experiências que tiveram nas vossas vidas, deixem-me dizer, nada - e quero dizer nada - vai impedir vocês de realizarem os vossos sonhos. E vocês merecem cada um dos sucessos que eu sei que vocês terão.

Mas também quero deixar bem claro que, com esses sucessos, vem um conjunto de obrigações: partilhar as lições que vocês aprenderam aqui nesta escola. A obrigação de usar as oportunidades que vocês tiveram para ajudar os outros. Isso significa levantar a mão quando conseguem um lugar na reunião do conselho e fazer a pergunta, bem, que vozes não estão sendo ouvidas aqui? Que ideias estamos a perder? Significa adicionar a vossa voz à nossa conversa nacional, falando dos nossos valores mais caros de liberdade, oportunidade, inclusão e respeito - os valores que vocês têm vivido aqui nesta escola.

Significa voltar atrás para ajudar os jovens que foram deixados de fora e deixados para trás, ajudando-os a prepararem-se para a faculdade, ajudando-os a pagar a faculdade, certificando-se de que grandes universidades públicas como esta tenham o financiamento e o apoio de que precisam. (Aplausos.) Porque todos sabemos que as universidades públicas sempre foram um dos maiores impulsionadores da nossa prosperidade, levando inúmeras pessoas à classe média, criando empregos e riqueza em toda a nação.

A educação pública é o nosso melhor caminho para as oportunidades na América. Portanto, precisamos investir e fortalecer as nossas universidades públicas hoje e nas próximas gerações. (Aplausos.) É assim que vocês farão a vossa parte para honrar o juramento que todos vocês irão fazer aqui hoje: o juramento feito por gerações de

estudantes antes de tornarem a vossa cidade e o vosso mundo “maiores, melhores e mais bonitos.”

Mais do que qualquer outra coisa, finalistas, essa é a história americana. É a vossa história e a história daqueles que vieram antes de vocês para esta escola. É a história do filho de imigrantes polacos, chamado Jonas Salk, que trabalhou durante anos num laboratório até descobrir uma vacina que salvou inúmeras vidas. É a história do filho de imigrantes - imigrantes jamaicanos, chamado Colin Powell, que se tornou um general de quatro estrelas, secretário de Estado, e um exemplo para os jovens em todo o país.

E, finalistas, é a história que testemunho todos os dias quando acordo numa casa que foi construída por escravos, e vejo as minhas filhas - duas lindas jovens negras - irem para a escola - (aplausos) - dizendo adeus ao pai delas, o presidente dos Estados Unidos, filho de um homem do Quênia que veio aqui para a América - para a América pelas mesmas razões que muitos de vocês: Para obter uma educação e melhorar as suas perspetivas na vida .

Então, finalistas, enquanto eu acho que é justo dizer que os nossos fundadores nunca poderiam ter imaginado este dia, todos vocês são, muito, os frutos da visão deles. O legado deles é muito o vosso legado e a vossa herança. E não deixem ninguém dizê-lo de forma diferente. Vocês são a prova viva e real de que o sonho americano perdura no nosso tempo. São vocês.

Então eu quero que todos vocês saiam. Sejam grandes. Construam grandes vidas para vocês mesmos. Aproveitem as liberdades que vocês têm neste grande país. Persigam a vossa própria versão de felicidade. E por favor, por favor, façam sempre, sempre a vossa parte para ajudar os outros a fazerem o mesmo.

Eu amo todos vocês. Estou tão orgulhosa de vocês. (Aplausos.) Obrigada por me permitirem partilhar este começo final convosco. Eu tenho muita fé em quem vocês serão. Apenas continuem a trabalhar duro e mantenham a fé. Mal posso esperar para ver o que todos vocês alcançarão nos próximos anos.

Obrigada a todos. Deus vos abençoe. Boa sorte na estrada. (Aplausos)

Discurso religiosos

E –Discurso do Papa Francisco

F - Discurso do Dalai Lama

E - Discurso do Papa Francisco

Observações: Este foi o discurso oficial de abertura das Jornadas Mundiais da Juventude com o Papa no Panamá realizadas na cidade do Panamá, entre 22 e 27 de janeiro de 2019.

Chers jeunes, Bonsoir !

Qu'il est bon de vous retrouver et de le faire sur cette terre qui nous reçoit avec tant de couleur et tant de chaleur ! Les Journées Mondiales de la Jeunesse réunies à Panama sont, une nouvelle fois, une fête de joie et d'espérance pour toute l'Église et un énorme témoignage de foi pour le monde.

Je me souviens qu'à Cracovie certains m'avaient demandé si j'irais à Panama et je leur avais répondu : "je ne sais pas, mais Pierre ira sûrement. Pierre ira sûrement". Aujourd'hui, je suis heureux de vous dire : Pierre est avec vous pour célébrer et renouveler la foi et l'espérance. Pierre et l'Église marchent avec vous et nous voulons vous dire de ne pas avoir peur, d'aller de l'avant avec cette énergie rénovatrice et ce souci constant qui nous aide et nous fait bouger pour être plus joyeux et plus disponibles, plus "témoins de l'Évangile". Aller de l'avant non pas pour créer une église parallèle un peu plus "divertissante" ou "cool" dans un événement pour les jeunes, avec tel ou tel élément décoratif, comme si cela vous suffisait pour vous rendre heureux. Penser ainsi serait ne pas vous respecter et ne pas respecter ce que l'Esprit nous dit à travers vous.

Au contraire ! Nous voulons retrouver et réveiller avec vous la continuelle nouveauté et jeunesse de l'Église, en nous ouvrant à une nouvelle Pentecôte (cf. Synode sur les Jeunes, Doc. Final, n. 60). Cela n'est possible, comme nous venons de le vivre dans le Synode, que si nous osons marcher en nous écoutant et écouter en nous complétant, si nous osons témoigner en annonçant le Seigneur par le service de nos frères ; service concret, je veux dire.

Je sais que venir jusqu'ici n'a pas été facile. Je sais les efforts, les sacrifices que vous avez faits pour pouvoir participer à ces Journées. Beaucoup de journées de travail et d'engagement, des rencontres de réflexion et de prière ont fait que le chemin est, en

grande partie, la récompense. Le disciple n'est pas seulement celui qui arrive en un lieu mais celui qui commence avec décision, celui qui n'a pas peur de risquer et de se mettre en marche. C'est cela sa plus grande joie : être en marche. Vous n'avez pas eu peur de risquer et de marcher. Aujourd'hui nous pouvons "faire la rumba", car cette rumba a commencé il y a longtemps dans chaque communauté.

Nous venons de cultures et de peuples différents, nous parlons des langues différentes, nous portons des vêtements différents. Chacun de nos peuples a vécu des histoires et des événements différents. Que de choses peuvent nous différencier ! Mais rien de tout cela n'a empêché de pouvoir nous rencontrer et de nous sentir heureux d'être ensemble. Cela est possible parce que nous savons qu'il y a quelque chose qui nous unit, il y a quelqu'un qui nous rapproche. Chers amis, vous avez fait beaucoup de sacrifices afin de pouvoir vous rencontrer et vous devenez ainsi de véritables maîtres et artisans de la culture de la rencontre. Par vos gestes et vos attitudes, par vos regards, vos désirs et surtout par votre sensibilité vous refusez et désavouez tous ces discours qui se focalisent et s'efforcent de semer la division, à exclure ou rejeter ceux "qui ne sont pas comme nous". Et cela parce que vous avez ce flair qui sait pressentir que « L'amour véritable n'efface pas les différences légitimes, mais les harmonise en une unité supérieure » (Benoît XVI, Homélie, 25 janvier 2006). Au contraire, nous savons que le père du mensonge préfère un peuple divisé qui se dispute, qu'un peuple qui apprend à travailler ensemble.

Vous nous enseignez que se rencontrer ne signifie pas s'imiter, ni penser tous la même chose ou vivre tous de la même manière faisant et répétant les mêmes choses, écoutant la même musique ou portant le maillot de la même équipe de football. Non, pas ça. La culture de la rencontre est un appel et une invitation à oser garder vivant un rêve commun. Oui, un grand rêve capable d'abriter tout le monde. Ce rêve pour lequel Jésus a donné sa vie sur la croix et que l'Esprit Saint a répandu et a marqué au feu, le jour de la Pentecôte, dans le cœur de tout homme et de toute femme, le tien et le mien, dans l'attente de trouver de la place pour grandir et se développer. Un rêve appelé Jésus semé par le Père dans la confiance qu'il grandira et vivra en chaque cœur. Un rêve qui circule dans nos veines, qui fait frissonner le cœur et le fait danser chaque fois que nous l'écoutons : « Aimez-vous les uns les autres. Comme je vous ai aimés, vous aussi aimez-vous les uns les autres. A ceci, tous reconnaîtront que vous êtes mes disciples : si vous avez de l'amour les uns pour les autres » (Jn, 13, 34-35).

Un saint de cette terre aimait dire : « Le christianisme n'est pas un ensemble de vérités qu'il faut croire, de lois qu'il faut respecter, ou d'interdictions. Il deviendrait ainsi repoussant. Le christianisme est une Personne qui m'a beaucoup aimé, qui réclame et demande mon amour. Le christianisme c'est le Christ » (cf. Saint Oscar Romero, Homélie, 6 novembre 1977). C'est réaliser le rêve pour lequel il a donné sa vie : aimer du même amour dont il nous a aimés.

Nous nous demandons : Qu'est-ce qui nous maintient unis ? Pourquoi sommes-nous unis ? Qu'est-ce qui nous pousse à nous rencontrer ? L'assurance de savoir que nous avons été aimés d'un amour intime que nous ne pouvons pas ni ne voulons taire et qui nous met au défi de répondre de la même manière: avec amour. C'est l'amour du Christ qui nous presse (cf. 2Co 5, 14).

Un amour qui ne "contraint" pas ni n'écrase, un amour qui ne marginalise pas ni ne réduit au silence, un amour qui n'humilie pas ni n'asservit. C'est l'amour du Seigneur, amour quotidien, discret et respectueux, amour de liberté et pour la liberté, amour qui guérit et qui relève. C'est l'amour du Seigneur qui apprend plus à redresser qu'à faire chuter, à réconcilier qu'à interdire, à donner de nouvelles chances qu'à condamner, à regarder l'avenir plus que le passé. C'est l'amour silencieux de la main tendue dans le service et le don de soi qui ne se vante pas.

Crois-tu en cet amour ? Cet amour en vaut-il la peine ?

Ce fut la même demande et la même invitation que reçut Marie. L'ange lui a demandé si elle voulait porter ce rêve dans ses entrailles et le faire vie, le faire chair. Elle a dit : « Voici la servante du Seigneur ; que tout m'advienne selon ta parole » (Lc 1, 38). Marie a osé dire "oui". Elle a osé donner vie au rêve de Dieu. Et c'est la même chose que l'ange veut demander à vous, à moi : Veux-tu que ce rêve prenne vie ? Veux-tu lui donner chair avec tes mains, avec tes pieds, avec ton regard, avec ton cœur ? Veux-tu que l'amour du Père t'ouvre de nouveaux horizons et te conduise sur des chemins jamais pensés ni imaginés, rêvés ni espérés, qui réjouissent et fassent chanter et danser le cœur ?

Est-ce que nous osons dire à l'ange, comme Marie : Voici les serviteurs du Seigneur, qu'il en soit ainsi ?

Chers jeunes : la chose la plus attendue avec espérance de ces Journées ne sera pas un document final, une lettre convenue ou un programme à exécuter. La chose la plus attendue de cette rencontre sera vos visages et une prière. Chacun retournera chez lui avec

la force nouvelle qui apparait chaque fois que nous nous rencontrons et rencontrons le Seigneur, remplis de l'Esprit Saint pour rappeler et garder vivant ce rêve qui nous unit et que nous sommes invités à ne pas laisser geler dans le cœur du monde : là où nous nous rencontrons, faisant ce que nous sommes en train de faire, nous pouvons toujours lever les yeux et dire : Seigneur, apprends-moi à aimer comme toi tu nous a aimés – répétez-le avec moi – Seigneur apprend-moi à aimer comme toi tu nous a aimés.

Nous ne pouvons pas terminer cette première rencontre sans remercier. Merci à tous ceux qui ont préparé avec beaucoup d'enthousiasme ces Journées Mondiales de la Jeunesse. Merci d'oser organiser et accueillir, de dire "oui" au rêve de Dieu de voir ses enfants réunis. Merci Mgr Ulloa et à toute votre équipe pour aider à ce que le Panama soit aujourd'hui non seulement un canal qui unit les mers, mais aussi un canal où le rêve de Dieu continue de trouver des voies pour grandir, se multiplier et se répandre dans tous les recoins de la terre.

Chers amis, Que Jésus vos bénisse et que Santa Maria la Antigua vous accompagne toujours, afin que nous soyons capables de dire sans crainte, comme elle : « Je suis là. Qu'il en soit ainsi ».

Tradução⁸¹

Queridos jovens, boa noite!

Como é bom encontrar-vos e fazê-lo nesta terra que nos recebe com tanta cor e tanto calor! As Jornadas Mundiais da Juventude reunidas no Panamá são, novamente, uma festa de alegria e de esperança para toda a Igreja e um enorme testemunho de fé para o mundo. Lembro-me que, em Cracóvia⁸² alguns me tinham perguntado se eu iria ao Panamá e eu respondi-lhes: «Eu não sei, mas Pedro irá certamente. Pedro irá certamente». Hoje, eu estou feliz por vos dizer: Pedro está convosco para celebrar e renovar a fé e a esperança. Pedro e a Igreja caminham connosco e nós queremos dizer-vos que não tenham medo, de ir em frente com esta energia renovadora e esta preocupação constante que nos ajuda e nos faz movimentar para ser mais felizes e mais disponíveis, mais "testemunhas do Evangelho". Ir em frente não para criar uma igreja paralela um pouco mais "divertida" ou "cool" num acontecimento para os jovens, com este ou aquele elemento decorativo,

⁸¹ Tradução nossa.

⁸² Referência às Jornadas Mundiais anteriores às do Panamá, realizadas em Cracóvia, em 2016, em que o Papa Francisco anunciou que as próximas Jornadas seriam no Panamá.

como se isso vos fosse suficiente para vos tornar felizes. Pensar assim seria não vos respeitar e não respeitar o que o Espírito nos diz através de vocês.

Pelo contrário! Nós queremos reencontrar e reavivar convosco a contínua novidade e juventude da Igreja, abrindo-nos um novo Pentecostes (cf Sínodo sobre os Jovens, Doc. Final, nº 60). Isto só é possível, como nós acabámos de o viver no Sínodo, se nós ousarmos caminhar escutando-nos e escutando completando-nos, se nós ousarmos testemunhar, anunciando o Senhor ao serviço dos nossos irmãos, serviço concreto, quero dizer.

Eu sei que vir até aqui não é fácil. Eu tenho conhecimento dos esforços, dos sacrifícios que vocês fizeram para poder participar nestas Jornadas. Muitos dias de trabalho e de compromisso, de encontros, de reflexão e de oração fizeram com que o caminho seja, em grande parte, a recompensa. O discípulo não é apenas aquele que chega ao lugar, mas aquele que começa decidido, aquele que não tem medo de arriscar e de se pôr ao caminho. É isto a sua maior alegria: caminhar. Vocês não tiveram medo de arriscar e de caminhar. Hoje nós podemos “dançar a rumba”, porque é esta rumba que começou há muito nesta comunidade.

Nós vimos de culturas e de povos diferentes, nós falamos línguas diferentes, nós vestimos roupas diferentes. Cada um dos nossos povos viveu histórias e acontecimentos diferentes. Tantas coisas podem diferenciar-nos! Mas nada disso nos impediu de nos reencontrarmos e de nos sentirmos felizes por estarmos juntos. Isto é possível, porque nós sabemos que há alguma coisa que nos une, há alguém que nos reaproxima. Queridos amigos, vocês fizeram grandes sacrifícios a fim de se poderem reencontrar e tornaram-se, assim, verdadeiros mestres e artesãos da cultura do reencontro. Pelos vossos gestos e pelas vossas atitudes, pelos vossos olhares, os vossos desejos e sobretudo pela vossa sensibilidade vocês recusam e repudiam todos os discursos que se focam e se esforçam para semear a divisão, para excluir ou rejeitar aqueles “que não são como nós”. E isso porque vocês possuem este faro que consegue pressentir que “O amor verdadeiro não apaga as diferenças legítimas, mas harmoniza-as numa unidade superior” (Papa Bento XVI, Homília, 25 de janeiro de 2006). Pelo contrário, nós sabemos que o pai da mentira prefere um povo dividido que se disputa a um povo que aprende a trabalhar em conjunto. Vocês ensinam-nos que reencontrarmo-nos não significa imitarmo-nos, nem pensarmos todos da mesma maneira, nem vivermos todos da mesma maneira, fazendo e repetindo as

mesmas coisas, ouvindo a mesma música ou vestindo a camisola da mesma equipa de futebol. Não, isso não. A cultura do reencontro é um chamamento e um convite a ousar guardar vivo um sonho comum. Sim, um grande sonho capaz de abrigar a todos. Esse sonho pelo qual Jesus deu a sua vida na cruz e que o Espírito Santo derramou e marcou no fogo, no dia de Pentecostes, no coração de todo o homem e mulher, no vosso e no meu, na esperança de encontrar espaço para crescer e se desenvolver. Um sonho chamado Jesus semeado pelo Pai na confiança de que ele crescerá e viverá em cada coração. Um sonho que corre nas nossas veias, que faz o coração estremecer e o faz dançar cada vez que o escutamos: "Amem-se uns aos outros. Como eu vos amei, vocês se amem também uns aos outros. Perante isto, todos reconhecerão que são meus discípulos: se vocês sentem amor uns pelos outros." (Jo 13, 34-35).

Um santo desta terra gostava de dizer: "O cristianismo não é um conjunto de verdades nas quais devemos acreditar, leis que devem ser respeitadas ou proibições. Desta forma, seria tão repulsivo. O cristianismo é uma Pessoa que me amou muito, que reivindica e pede o meu amor. O cristianismo é Cristo "(ver St. Oscar Romero, Homilia, 6 de novembro de 1977). É realizar o sonho pelo qual ele deu a vida: amar com o mesmo amor que ele nos amou.

Nós perguntamo-nos: o que nos mantém juntos? Por que estamos unidos? O que nos leva a conhecermo-nos um ao outro? A certeza de saber que fomos amados com um amor íntimo que não podemos nem queremos calar e que nos desafia a responder da mesma maneira: com amor. É o amor de Cristo que nos pressiona (2Co 5, 14).

Um amor que não "constrange" nem esmague, um amor que não marginaliza nem silencia, um amor que não humilha nem escraviza. É o amor do Senhor, um amor quotidiano, discreto e respeitoso, um amor de liberdade e para a liberdade, um amor que cura e ergue. É o amor do Senhor que ensina mais a endireitar do que derrubar, a reconciliar, mais do que proibir, a dar novas oportunidades, mais do que condenar, a olhar para o futuro mais do que para o passado. É o amor silencioso da mão estendida no serviço e no dom de si que não se orgulha.

Você acredita nesse amor? Este amor vale a pena?

Este foi o mesmo pedido e convite que Maria recebeu. O anjo perguntou-lhe se ela queria trazer esse sonho no seu ventre e trazê-lo à vida, torná-lo carne. Ela disse: "Aqui está a serva do Senhor; que tudo venha a mim segundo a tua palavra "(Lc 1:38). Maria atreveu-

se a dizer "sim". Ela atreveu-se a dar vida ao sonho de Deus. E é a mesma coisa que o anjo quer perguntar a vocês, a mim: Queres que esse sonho ganhe vida? Queres dar-lhe corpo com as tuas mãos, com os teus pés, com o teu olhar, com o teu coração? Queres que o amor do Pai abra novos horizontes e te conduza a caminhos nunca pensados ou imaginados, sonhados ou esperados, que se regozijem e façam cantar e dançar o coração? Será que ousamos dizer ao anjo, tal como Maria o fez: Eis os servos do Senhor, que assim seja?

Queridos jovens: a coisa mais esperada com a esperança destes Jornadas não será um documento final, uma carta acordada ou um programa a ser executado. A coisa mais esperada desta reunião será os vossos rostos e uma oração. Cada um de vós regressará a casa com a nova força que aparece cada vez que nos encontramos e encontramos o Senhor, cheio do Espírito Santo para lembrar e manter vivo esse sonho que nos une e com o qual somos convidados a não congelarmos no coração do mundo: lá onde nos encontramos, fazendo o que estamos a fazer, podemos sempre olhar para cima e dizer: Senhor, ensina-me a amar como tu nos amaste - repitam comigo - o Senhor ensina-me a amar como tu nos amaste.

Não podemos terminar este primeiro encontro sem agradecer. Obrigado a todos vocês que prepararam com grande entusiasmo estas Jornadas Mundiais da Juventude. Obrigado por se terem atrevido a organizar e a receber, a dizer "sim" ao sonho de Deus de ver os seus filhos juntos. Obrigado Bispo Ulloa⁸³ e toda a sua equipa por ajudar a tornar o Panamá não apenas um canal que une os mares, mas também um canal onde o sonho de Deus continua a encontrar maneiras de crescer, multiplicar-se e espalhar-se em todos os cantos da terra.

Queridos amigos, Que Jesus vos abençoe e que Santa Maria la Antigua vos acompanhe sempre, para que possamos dizer sem medo, como ela: "Estou aqui. Que assim seja."

F - Discurso do Dalai Lama

<p>Observações: Discurso do Dalai Lama, retirado do livro <i>Policy of Kindness</i>. Desconhece-se a data e o público específico a quem foi dirigido.</p>
--

⁸³ José Ulloa Mendieta é o Arcebispo da cidade do Panamá.

“Whether one believes in a religion or not, and whether one believes in rebirth or not, there isn’t anyone who doesn’t appreciate kindness and compassion”

The Dalai Lama

I want to speak to you this evening about the importance of kindness and compassion. When I speak about this, I regard myself not as Buddhist, not as the Dalai Lama, not as a Tibetan, but rather as one human being. And, I hope that you in the audience will, at this moment, think of yourselves as human beings rather than as Americans, or westerners or member of any particular group. These things are secondary. If from my side and from the listeners’ side we interact as human beings, we can reach this basic level. If I say, “I am a monk,” or “I am a Buddhist,” these are, in comparison to my nature as a human being, temporary. To be a human is basic. Once you are born as a human being, that cannot change until death. Other things – whether you are educated or uneducated, rich or poor – are secondary.

Today we face many problems. Some are created essentially by ourselves based on divisions due to ideology, religion, race, economic status, or other factor. Therefore, the time has come for us to think on a deeper level, on the human level, and from that level we should appreciate and respect the sameness of others as human beings. We must build a closer relationship of mutual trust, understanding, respect, and help, irrespective of differences of cultures, philosophy, religion, or faith.

After all, all human beings are the same – made of human flesh, bones, and blood. We all want happiness and want to avoid suffering. Further, we all have an equal right to be happy. In other words, it is important to realize our sameness as human beings. We all belong to one human family. That we quarrel with each other, cheating each other, suppressing each other is no use.

Unfortunately, for many centuries, human beings have used all sorts of methods to suppress and hurt on another. Many terrible things have been done. It has meant more problems, more suffering, and more mistrust, resulting in more feelings of hatred and more divisions.

Today the world is becoming smaller and smaller. Economically, and from many other viewpoints, the different areas of the world are becoming closer and increasingly interdependent. Because of this, international summit meetings often take place: problems in one remote place are connected with global crises. This situation expresses the fact that

it is time, it is necessary, to think more on a human level rather than on the basis of the matters that divide us. Therefore, I am speaking to you as just a human being and I earnestly hope that you also are listening with the thought, “I am a human being, and I am here listening to another human being.”

All of us want happiness. In cities, on farms, even in remote places, people are busy and active. What is the main purpose of this activity? Everyone is trying to create happiness. To do so is right. However, it is very important to follow a correct method in seeking happiness. We must keep in mind that too much involvement on a superficial level will not solve the larger problems.

There are all about us many crises, many fears. Through highly developed science and technology, we have reached an advanced level of material progress that is both useful and necessary. Yet, if you compare the external progress with our internal progress, it is quite clear that our internal progress is inadequate. In many countries, crises—murders, wars and terrorism—are chronic. People complain about the decline in morality and the rise in criminal activity. Although in external matters we are highly developed and continue to progress, at the same time it is equally important to develop and progress in terms of inner development.

In ancient times, if there was war, the effect—the extent of destruction—was limited. Today, however, because of external material progress, the potential for destruction is beyond imagination. Last year I visited Hiroshima. Though I knew something about nuclear explosion there, it was a very different matter physically to visit the place, to see it with my own eyes, and to meet with people who actually suffered at the moment. I was deeply moved. A terrible weapon was used. Though we might regard someone as an enemy, on a deeper level an enemy is also a human being, also wants happiness, and has the right to be happy. Looking at Hiroshima and thinking about this, at the moment I became even more convinced that anger and hatred cannot solve problems.

Anger cannot be overcome by anger. If a person shows anger to you, and you respond with anger, the result is disastrous. In contrast, if you control anger and show opposite attitudes—compassion, tolerance, and patient—then not only do you yourself remain in peace, but the other’s anger will gradually diminish.

World problems similarly cannot be challenged by anger or hatred. They must be faced with compassion, love, and true kindness. Look at all the terrible weapons there are. Yet,

the weapons themselves cannot start a war. The button to trigger them is under a human finger, which moves by thought, not under its own power. The responsibility rest is our thought.

If you look deeply into such things, the blueprint is found within – in the mind – out of which actions come. Thus, first controlling the mind is very important. I am not talking here about controlling the mind in the sense of deep meditation, but just about cultivating less anger, more respect for others' rights, more concern for other people, more clear realization of our sameness as human beings. Take the western view of the Eastern blob – for instance, of the Soviet Union. You must look at the Soviet Union as brothers and sisters; the people of Russia are the same as yourselves. The Russians also should look on this side as brothers and sisters. This attitude may not solve problems immediately, but we have to make the attempt. We have to begin promoting this understanding through magazines and the through television. Rather than just advertising to make money for ourselves, we need to use these media for something meaningful, something seriously directed towards the welfare of humankind. Not money alone. Money is necessary, but the actual purpose of money is for human beings. Sometimes we lose interest in the human beings. Sometimes we lose interest in the human and are just concerned about money. This is not sensible.

After all, we all want happiness, and no one will disagree with the fact that with anger, peace is impossible. With kindness and love, peace of mind can be achieved. No one wants anger, no one wants mental unrest, yet because of ignorance, they occur. Bad attitudes, such as depression, arise from the power of ignorance, not of their own accord. Through anger we lose one of the best human qualities – the power of judgement. We have a good brain, which other mammals do not have, allowing us to judge what is right and what is wrong, not only in terms of today's concerns, but considering ten, twenty, or even a hundred years in the future. Without any precognition, we can use our normal common sense to determine if something is a right or wrong method; we can decide that if we do such and such, it will lead to such an effect. However, once our mind is occupied by anger, we lose this power of judgement, and once lost, it is very sad. Physically you are a human being, but mentally you are incomplete. Given that we have this physical human form, we must safeguard our mental capacity for judgement. For that, we cannot take our insurance; the insurance company is within self-discipline, self-awareness and a

clear realization of the disadvantages of anger and the positive effects of kindness. Thinking about this again and again, we can become convinced of it, and then with self-awareness, we can control the mind.

For instance, at present you may be a person who gets quickly and easily irritated by small things. With clear understanding and awareness, this can be controlled. If you usually remain angry for ten minutes, try to reduce it to eight. Next week make five minutes and the next month two. Then make zero. That is how to develop and train our minds.

This is my feeling and also the sort of practice I myself do. It is quite clear that everyone needs peace of mind. The question, then, is how to achieve it. Through anger we cannot; through kindness, through love, through compassion, we can achieve one individual's peace of mind. The result of this is a peaceful family – happiness between parents and children, fewer quarrels between husband and wife; no worry about divorce. Extended to the national level, this attitude can bring unity, harmony and cooperation with genuine motivation. On the international level, we need mutual trust, mutual respect, frank and friendly discussion with sincere motivation and joint effort to solve world problems. All these are possible.

But first we must change within ourselves. Our national leaders try their best to solve our problems, but when one problem is solved, another one crops up; trying to solve that, again there is another somewhere else. The time has come to try a different approach. Of course, it is very difficult to achieve such a worldwide movement for peace of mind, but it is the only alternative. If there were another method that was easier and more practical, it would be better, but there is none. If through weapons we could achieve real lasting peace, all right. Let all factories be turned into weapon factories. Spend every dollar for that – if we achieve definite lasting peace. But this is impossible.

Weapons do not remain stockpiled. Once a weapon is developed, sooner or later someone will use it. Someone might feel that if you do not use it, then millions of dollars are wasted, so somehow you should use it – drop a bomb to try it out. The result is that innocent people get killed. Therefore, although it is difficult to attempt to bring about peace through internal transformation, this is the only way to achieve lasting world peace. Even if during my own lifetime it is not achieved, it is all right. More human beings will come, the next generation and the one after that, and progress can continue. I feel that despite the practical difficulties and the sense that is regarded as an unrealistic view, it is

worthwhile to make the attempt. Therefore, wherever I go, I express these things. I am encouraged that people from different walks of life generally receive it well.

Each of us has responsibility for all humankind. It is time for us to think of other people as true brothers and sister and to be concerned with their welfare, with lessening their suffering. Even if you cannot sacrifice your own benefit entirely, you should not forget the concerns of others. We should think about the future and benefit of all humanity.

Also, if you try to subdue your selfish motives – anger, and so forth – and develop more kindness and compassion for others, ultimately you yourself will benefit more than you would otherwise. So sometimes I say that the wise selfish person should practice this way. Foolish selfish people are always thinking of themselves, and the result is negative. Wise selfish people think of others, help others as much as they can, and the result is that they too receive benefit.

This is my simple religion. There is no need for temples; no need for complicated philosophy. Our own brain, our own heart is our temple; the philosophy is kindness.

Tradução⁸⁴

“Quer se acredite ou não numa religião, e quer se acredita ou não no renascimento, não há ninguém que não aprecie a bondade e a compaixão”

Dalai Lama

Esta noite, gostaria de falar convosco sobre a importância da bondade e da compaixão. Ao abordar estes temas, não me vejo como budista, Dalai Lama ou tibetano, mas sim como um ser humano e espero que vocês, no auditório, pensem em vocês como seres humanos em vez de como americanos, ocidentais ou membros de um determinado grupo. Estas coisas são secundárias. Se do meu lado e do vosso lado, nós interagirmos como seres humanos, podemos chegar a esse nível básico. Caso eu diga "sou monge" ou "sou budista", as afirmações serão, em comparação com a minha natureza de ser humano, temporárias. Ser humano é básico. Uma vez nascido como ser humano, isto não se poderá mudar até à morte. Outras condições - ser ou não instruído, rico ou pobre - são secundárias.

⁸⁴ Tradução nossa.

Hoje, enfrentamos muitos problemas. Alguns são criados essencialmente por nós mesmos, com base em diferenças de ideologia, religião, raça, situação económica ou outros fatores. Chegou, portanto, o momento de pensarmos num nível mais profundo, o nível humano, e é deste nível que deveremos apreciar e respeitar a igualdade dos outros como seres humanos. Devemos construir relacionamentos mais próximos, baseados na confiança mútua, na compreensão, no respeito e na solidariedade, independentemente de diferenças culturais, filosóficas ou religiosas.

Afinal, todos os seres humanos são iguais - feitos de carne, ossos e sangue. Todos queremos a felicidade e evitar o sofrimento. Além disso, todos nós temos o mesmo direito de sermos felizes. Por outras palavras, é importante perceber a nossa igualdade como seres humanos. Todos nós pertencemos a uma família humana. O facto de nos zangarmos uns com os outros deve-se a razões secundárias, e todas essas discussões são inúteis.

Infelizmente, durante muitos séculos, os seres humanos usaram todos os métodos para se ferirem uns aos outros. Muitas coisas terríveis aconteceram, resultando em mais problemas, mais sofrimento e desconfiança. E, conseqüentemente, em mais divisões.

O mundo, hoje, está-se a tornar mais e mais pequeno. Economicamente, e de outros pontos de vista, as diferentes áreas do mundo estão a tornar-se mais próximas e cada vez mais interdependentes. Por causa disto, têm-se realizado cimeiras internacionais: problemas num lugar remoto estão ligados à crise global. Esta situação expressa o facto de que é tempo, é necessário pensar mais num nível humano em vez de com base nos assuntos que nos dividem. Assim, falo-vos apenas como um ser humano e espero, sinceramente, que vocês estejam a escutar com o pensamento: "Sou um ser humano e estou a ouvir outro ser humano falar".

Todos queremos a felicidade. nNas cidades, no campo, mesmo em lugares remotos, as pessoas estão ocupadas e ativas. Qual é o principal objetivo desta atividade? Todos tentam criar felicidade. Fazer isto está certo. No entanto, é muito importante seguir o método correto na procura da felicidade. Temos de ter em mente que demasiado envolvimento num nível superficial não resolverá problemas maiores.

Há muitas crises e medos à nossa volta. Através do grande desenvolvimento da ciência e da tecnologia, atingimos um estado avançado ou um progresso material que são úteis e necessários. No entanto, se compararmos o progresso externo com o nosso progresso interno, é evidente que o nosso progresso externo é inadequado. Em muitos países, crises,

assassinatos, guerras e terrorismos são crônicos. As pessoas queixam-se do declínio da moralidade e do aumento da criminalidade. Apesar de, a nível externo, estarmos altamente desenvolvidos e continuarmos a progredir, ao mesmo tempo é igualmente importante desenvolver e progredir em termos de desenvolvimento interior.

No passado remoto, se houvesse uma guerra, o efeito – a extensão da destruição – era limitado. Hoje, porém, por causa do progresso material externo, o potencial de destruição vai muito além da imaginação. No ano passado, visitei Hiroshima. Mesmo tendo informações a respeito da explosão nuclear ali ocorrida, foi muito diferente estar no local, ver com meus próprios olhos e encontrar pessoas que realmente sofreram naquela altura. Fiquei profundamente emocionado. Uma arma terrível tinha sido usada. Embora possamos considerar alguém como inimigo, num nível mais interior, um inimigo é também um ser humano. Também quer ser feliz e tem o direito de ser feliz. Olhando para Hiroshima e pensando nisto, fiquei ainda mais convencido de que a raiva e o ódio não resolvem problemas.

A raiva não pode ser superada pela raiva. Se uma pessoa vos mostrar raiva e vocês responderem com raiva, o resultado é desastroso. Em contraste, se vocês controlarem a raiva e mostrarem atitudes opostas – compaixão, tolerância e paciência – então, não só vocês se manterão em paz, como a raiva do outro diminuirá gradualmente.

Do mesmo modo, problemas mundiais não podem ser solucionados pela raiva ou pelo ódio. Eles têm de ser enfrentados com compaixão, amor e verdadeira bondade. Pensem em todas as terríveis armas que existem. Apesar de tudo, as próprias armas sozinhas não podem iniciar uma guerra. O gatilho para as ativar está sob um dedo humano, que se move pelo pensamento, não pelo seu próprio poder. A responsabilidade permanece no nosso pensamento.

Se vocês olharem profundamente para estas coisas, o plano é encontrado dentro - na mente - de onde vêm as ações. Portanto, controlar em primeiro lugar a mente é muito importante. Não estou a falar de controlar a mente no sentido da meditação profunda, mas apenas de cultivar menos raiva, mais respeito pelos direitos do outro, mais preocupação com as outras pessoas, mais uma clara percepção da nossa igualdade como seres humanos. Pensem na visão ocidental da bolha oriental - por exemplo, da União Soviética. Vocês devem olhar para a União Soviética como irmãos e irmãs; o povo da Rússia é o mesmo que vocês. Os russos também devem olhar para este lado como irmãos e irmãs.

Essa atitude pode não resolver problemas imediatamente, mas temos que tentar. Temos que começar a promover esse entendimento através de revistas e da televisão. Em vez de apenas fazer anúncios para ganhar dinheiro para nós mesmos, precisamos de usar esses meios para algo significativo, algo seriamente direcionado para o bem-estar da humanidade. Não apenas dinheiro. O dinheiro é necessário, mas o propósito real do dinheiro é para os seres humanos. Às vezes, perdemos o interesse nos seres humanos. Às vezes, perdemos o interesse pelo humano e preocupamo-nos apenas com dinheiro. Isso não é sensato.

Afinal, todos nós queremos a felicidade e ninguém discordará do facto de que, com raiva, a paz é impossível. Com bondade e amor, a paz de espírito pode ser alcançada. Ninguém quer raiva, ninguém quer inquietação mental, mas, por causa da ignorância, elas ocorrem. Atitudes erradas, como a depressão, surgem do poder da ignorância, não por vontade própria. Através da raiva, perdemos uma das melhores qualidades humanas - o poder do julgamento. Temos um bom cérebro, que outros mamíferos não têm, o que nos permite julgar o que é certo e o que é errado, não apenas em termos das preocupações de hoje, mas considerando mais dez, vinte ou até mais cem anos no futuro. Sem qualquer precognição, podemos usar o nosso senso comum normal para determinar se algo é um método certo ou errado; podemos decidir que, se fizermos isto e aquilo, isso nos levará a tal efeito. Contudo, se a nossa mente estiver ocupada pela raiva, perderemos o poder de discernimento e quando o perdemos isto é muito triste. Fisicamente somos seres humanos, mas mentalmente estamos incompletos. Uma vez que temos esta forma física humana, devemos salvaguardar esta capacidade mental de percepção. Para tal, não podemos aceitar o nosso seguro; a companhia de seguros está dentro da autodisciplina, da autoconsciência e da clara percepção das desvantagens da raiva e dos efeitos positivos da bondade. Se refletirmos a respeito destas questões uma e outra vez, podemos ficar convencidos desta ideia e, então, com autoconsciência, conseguiremos controlar a mente.

Por exemplo: actualmente, talvez vocês sejam pessoas que se irritam facilmente com pequenas coisas. Com desenvolvida compreensão e consciencialização, isto pode ser controlado. Se ficam geralmente zangados durante dez minutos, tentem reduzi-los para oito. Na semana seguinte, reduzam para cinco e, no próximo mês, para dois. Depois, passem para zero. É assim que desenvolvemos e treinamos nossa mente.

É o que sinto e também o que eu próprio pratico. É perfeitamente claro que todos necessitam de paz interior. A questão, então, é como alcançá-lo. Através da raiva não podemos; através da bondade, através do amor, através da compaixão, podemos alcançar a paz de espírito de um indivíduo. O resultado disso é uma família pacífica - felicidade entre pais e filhos, menos discussões entre marido e mulher; nenhuma preocupação com o divórcio. Estendido a nível nacional, essa atitude pode trazer união, harmonia e cooperação com uma motivação genuína. A nível internacional, precisamos de confiança e respeito mútuos, discussões francas e amistosas, com motivações sinceras e um esforço conjunto no sentido de resolver problemas. Tudo isso é possível.

Precisamos, porém, mudar interiormente. Os nossos líderes nacionais têm feito o melhor que podem para resolver os nossos problemas, mas, quando um é resolvido, surge outro. Tenta-se solucionar este, surge mais num noutro lugar. Chegou o momento então de tentar uma abordagem diferente. Claro que é muito difícil realizar um movimento mundial pela paz de espírito, mas é a única alternativa. Caso houvesse outro método mais fácil e prático, seria melhor, porém não há. Se com armas pudéssemos chegar à paz duradoura, muito bem. Transformemos todas as fábricas em produtoras de armamentos. Gastemos todos os dólares necessários - se conseguíssemos a definitiva paz. Mas tal é impossível. As armas não permanecem guardadas. Quando uma arma é desenvolvida, mais cedo ou mais tarde, alguém a vai usar. Alguém pode sentir que se não a usar, então milhões de dólares foram desperdiçados, portanto deveria usá-la - deitar uma bomba para a experimentar. O resultado é que pessoas inocentes são mortas. Assim sendo, embora seja difícil tentar trazer a paz através da transformação interna, esta é a única maneira de alcançar a paz mundial duradoura. Mesmo que durante a minha vida tal não seja alcançado, está tudo bem. Mais seres humanos virão, a próxima geração e a seguinte, e o progresso poderá continuar. Eu sinto que apesar das dificuldades práticas e a percepção de que esta é considerada uma visão irrealista, vale a pena tentar. Portanto, onde quer que eu vá, eu exprimo estas coisas. Sinto-me encorajado que pessoas de diferentes esferas da vida, geralmente, as recebam bem.

Cada um de nós é responsável por toda a humanidade. Chegou a hora de pensarmos nas outras pessoas como verdadeiros irmãos e irmãs e de nos preocuparmos com o bem-estar deles, diminuindo o seu sofrimento. Mesmo que vocês não possam sacrificar-se

inteiramente, não deverão esquecer-se das dificuldades dos outros. Temos de pensar mais sobre o futuro em benefício de toda a humanidade.

Além disso, se vocês tentarem subjugar os vossos motivos egoístas - raiva, e assim por diante - e desenvolverem mais gentileza e compaixão pelos outros, em última análise, vocês mesmos beneficiarão mais do que de outra maneira. Então, às vezes, eu digo que o sábio egoísta deve praticar dessa forma. Pessoas tolas e egoístas estão sempre a pensar em si mesmas e o resultado é negativo. Pessoas sábias e egoístas pensam nos outros, ajudam os outros tanto quanto podem e o resultado é que elas também recebem benefícios. Esta é minha simples religião. Não há necessidade de templos; não há necessidade de filosofia complicada. O nosso próprio cérebro, o nosso próprio coração é nosso templo; a filosofia é bondade.

Dalai Lama